

UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

UDIRLEI ANDRADE DA SILVA

O GÊNERO REPORTAGEM NA SALA DE AULA

Uma proposta de ensino para desenvolver a leitura, a escrita e a oralidade

SANTARÉM-PARÁ

2019

UDIRLEI ANDRADE DA SILVA

O GÊNERO REPORTAGEM NA SALA DE AULA

Uma proposta de ensino para desenvolver a leitura, a escrita e a oralidade

Dissertação de Mestrado submetido à Aprovação
ao Mestrado Profissional em Letras, da
Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa).

Orientador: Professor Dr. Roberto do Nascimento
Paiva.

SANTARÉM-PARÁ

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado Bibliotecas – SIBI/UFOPA

- S586c Silva, Udirlei Andrade da
O gênero reportagem na sala de aula: uma proposta de ensino para desenvolver a leitura, a escrita e a oralidade. / Udirlei Andrade da Silva . – Santarém, 2019.
183f.: il.
Inclui bibliografias.
- Orientador: Roberto do Nascimento Paiva
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação. Mestrado Profissional em Letras.
1. Leitura. 2. Escrita. 3. Gêneros textuais. 4. Reportagem. I. Paiva, Roberto do Nascimento, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 372.4

UDIRLEI ANDRADE DA SILVA

O GÊNERO REPORTAGEM NA SALA DE AULA

Uma proposta de ensino para desenvolver a leitura, a escrita e a oralidade

Trabalho apresentado à coordenação do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Oeste do Pará, como requisito para obtenção do título de mestre.

Aprovado em: 17/06/2019.


MSc. DENNISON CELIO DE OLIVEIRA CARVALHO, UFOPA

Examinador Externo ao Programa


Dr. ANDREI SANTOS DE MORAIS, UFOPA

Examinador Interno


Dr. ROBERTO DO NASCIMENTO PAIVA, UFOPA

Presidente


UDIRLEI ANDRADE DA SILVA

Mestrando

AGRADECIMENTOS

Ao nosso bom Deus, pela superação dos desafios e dos obstáculos enfrentados ao longo desses dois anos de estudo e pesquisa;

À Escola Municipal de Ensino Fundamental Elza Albuquerque de Lima, que me recebeu de braços abertos e possibilitou a execução da Proposta de Intervenção, que subsidiou esta Dissertação;

Aos meus alunos da 3ª e 4ª etapas da Escola Municipal de Ensino Fundamental Elza Albuquerque de Lima, pela participação nesta etapa tão importante do Mestrado em Letras, aos diretores e coordenadores da escola;

Aos meus pais – Francisco Lopes da Silva e Sinamor Andrade da Silva; aos meus irmãos – Udirlan Andrade da Silva e Simara Cristina Andrade da Silva; às minhas sobrinhas – Samily, Sara, Taynara e Victória e sobrinho – Marco Paulo Gomes; e aos amigos Mirian Lanes Gomes e Temístocles Paz;

Aos meus colegas de trabalho da Coordenadoria de Comunicação da Prefeitura de Juruti – Ademir Santos, Aline Santana, Bruno Andrade (ex-servidor), Diego Rocha, Fábio Santarém, Giselle Vale (ex-servidora), Raul Moutinho, Roberto Santos, e Silvágner Grigório;

À Universidade Federal do Oeste do Pará – Campus de Juruti;

A todos os meus colegas do Profletras 2017 (Ufopa) - Alessandra, Edivandro, Edriana, Francileide, Ivanilce, Janete, Jax, Josiane, Lourivânia, Luiz, Márcia, Robson, Rosiane e Rosilene.

Aos nossos professores, Ana Maria Vieira, Cristina Vaz, Ediene Pena Ferreira, Edivaldo Bernardo, Heliud Maia, Luis Percival, Roberto Paiva e Zair Santos.

RESUMO

Considerada uma atividade fundamental no desenvolvimento intelectual do aluno, a leitura na sala de aula tem sido objeto de estudo cuja a finalidade é mostrar que essa prática pode contribuir com a formação de um leitor crítico e participativo, contribuindo no desenvolvimento da escrita e da oralidade. Na teoria é tudo tão bonito, mas na prática, percebemos uma realidade triste, onde o aluno mostra-se desmotivado, professores que ainda insistem em priorizar o ensino da gramática tradicional, desconsiderando a importância do ensino da leitura e da escrita no desenvolvimento da competência comunicativa do aluno. Diante disso, elaboramos uma proposta de ensino utilizando o gênero textual reportagem, aplicada no decorrer do ano letivo de 2018, com os alunos da 3ª e da 4ª etapa da Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Elza Albuquerque de Lima (Juruti-Pará). Desenvolvemos uma pesquisa participante, com “a interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas” (GIL, 1991) com alunos da 3ª e da 4ª etapa da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no decorrer do ano letivo de 2018, com o professor exercendo o papel de pesquisador. No nosso referencial teórico pesquisamos autores consagrados em cada um dos eixos abordados nesta dissertação: 1- Leitura: Silva (2010), Bamberger (1987), Castrillón (2011) e Petit (2008); 2 - Tipos e Gêneros Textuais: Bakhtin (1992) e Marcuschi (2008); e 3 - Reportagem na Sala de Aula: Farias (2006), Lopes-Rossi (2005), Cunha (2003) e Lage (2009). Por meio desta pesquisa foi possível concluir que o gênero textual reportagem na sala de aula é uma ferramenta que torna possível a formação de leitores e produtores de textos segundo a perspectiva discursiva, mas para isso, o professor – considerado a peça principal neste processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita, deve possuir habilidades e conhecimentos suficientes para despertar nos seus alunos o gosto pela leitura, e conseqüentemente, os argumentos e os subsídios necessários no seu desenvolvimento como leitor, contribuindo também com avanços na sua oralidade.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Escrita. Gêneros Textuais. Reportagem.

ABSTRACT

Considered a fundamental activity in the student's intellectual development, reading in the classroom has been object of study whose purpose is to show that this practice can contribute to the formation of a critical and participatory reader, contributing in the development of writing and orality. In theory everything is so beautiful, but in practice, we perceive a sad reality where the student is demotivated, teachers who still insist on prioritizing the teaching of traditional grammar, disregarding the importance of teaching reading and writing in the development of competence communication. Therefore, we elaborated a proposal of teaching using the textual genre report, applied during the academic year of 2018, with the students of the 3rd and 4th stage of Youth and Adult Education of the Municipal School of Elementary Education Elza Albuquerque de Lima (Juruti-Pa). We developed a participatory research with "interaction between researchers and members of the situations investigated" (GIL, 1991) with students from the 3rd and 4th stage of Youth and Adult Education (EJA) during the academic year 2018, with the teacher (2010), Bamberger (1987), Castrillón (2011) and Petit (2008), 2 - Types and evaluations, In this paper, we present the results of the study of the literature of the literature on the subject: Bakhtin (1992) and Marcuschi (2008), and 3 - Report in the Classroom: Farias (2006), Lopes-Rossi (2005), Cunha (2003) and Lage to conclude that the textual genre in the classroom is a tool that makes possible the formation of readers and producers of texts according to the discursive perspective, but for this, the teacher - considered the main piece in this teaching-learning process of reading and must have r enough skills and knowledge to awaken in their students the taste for reading, and consequently, the arguments and the necessary subsidies in their development with the reader, also contributing with advances in their orality.

KEY WORDS: Reading. Writing. Genres. Report.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. LEITURA NA SALA DE AULA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS	11
1.1. A importância da leitura.....	11
1.2. Leitura – decodificação e compreensão.....	14
1.3. A leitura na sala de aula.....	22
1.4. Etapas de Leitura	30
1.5. O professor como mediador da leitura	31
2. TIPOS E GÊNEROS DISCURSIVOS E O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA.....	36
2.1. Bakhtin e os gêneros discursivos.....	37
2.2. Tipos textuais, gêneros textuais e domínio discursivo	43
2.2.1. Tipos Textuais	43
2.2.2. Gêneros textuais.....	45
2.2.3. Domínio discursivo	50
2.2.4. Os gêneros do discurso e os PCN.....	51
3. NOTÍCIA E REPORTAGEM E O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA.....	54
3.1. Reportagem e Notícia	56
3.2. Estrutura da Notícia/Reportagem.....	63
3.3. O jornal impresso como recurso na sala de aula	66
4. RELATO E ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA.....	71
4.1. Local da Pesquisa.....	72
4.2. Público-alvo da pesquisa	74
4.3. Atividades desenvolvidas	76
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	143
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	146

INTRODUÇÃO

As avaliações nacionais aplicadas pelo Governo Federal na educação básica têm apresentado resultados nada animadores. É baixo o desempenho dos estudantes com relação ao processo ensino-aprendizagem da leitura e da escrita.

A escola é apontada por muitos pesquisadores como o local ideal para trabalhar o desenvolvimento da leitura, da escrita e da oralidade dos alunos na educação básica, mas, infelizmente, não é isso que temos percebido nas práticas adotadas pelos professores na sala de aula, especialmente daqueles que são responsáveis pelo ensino da língua materna.

Nesta dissertação, faremos uma abordagem teórica acerca da leitura, como essa é trabalhada pelo professor na sala de aula e quais as recomendações dos pesquisadores dessa área do conhecimento. A mesma abordagem é feita com relação às práticas desenvolvidas a partir do texto, na sala de aula.

Trabalhar leitura e escrita é uma atividade que precisa, além do conhecimento teórico, dedicação e tempo suficientes para conduzir os estudantes no caminho certo, oferecendo a eles as estratégias necessárias para a formação de um leitor e de um produtor de textos, contribuindo no desenvolvimento da sua competência comunicativa.

No capítulo 1 faremos uma abordagem acerca da leitura e do texto na sala de aula, o processo de ensino e de aprendizagem, e os desafios enfrentados tanto pelos professores quanto pelos alunos. Para desenvolver um trabalho que possa surtir os efeitos desejados, o professor precisa seguir a uma concepção que envolva o produtor, o texto e o leitor, numa proposta discursivo-interativa, consciente das etapas que o ato da leitura envolve. É a concepção de leitura adotada pelo professor que vai nortear as atividades a serem executadas. Os processos que contribuem para o desenvolvimento da competência comunicativa do estudante também serão abordados neste primeiro capítulo, assim como as estratégias que podem ser usadas na sala a fim de despertar no estudante o hábito da leitura, tão importante na formação do cidadão e no desempenho dele nos mais diversos contextos sociais.

O capítulo 2 será dedicado aos Gêneros Textuais, a contribuição deles no ensino da leitura e da escrita e no desenvolvimento da oralidade dos discentes, com ênfase nos estudos de Bakhtin (2003) que aponta que “o emprego da língua efetua-se em formas de enunciados (orais ou escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana”. A comunicação entre as pessoas pode ocorrer através da fala e da escrita, por meio dos gêneros textuais, que apresentam características próprias, aplicados nos mais variados contextos sociais por onde o indivíduo circula. Para garantir a eficiência no processo de comunicação o estudante precisa conhecer as características, os objetivos e as finalidade, e o momento adequado do uso desses gêneros textuais.

No capítulo 3 serão feitas considerações sobre o tipo textual informativo, destacando os gêneros notícia e reportagem e suas contribuições no ensino da língua materna. Optamos pelo uso do referido gênero em virtude de o mesmo estar presente no dia a dia do estudante, manifestando-se em diversos suportes, como o Rádio, a TV, a *internet*, jornais e revistas impressos etc. Além de ser encontrados com uma certa facilidade, os gêneros informativos, como as notícias e as reportagens, carregam características de outros tipos textuais, como o narrativo, o descritivo e o argumentativo, o que pode favorecer o seu processo de ensino por meio de ações pedagógicas que o professor pode desenvolver na sua prática docente.

No capítulo 4 apresentaremos o relato e a análise da experiência desenvolvida na escola por meio de uma proposta de intervenção a partir do gênero textual reportagem, destacando os desafios e as oportunidades que o referido gênero proporcionou no decorrer das atividades, suas contribuições na formação de um leitor crítico e autônomo, que utiliza a escrita e a oralidade nos mais diversos contextos sociais presentes no seu cotidiano. A proposta é conduzir os estudantes na elaboração de uma reportagem sobre o Festival das Tribos Indígenas de Juruti (Festribal) – considerado uma das maiores manifestações culturais do Pará, realizado há 24 anos, no último fim de semana de julho, na cidade de Juruti. Pela proposta, os estudantes serão orientados à pesquisa bibliográfica e de campo, realizando entrevistas, captando as informações necessárias para a elaboração da reportagem. Os textos produzidos pelos próprios alunos com a orientação do professor-pesquisador serão publicados em uma revista especial sobre o Festribal.

E por últimos faremos as considerações finais com base nos resultados obtidos no desenvolvimento da proposta de intervenção, no que se refere à leitura, à escrita e a oralidade, a partir do gênero textual reportagem.

1. LEITURA NA SALA DE AULA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

1.1. A importância da leitura

A formação de um leitor crítico, autônomo e competente é um dos principais objetivos do ensino da Língua Portuguesa e um dos maiores desafios do professor de língua materna. Um bom leitor é também um bom escritor. Por meio da leitura, o indivíduo adquire informações e conhecimentos importantes para atuar nas diversas situações do seu dia a dia. Torna-se um sujeito ativo e participativo na sociedade na qual está inserido por ter na bagagem o conhecimento precioso que a leitura pode proporcionar.

Uma escola que proporcione tudo isso e muito mais é o desejo dos pais que depositam nela a sua confiança. É na escola que o aluno vai obter os conhecimentos necessários para conviver na sociedade, que garanta sua inserção no mercado de trabalho, sua autonomia, enfim, os instrumentos capazes de lhe garantir a plena cidadania.

As ferramentas necessárias para que os objetivos elencados anteriormente sejam alcançados podem ser obtidas por meio da leitura. Prática essa que pode ser adquirida em casa e reforçada na escola, com o apoio, principalmente, do professor.

Penso que, de tudo que as escolas podem fazer com as crianças e os jovens, não há nada de importância maior que o ensino do prazer da leitura. Todos falam na importância de alfabetizar, saber transformar símbolos gráficos em palavras. Concordo. Mas isso não basta. É preciso que o ato de ler dê prazer. As escolas produzem, anualmente, milhares de pessoas com habilidades de ler mas que, vida afora, não vão ler um livro sequer. Acredito piamente no dito do evangelho: 'No princípio está a palavra...' É pela palavra que se entra no mundo humano. (ALVES, 1999, p. 61)

A leitura é um dos instrumentos que podem contribuir com o desenvolvimento do ser humano, em diversos aspectos. Bamberger (1987, p. 10) considera a leitura "um processo mental de vários níveis, que muito contribui para o desenvolvimento do intelecto". Apesar disso, nem sempre ela tem ocupado um espaço de destaque nas salas de aula e nos procedimentos metodológicos adotados pelos professores. A leitura parece estar longe da realidade dos alunos. Essa indiferença pela leitura tem

seus reflexos em outros ambientes sociais por onde os estudantes circulam diariamente. Crianças, jovens e adolescentes mostram-se desmotivados, desinteressados, preferindo ocupar o tempo, que poderia ser usado na prática da leitura, com outras atividades, a maioria delas incentivadas pela mídia e pelo desenvolvimento tecnológico.

Silva (2010, p. 16) ressalta que “[...] o acesso à leitura e aos livros nunca conseguiu ser democratizado em nosso meio”. O surgimento do livro não foi o suficiente para garantir a presença do mesmo em todas as esferas da sociedade. Nas nossas escolas, por exemplo, as bibliotecas – quando existem – não possuem acervos suficientes para atender à demanda. E muitas delas são usadas como depósitos onde são guardados instrumentos musicais, mobiliário sem condições de ser utilizado etc.

No ensino fundamental I, os estudantes têm contato com o mundo da leitura por meio de obras literárias. Na maior parte das escolas, projetos como o *Cantinho da Leitura*¹ contribuem para o ingresso da criança no mundo da ficção, mágico e alegre dos contos e histórias infantis. Em casa, boa parte das crianças também recebe uma dose de incentivo. Quem de nós quando criança teve a oportunidade de ouvir histórias da Branca de Neve, do Pinóquio, dos Três Porquinhos, do Pequeno Polegar, da Cinderela, contadas por nossos pais? Ou então, ficávamos caladinhos, concentrados na sala de aula quando a professora abria o livro para contar uma bela e divertida história. A criança que tem o contato com a leitura desde muito cedo é estimulada a ler.

Porém, no ensino fundamental II, percebe-se que as práticas voltadas para o incentivo à leitura na escola são deixadas de lado. Nas aulas de Português, o tempo dado ao ensino da gramática normativa ocupa quase que totalmente o espaço que poderia também ser usado na prática da leitura e da escrita. E na maioria das vezes, a leitura – que no fundamental I era motivo de lazer, diversão, entretenimento, fruição – no fundamental II acaba sendo imposta, desmotivando os estudantes que a partir de então passam a ter ojeriza à prática.

¹ O *Cantinho da Leitura* é um espaço especial que além de fazer parte da decoração ainda é um grande incentivo para estimular as crianças desde pequenas, a embarcarem no universo dos livros. Fonte: <https://soloinfantil.com/educacao/cantinho-leitura/> Acesso em 04 de abril de 2018.

Ao aluno falta o incentivo, e ao professor, na maioria dos casos, falta a prática para lidar com essa situação. Conforme Silva (2010, p. 31), “à pobreza dos acervos literários soma-se o baixo repertório de leitura de grande parcela de professores e bibliotecários”. Além disso, muitos dos nossos professores não receberam a formação adequada para trabalhar práticas da leitura e da escrita na sala de aula. A escola nem sempre também oferece condições para que ações dessa natureza possam ser desenvolvidas. Faltam livros apropriados para cada faixa de idade, projetos de incentivo à leitura, espaços adequados para o exercício da leitura e da escrita etc.

Bortoni-Ricardo et al. (2010, p. 53) reforçam o papel da escola na formação do indivíduo, por meio de ações que deem primazia à prática da leitura na escola.

[...] é tarefa da escola desenvolver atividades que propiciem que os estudantes progredam em relação ao desenvolvimento de habilidades leitoras ao longo da educação básica. Para tanto, é preciso que as escolas, ao desenvolverem seus projetos pedagógicos, considerem que um trabalho eficiente com leitura requer que sejam exploradas habilidades e competências em determinados níveis, de forma que, conforme o aluno progrida na educação básica, essas habilidades e competências possam tornar-se mais complexas.

Infelizmente, a situação em que se encontra boa parte das escolas brasileiras não contribui para o desenvolvimento de atividades voltadas para esse fim. “Não há espaço para ler, não se formam circuitos de leitura, não existe vinculação entre o lido e o vivido [...]” (SILVA 2010, p. 13). Ou seja, além da estrutura necessária para promover ações que possibilitem a prática da leitura, da escrita e da oralidade é necessário ainda preparar um material com conteúdo atraente, que possa despertar a atenção do estudante, vinculando a realidade vivida por ele ao conteúdo apresentado na escola.

Ao oferecer as condições necessárias para despertar e tornar a leitura um hábito, a escola cumpre um dos seus objetivos. Sabemos que essa tarefa não é nada fácil, mas se houver o esforço de todos, os obstáculos que surgem ao longo do trajeto podem ser superados.

[...] é fundamental que se ofereça grande quantidade de material de leitura capaz de interessar e divertir os alunos, não só aumentando a sua capacidade de leitura, como também introduzindo um hábito permanente de leitura". (BAMBERGER, 1987, p. 28)

Quanto mais cedo o aluno se sentir motivado à prática da leitura, a ter um contato com o livro, melhor será o seu desempenho nas atividades escolares, na sua formação como cidadão. "Precisamos inculcar nos jovens nessa idade a ideia de que os livros estão a sua espera, que eles poderão ajudá-los a encontrar respostas para suas perguntas e indicar soluções". (SOLÉ, 1998, p. 67)

1.2. Leitura – decodificação e compreensão

Até aqui apresentei a importância que a leitura tem na formação do aluno em diversos aspectos. Mas, afinal de contas, o que é leitura? Para responder a esse questionamento, vamos recorrer a documentos oficiais que direcionam o ensino da língua materna e a alguns autores que têm se dedicado à pesquisa a respeito da influência que a leitura exerce na vida do indivíduo, como Silva (2010), Bamberger (1997) e Solé (1998).

Durante muitos anos, acreditou-se que o ensino da leitura estivesse relacionado apenas à habilidade de decodificação² adquirida nos primeiros anos da vida escolar do indivíduo. O reconhecimento das letras e das palavras seria o suficiente para que o aluno, de fato, dominasse a prática da leitura. Mas hoje, estudos mostram que a leitura vai muito além da simples decodificação. Infelizmente, os alunos apenas têm decodificado a escrita, não conseguem interpretar as informações apresentadas no texto, sequer conseguem encontrar a ideia principal do texto que acabaram de ler.

Acerca da concepção do que é a leitura, MEC (2012) destaca que trata-se de "uma prática de interação social, é encontro de sujeitos: leitor e autor, mediados pelo texto", que pode contribuir para o desempenho escolar, a elevação do nível intelectual

² A decodificação "pode ser compreendida, dentro dos processos da leitura, como a capacidade para identificar um signo gráfico por um nome ou por um som". (SOLÉ, 1998, p. 25)

do aluno, na formação de um cidadão crítico, consciente do seu papel na sociedade.

E acrescenta:

É ainda um processo que exige um trabalho de compreensão textual, tendo em vista seus objetivos e seus conhecimentos sobre o assunto e o tema, o autor, a linguagem e a língua, o gênero textual. Neste processo, o leitor colocar em ação estratégias cognitivas de seleção, antecipação, inferência e verificação de informações do texto que lê.

A obra Pró Letramento – Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental: Alfabetização e Linguagem (MEC 2008) também contribui para o conceito da leitura:

[...] se trata de uma atividade que depende de processamento individual, mas se insere num contexto social e envolve disposições atitudinais, capacidades relativas à decifração do código escrito e capacidades relativas à compreensão, à produção de sentido [...] capacidades necessárias ao processo de alfabetização até aqueles que habilitam o aluno à participação.

A leitura é um processo que não se limita apenas à decifração do código, é preciso entender a mensagem transmitida no texto. No dia a dia das nossas atividades escolares encontramos alunos que leem perfeitamente um texto do início ao fim, mas se perguntado sobre a mensagem transmitida pelo texto o aluno não sabe responder porque simplesmente não entendeu o texto. E essa falta de compreensão é apontada como um dos fatores que afastam cada vez mais o estudante da leitura. “[...] muitas crianças não leem livros porque não sabem ler direito” (BAMBERGER, 1987, p. 22). “Não conseguem interpretar ou posicionar-se de forma crítica diante dos textos que circulam dentro e fora da escola, provocando consequência negativas como sentimento de incapacidade, repetência e evasão escolar”. (ZACARIAS E PALMA, 2013). É preciso decifrar e entender o que está escrito.

O vocábulo Leitura corresponde, em seu sentido básico, à decifração e à inteligência de signos gráficos que representam a linguagem oral, estando as duas ações básicas de ler enunciadas nessa definição – decifrar e entender – de tal modo interligadas que uma implica a outra. Como, contudo, são distintas em seus fundamentos e qualidades (um escâner pode realizar a primeira, mas não faz a segunda; a interpretação ocorre em outras atividades humanas de que não participa a escrita), muitas vezes tem-se

equivocadamente considerado que ler implica apenas uma delas. (BRITTO, 2015, p. 26)

A leitura é uma prática tão fascinante por levar o sujeito a ambientes desconhecidos, proporcionando descobertas, contribuindo para a sua formação como cidadão conhecedor dos seus direitos e deveres. Bamberger (1987, p. 10) considera a leitura “um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade”. Os conhecimentos que a leitura pode proporcionar ao cidadão são inúmeros. Quanto mais se lê, mais se aprende.

O ato de ler é o caminho para novos mundos, através dele pode-se estar em qualquer lugar, época e momento. Ele permite também conhecer novas pessoas, divulgar teorias e pensamentos. É por meio do escrito que o autor se comunica com indivíduo, ampliando o saber do outro e transmitindo novas culturas [...] o ato de ler está presente no cotidiano das pessoas. A leitura abre mundos, além de ser necessária para o convívio social. (CONCEIÇÃO E PRATA, 2017)

A escola deve preparar o aluno para conviver, interagir, participar da sociedade onde a escrita desempenha um importante papel. E neste meio social onde o aluno está inserido, aprender a ler e a escrever não é o suficiente. O leitor/escritor necessita de outras habilidades para atuar de forma completa, crítica e competente.

Estamos imersos em uma sociedade cada vez mais centrada na escrita. Devido a essa realidade, não é o suficiente apenas aprender a ler e a escrever. É preciso que sejam desenvolvidas competências para usar a leitura e a escrita – daí surge o termo “letramento”. Ser letrado implica fazer uso competente e frequente da leitura e da escrita no dia a dia. Para tornar-se letrado, é preciso desenvolver nas práticas sociais de leitura e de escrita, ou seja, fazer uso dessas habilidades [...] o indivíduo letrado deve não apenas aprender a ler e a escrever, mas também apropriar-se da escrita, usar socialmente a leitura e a escrita para responder às demandas sociais. BORTONI-RICARDO, MACHADO E CASTANHEIRA (2010, p. 52)

A leitura tem sido usada nas nossas escolas como um mero pretexto para passar o tempo, manter os alunos ocupados, ou para atividades voltadas quase que exclusivamente para o ensino da gramática tradicional da Língua Portuguesa. Sem um objetivo concreto que possibilite a sua importância no dia a dia das atividades

humanas, essa prática tem afastado o aluno das boas possibilidades que a leitura pode proporcionar ao indivíduo. Solé (1998, p. 22 *apud* Solé 1987a) ressalta que a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto; neste processo tenta-se satisfazer (*obter uma informação pertinente para*) os objetivos que guiam sua leitura. A mesma autora acrescenta que um objetivo importante nesse período de escolaridade é que as crianças aprendam progressivamente a utilizar a leitura com fins de informação e aprendizagem.

Quem não tem o conhecimento da língua materna, apresenta dificuldade para se expressar oralmente e por meio da escrita e acaba sendo estigmatizado, marginalizado, se tornando alvo de discriminação. “Ler é uma competência extremamente valorizada entre nós. Tanto que a leitura é sempre vista de maneira positiva e sua ausência, de maneira negativa [...] saber ler, mais que garantir um lugar na faculdade, é um poderoso fator de inclusão social”. COSSON (2017, p.33).

Sobre este aspecto da importância da leitura, Britto (2016, p. 35), acrescenta: “para que as pessoas leiam mais é preciso que tenham mais tempo [...] que ler é uma maneira interessante e criativa para usar o tempo livre [...] que, quanto mais a pessoa ler maiores serão as recompensas”.

Petit (2009, p. 61) também colabora para reforçar esse posicionamento ao afirmar que por meio da leitura o indivíduo tem acesso ao saber, aos conhecimentos formais, podendo modificar as linhas do destino escolar, profissional e social. Ao longo da história, a leitura sempre exerceu dois papéis: ora como instrumento de poder ora como instrumento de exclusão social. Com relação a essa afirmação, Castrillón (2011, p.16) complementa:

[...] primeiro nas mãos da Igreja, que garantia para si, por meio do controle dos textos sagrados, o controle da palavra divina; em seguida, pelos governos aristocráticos e pelos poderes políticos e, atualmente, por interesses econômicos que dela tentam se beneficiar.

Segundo Petit (2008, p. 18), no início a leitura foi um exercício prescritivo, coercitivo, para submeter, controlar à distância, ensinar a se adequar a modelos, inculcar “identidades” coletivas, religiosas ou nacionais. No entanto, em muitas das nossas escolas, o tratamento dado à leitura só tem contribuído para afastar o aluno

dessa prática. A leitura na escola quase sempre é uma tarefa imposta pelo professor, o que causa o desinteresse do aluno e prejudica o trabalho do docente.

A leitura – principalmente na educação básica – tem despertado o interesse de pesquisadores que buscam introduzi-la no cotidiano escolar, mas que têm enfrentado uma série de obstáculos para alcançar tal objetivo. Ler não é simplesmente codificar e decodificar textos, como vimos anteriormente. Ler vai além. Ler provoca reflexões, estimula o pensamento crítico, contribuiu na formação de um sujeito autônomo e participativo.

Sobre esse aspecto, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1997, p. 40) destacam:

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modalizadoras. A leitura, por um lado, nos fornece a matéria-prima para a escrita: o que escrever. Por outro, contribui para a constituição de modelos: como escrever.

Padilha e Souza (*apud* Brito 2010) acrescentam que a leitura é algo muito amplo, não pode apenas ser considerada como uma interpretação dos signos do alfabeto. Produz sentido, ou seja, surge da vivência de cada um, é posta como prática na compreensão do mundo na qual o sujeito está inserido. Mas para chegar a esse ponto, é necessário uma série de procedimentos, especialmente no período escolar, que serão fundamentais na formação de um sujeito leitor. De acordo com Solé (1998, p. 65):

Aprender a ler não é muito diferente de aprender outros procedimentos ou conceitos. Exige que a criança possa dar sentido àquilo que se pede que ela faça, que disponha de instrumentos cognitivos para fazê-lo e que tenha ao seu alcance a ajuda de seu professor, que pode transformar em um desafio apaixonante o que para muitos é um caminho muito duro e cheio de obstáculos.

Solé (1998, p. 32) afirma que um dos múltiplos desafios a ser enfrentado pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente. E ela tem razão,

pois a leitura possibilitará a formação de um leitor capaz de tomar decisões que podem influenciar na melhoria da qualidade de vida e do desenvolvimento da sociedade da qual faz parte. “Isso é lógico, pois a aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas, e ela provoca uma desvantagem profunda nas pessoas que não conseguiram realizar essa aprendizagem” (Solé, 1998, p. 32).

Diariamente, estamos em contato com diferentes grupos sociais, cuja forma de interação varia consideravelmente. Na família, entre amigos, na escola, no trabalho etc., agimos de formas diferentes. E para que esse processo de interação seja realizado plenamente, precisamos assumir certas posturas, usar determinados vocábulos e assim por diante. A leitura possibilita conhecimentos que precisamos para agir conforme a situação comunicacional em que nos encontremos. Por meio dela adquirimos técnicas não só para a produção de textos escritos, como também para o desenvolvimento da oralidade.

A escola tem o grande desafio na formação do leitor, pois, de acordo com Castrillón (2011, p. 91) é o único meio de acesso à leitura para a grande maioria de habitantes da América Latina. Para que esse direito seja garantido, são necessárias condições favoráveis, como a disponibilidade de recursos materiais e a utilização deles nas práticas de leitura na escola. Condições essas evidenciadas nos PCN (BRASIL 1997, p. 71-72)

- A escola deve dispor de uma biblioteca em que sejam colocados à disposição dos alunos, inclusive para empréstimo, textos de gêneros variados, materiais de consulta nas diversas áreas do conhecimento, almanaques, revistas, entre outros.
- É desejável que as salas de aula disponham de um acervo de livros e de outros materiais de leitura. Mais do que a quantidade, nesse caso, o importante é a variedade que permitirá a diversificação de situações de leitura por parte dos alunos.
- O professor deve organizar momentos de leitura livre em que também ele próprio leia, criando um circuito de leitura em que se fala sobre o que se leu, trocam-se sugestões, aprende-se com a experiência do outro.
- O professor deve planejar atividades regulares de leitura, assegurando que tenham a mesma importância dada às demais. Ler por si só já é um trabalho, não é preciso que a cada texto lido se siga um conjunto de tarefas a serem realizadas.
- O professor deve permitir que também os alunos escolham suas leituras. Fora da escola, os leitores escolhem o que lêem. É preciso trabalhar

o componente livre da leitura, caso contrário, ao sair da escola, os livros ficarão para trás.

- A escola deve organizar-se em torno de uma política de formação de leitores, envolvendo toda a comunidade escolar. Mais do que a mobilização para aquisição e preservação do acervo, é fundamental um projeto coerente de todo o trabalho escolar em torno da leitura. Todo professor, não apenas o de Língua Portuguesa, é também professor de leitura.

Mas a tarefa não é tão fácil como podemos imaginar. Muitas escolas brasileiras não oferecem espaços adequados e nem profissionais habilitados para atuar como mediadores, incentivadores de leitura. Nas aulas de língua materna, a leitura quando é trabalhada na sala de aula, é imposta pelo professor com a finalidade única de atribuir nota. Mais um ponto negativo, como afirma Machado (2002, p.15): “Tentar criar gosto pela leitura, nos outros, por meio de um sistema de forçar a ler só para fazer a prova? É uma maneira infalível de inocular o horror a livro em qualquer um”. Sobre esse aspecto, Kleiman (2004, p. 16) afirma que “ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair o sentido. Essa é uma boa caracterização da tarefa de ler em sala de aula: para uma grande maioria dos alunos ela é difícil demais, justamente porque ela não faz sentido”.

Apesar da importância que os livros representam para a sociedade, a relação entre a leitura e o leitor ainda não é a ideal. O livro, de acordo com Pondé e Yunes (1998, p. 25), ainda mantém uma certa distância da população, por motivos diversos. Para muitos estudantes, a escola é o único local onde é possível ter acesso a livros de diversos temas, embora o destaque maior seja dado ao livro didático. A falta de projetos pedagógicos voltados para o incentivo ao hábito da leitura, muitas vezes, acaba deixando de lado um rico e variado acervo, submetendo os estudantes a práticas que em nada contribuem na formação do leitor e no incentivo ao hábito da leitura.

Dentre as inúmeras causas que têm contribuído para o distanciamento aluno-leitura, Kleiman (2004, p. 15) destaca a falta de formação do professor – principal mediador na sala de aula. No curso de graduação, quase nenhum preparo é oferecido aos futuros profissionais para lidar com esse processo na escola. E mesmo depois de formado, o professor quase não tem um tempo disponível para participar de cursos de aperfeiçoamento etc.

[...] ao lugar cada vez menor que a leitura tem no cotidiano do brasileiro, à pobreza no seu ambiente de letramento (o material escrito com o qual ele entra em contato, tanto dentro como fora da escola), ou ainda, à própria formação precária de um grande número de profissionais da escrita que não são leitores, tendo, no entanto, que ensinar a ler e a gostar de ler.

A mesma autora acrescenta outros aspectos relevantes que também acabam tornando a prática da leitura algo desgastante e distante do dia a dia do aluno. Textos sem relevância e que pouco acrescentam na vida do estudante também são citados por ela:

[...] para a maioria, a leitura não é aquela atividade no aconchego do lar, no canto preferido, que nos permite nos isolarmos, sonhar, esquecer, entrar em outros mundos, e que tem suas primeiras associações nas estórias que a nossa mãe nos lia antes de dormir. Pelo contrário, para a maioria, as primeiras lembranças dessa atividade são a cópia maçante, até a mão doer, de palavras da família do d, “*Dói o dedo do Didu*”; a procura cansativa, até os olhos arderem, das palavras com o dígrafo que deverá ser sublinhado naquele dia, [...] “dificuldades” imaginadas e reais substituem o aconchego e o amor para essas crianças, entavando assim o caminho até o prazer. (KLEIMAN, 2004, p. 16)

Na obra “No Lugar da Literatura – Biblioteca e Formação”, Britto (2016) afirma que o gosto não é determinações biológicas ou genéticas, nem é fruto de uma aprendizagem autodirigida e imanente; gosto se aprende, se muda, se cria, se ensina. Por esta afirmação, mais uma vez chamamos a atenção para a importância da escola e do professor na formação do leitor tão sonhado, tão desejado.

A leitura exerce um papel importante não só na escola, mas em todos os ambientes do convívio social do indivíduo. Um bom leitor terá argumentos suficientes para agir em qualquer situação, pois vai adquirir habilidades e conhecimentos por meio da leitura.

[...] a leitura não é apenas um instrumento de trabalho para aqueles que atuam no setor. Independente de sua prática na escola ou na biblioteca, ou seja, no sistema educativo-cultural, ela é um bem a ser usufruído por todos, em qualquer época ou situação. E qualquer pessoa é capaz de chegar a uma interpretação do texto; é preciso familiarizar-se com a leitura e exercitar o

juízo crítico, pondo as obras lidas em correlação permanente. (PONDÉ E YUNES, 1998, p. 45).

1.3. A leitura na sala de aula

A inserção da leitura na sala de aula não é uma tarefa fácil, pois boa parte dos estudantes não tem disposição e nem ânimo para a prática dessa atividade. Esse é um dos principais desafios que o professor enfrenta diariamente no exercício de sua atividade docente. Mas o que tem causado esse distanciamento entre aluno/leitor e a leitura?

Um dos motivos tem sido a falta de investimento do governo na educação de qualidade, que propicie uma boa formação do aluno leitor. Boa parte das nossas escolas apresenta estruturas precárias, com livros e bibliotecas sem condições de uso. Em casa, os estudantes também não recebem da família um incentivo visando à prática da leitura. É verdade que os pais muitas vezes servem de exemplos para os filhos. O filho que desde pequeno observa os pais praticando a leitura vai crescer executando essa mesma prática. Infelizmente, essa não é a realidade vivida hoje nos lares brasileiros. As pessoas quase não possuem mais tempo para a leitura. E essa falta de incentivo é reforçada na escola, que tem priorizado o ensino da gramática normativa em detrimento a uma boa prática que incentive a leitura e a formação de leitores.

Os textos abordados na sala de aula são quase sempre os que estão no livro didático. Grande parte vem fragmentada, descontextualizada, servindo apenas para que deles sejam extraídos exemplos do que o professor ensina de acordo com a variação padrão, de forma prescritiva.

[...] o fato dos nossos alunos não gostarem de ler – fato esse amplamente conhecido e divulgado – deve ser atribuído, principalmente, à pseudopedagogia ou antipedagogia da leitura, adotada no âmbito das nossas escolas. (SILVA, 2010, p. 112)

Os textos usados pela maioria dos professores nas aulas de Língua Portuguesa geralmente estão distantes da realidade do aluno. O uso deles tem pouco ou quase nada a acrescentar na vida do estudante, daí surge o sentimento da rejeição

e da falta de vontade de ler. Alguns, retirados do suporte original para fazer parte do livro didático usado na escola, perdem o seu significado original, a sua linha de raciocínio, são recortes que

[...] na maioria das vezes, são artificiais e nada dizem às experiências, aos desejos e às aspirações dos alunos; são de segunda mão, inseridos nos livros didáticos através de critérios duvidosos; são como que contrabandeados pelas editoras para dentro das escolas, numa total desconsideração pelos interesses dos leitores e pelo trabalho do professor; são dispersos e fragmentados, dificultando o adentramento crítico em determinados problemas da realidade; são redundantes, do estilo sempre-a-mesma-coisa, cujos significados, exemplarmente prefixados, devem ser parafraseados pelo leitor para efeito de avaliação e nota; são ainda normativos e ideologicamente comprometidos com uma visão estática da realidade, mentindo sobre a vida social concreta; enfim, são textos que não interagem com o aluno-leitor, e contribuem para a morte paulatina de sua vontade de ler [...]. (SILVA 2010, p. 17-18)

As nossas escolas não têm trabalhado visando à formação de leitores. Os alunos têm buscado simplesmente a assimilação de conteúdos para aplicação determinada, esquecendo-se do que foi “aprendido” logo após essa etapa, como menciona Alves (2000, p. 53):

[...] tudo, em nossas escolas, está orientado no sentido de testar saberes. A questão do amor pelo objeto – seja a geografia, a história, as ciências – é estranha aos nossos objetivos educacionais. Não admira que, passados os vestibulares, livros sejam esquecidos nas estantes. Às escolas e aos pais pouco importa o prazer que o aluno passa ter. o que importa é o boletim.

O problema tem chamado a atenção de pesquisadores e profissionais da área, que buscam encontrar alternativas para solucioná-lo. O resultado de tudo isso tem refletido nas avaliações nacionais instituídas pelo Governo Federal, e em alguns casos pelo Governo Estadual – como é o caso do Estado do Pará através do SisPAE³ (Sistema Paraense de Avaliação Educacional). Os resultados dessas avaliações –

³ É uma ação cujo paradigma é a “Prova Brasil” do MEC. Evento bianual, trata-se de uma avaliação em larga escala da educação paraense, composta de provas e questionários de pesquisa de fatores contextuais associados ao desempenho escolar. Envolve escolas das redes do Estado e dos Municípios. Fonte: <http://www.consed.org.br>.

nem sempre satisfatórios – têm provocado uma série de estudos. As causas desse mau desempenho são diversas. De acordo com Prado (2017),

especialistas nos estudos da linguagem, nos últimos trinta anos, têm-se debruçado sobre a “crise da leitura” no Brasil e apontado como suas causas tanto razões político-sociais (políticas sociais de exclusão, condições materiais da escola, formação do professor) quanto procedimentos didático-pedagógicos (falta de finalidade e artificialidade do ensino da leitura).

Percebemos, de acordo com as colocações da autora, que são vários os fatores que têm levado à crise da leitura no Brasil. Para solucionar o problema são necessários investimentos em diversas áreas, especialmente na escola – que deve oferecer ao aluno espaços e condições ideais para o ensino da leitura, e na formação dos docentes – que precisam ser capacitados para atuar de forma adequada na sala de aula no ensino da leitura.

Além disso, os métodos que são usados atualmente na sala de aula nem sempre são os ideais para incentivar a prática da leitura. Um dos pontos principais para despertar o interesse dos alunos é mostrar a eles os objetivos que podem ser alcançados por meio da leitura. Kock & Elias (2010, p.19) revelam que são, pois, os objetivos do leitor que nortearão o modo de leitura, em mais tempo ou menos tempo; com maior atenção ou com menor atenção; com maior interação ou com menor interação, enfim.

Com relação ao assunto abordado no parágrafo anterior, citamos uma afirmação de Foucambert (2008, p. 63). As ferramentas e os suportes que podem ser levados para a sala de aula podem – e devem – ser os recursos que fazem parte do cotidiano do aluno. Instrumentos que estão presente no seu dia a dia, nas mais diversas atividades por ele desenvolvidas.

Ler é, então, antes mesmo de procurar informação, ter escolhido a informação que se procura. Ler, que se trate de um jornal, de um romance, de uma bula, de um poema, de um relato de experiência, da legenda de um filme, de um mapa, ou de uma peça de teatro, trata-se sempre de uma atividade que encontra sua significação porque está inscrita no interior de um determinado projeto. Pode-se discutir o valor do projeto, mas isto posto, a leitura é uma: trata-se sempre de tomar as informações que escolhemos tomar.

Nas últimas décadas, a busca pela promoção da leitura tem ganhado reforço por meio de uma série de campanhas publicitárias, partindo do poder público e até mesmo de organizações privadas. Nos meios de comunicação – TV, Rádio, Internet, Jornal etc. – campanhas e mais campanhas são lançadas periodicamente. No entanto, esses incentivos não chegam aonde deveriam chegar: a escola.

Há várias décadas, três ou quatro, o mundo inteiro tem promovido a leitura por meio de campanhas, planos e projetos que acabam por desviar a atenção do verdadeiro problema, criando a ilusão de que se está fazendo algo pela leitura (...) Digo que essas campanhas desviam a atenção do verdadeiro problema, porque este se localiza na educação e nas possibilidades reais de acesso democrático à leitura e à escrita. (CASTRILLÓN, 2011)

Na escola, os estudantes podem ter acesso às estratégias de leitura que possibilitarão seu desenvolvimento, apresentando bons resultados. O ensino das técnicas visando à formação de um leitor autônomo, que obtenha bons resultados na produção textual e até mesmo na oralidade, é apontado por Foucambert (2008, p. 23), como uma das soluções que a escola pode adotar:

A metade das crianças no final da escola elementar atinge um nível de leitura que não ultrapassa em eficácia (rapidez e compreensão) o que elas obtém com a audição, elas ficarão algum tempo nessa fase e regredirão depois muito depressa. Menos da metade das outras conseguirão chegar ao critério indicado; ora, é necessário repetir que esses critérios não supõem nenhum dom particular, somente uma aprendizagem correta.

“Os objetivos dos leitores [...] podem ser muito variados, e ainda que os enumerássemos nunca poderíamos pretender que nossa lista fosse exaustiva; haverá tantos objetivos como leitores em diferentes situações e momentos”. (SOLÉ. 1998, p. 93). Antes de iniciar atividades de leitura na sala de aula, o professor precisa saber o objetivo a ser alcançado para orientar os estudantes a percorrerem os caminhos necessários para chegar ao resultado esperado. Abaixo, destacamos alguns aspectos apresentadas pela autora, relativos aos objetivos que podem ser apresentados na sala de aula no trabalho com a leitura:

Ler para obter uma informação precisa – é a leitura que realizamos quando pretendemos localizar algum dado que nos interessa. Esse tipo de leitura caracteriza-se pelo fato de que, na busca de alguns dados, ocorre concomitantemente o desprezo por outros [...] Exemplos característicos de leitura para localizar uma informação concreta são os seguintes: a busca de um número telefônico em uma lista; a consulta do jornal para descobrir em que cinema e horário será projetado um filme a que queremos assistir; a consulta de um dicionário ou de uma enciclopédia, etc.

Ler para seguir instruções – [...] a leitura é um meio que deve permitir fazer algo concreto: ler as instruções de um jogo, as regras de uso de um determinado aparelho, a receita de uma torta, as orientações para participar de uma oficina de experiências, etc.

Ler para obter uma informação de caráter geral – esta é a leitura que fazemos quando queremos “saber de que se trata” um texto, “saber o que acontece”, ver se interessa continuar lendo... Quando lemos para obter uma informação geral, não somos pressionados por uma busca concreta, nem precisamos saber o que detalhadamente o que diz o texto; é o suficiente ter uma impressão, com as ideias mais gerais. Poderíamos dizer que é uma leitura guiada sobretudo pela necessidade do leitor de aprofundar-se mais ou menos nela, e neste ponto ela difere um pouco das anteriores.

Ler para aprender – [...] quando a finalidade consiste de forma explícita em ampliar os conhecimentos de que dispomos a partir de um texto determinado [...] De qualquer forma, quando por decisão pessoal ou para acatar decisões de outros, o aluno lê para aprender, sua leitura possui características diferentes das formas de ler dominadas por outros objetivos.

Ler para revisar um escrito próprio – [...] Quando lê o que escreveu, o autor/revisor revisa a adequação do texto que elaborou para transmitir o significado que o levou a escrevê-lo; neste caso, a leitura adota um papel de controle, de regulação, que também pode adotar quando se revisa um texto alheio, mas não é a mesma coisa.

Ler por prazer – pouco posso dizer sobre esse objetivo, e é lógico, pois o prazer é algo absolutamente pessoal, e cada um sabe como o obtém. Assim, talvez a única coisa a ressaltar neste caso é que a leitura é uma questão pessoal, que só pode estar sujeita a si mesma.

Ler para comunicar um texto a um auditório – este tipo de leitura é própria de grupos de atividades restritos (ler um discurso, um sermão, uma conferência, uma aula magistral, ler poesia em uma apresentação). Sua finalidade é que as pessoas para as quais a leitura é dirigida possam compreender a mensagem emitida, e para isso o leitor pode utilizar toda uma série de recursos – entonação, pausas, exemplos não lidos, ênfase em determinados aspectos... – que envolvem a leitura em si e que estão destinados a torna-la amena e compreensível.

Ler para praticar a leitura em voz alta – na escola, esse objetivo preside com grande frequência as atividades de ensino da leitura, às vezes mesmo com exclusividade [...] No entanto, o professor costuma acrescentar aos objetivos da compreensão; por isso, é frequente que, depois de uma atividade de leitura coletiva em voz alta, ele faça perguntas sobre o conteúdo do texto, para avaliar se o compreenderam.

Leitura para verificar o que se compreendeu – ainda que quando enfrentamos um texto tenhamos algum propósito, este pode implicar a compreensão total ou parcial do texto lido, um uso escolar da leitura, muito aplicado por outro lado, consiste em que os alunos e alunas devam dar conta da sua

compreensão, respondendo a perguntas sobre o texto ou recapitulando-o através de qualquer outra técnica. (SOLÉ, 1988)

O texto precisa apresentar algum sentido para a vida do aluno, caso contrário, contribui para a falta de motivação do hábito de ler. Essa é uma boa caracterização da tarefa de ler em sala de aula: para uma grande maioria dos alunos ela é difícil demais, justamente porque não faz sentido. A escolha do texto para ser trabalhado na sala de aula deve ser criteriosa, mas, infelizmente, quase sempre é feita às pressas, sem nenhum critério, sem planejamento. “Um texto sempre se refere a um determinado contexto; ele é, em verdade, uma “ponte” para determinados aspectos da realidade” (SILVA, 2010, P. 18). Se não acrescentar nada ao estudante, não despertará nele o interesse necessário para o desenvolvimento da leitura.

Percebemos que para obter bons resultados relacionados à formação do leitor, ao desenvolvimento da escrita e também da oralidade, faz-se necessário um rigoroso planejamento. As atividades precisam estar associadas a objetivos determinados, caso contrário, será perda de tempo distribuir textos e mais textos na sala de aula sem nem uma finalidade a ser alcançada, simplesmente para “passar o tempo” ou demonstrar que o professor tem desenvolvido “atividades” de leitura na aula de Língua Portuguesa. Além do método usado pelo docente, é importante que o professor tenha adquirido uma concepção acerca da leitura para poder desenvolver as atividades visando ao desenvolvimento desta prática.

Considero que o problema do ensino da leitura na escola não se situa no nível do método, mas na própria conceitualização do que é a leitura, da forma em que é avaliada pelas equipes de professores, do papel que ocupa no Projeto Curricular da Escola, dos meios que se arbitram para favorecê-la e, naturalmente, das propostas metodológicas que se adotam para ensiná-la. Estas propostas não representam o único e nem o primeiro aspecto; considerá-las de forma exclusiva equivaleria, na minha opinião, a começar a construção de uma casa pelo telhado. (SOLÉ 1998, p. 33)

Na sala de aula cabe ao professor apontar os propósitos para os quais os alunos devem observar durante o ato da leitura. A seguir, vamos discorrer acerca de algumas concepções apresentadas por Kleiman (2004), aplicadas nas nossas salas de aula, que têm afastado cada vez mais o estudante da prática da leitura.

A leitura como decodificação – uma prática [...] muito empobrecedora está baseada numa concepção da atividade como equivalente à atividade de decodificação. Essa concepção dá lugar a leituras dispensáveis, uma vez que em nada modificam a visão de mundo do aluno [...] se trata de uma tarefa de mapeamento entre a informação gráfica da pergunta e sua forma repetida no texto. Essa atividade passa por leitura, quando a verificação da compreensão, também chamada, no livro didático, de “interpretação, exige apenas que o aluno responda a pergunta sobre informação que está expressa no texto.

Leitura como avaliação – esse é um outro tipo de prática que inibe, ao invés de promover, a formação de leitores. Nas primeiras séries caracteriza-se essa prática por tal preocupação de aferimento da capacidade de leitura, que a aula se reduz quase que exclusivamente à leitura em voz alta. A prática é justificada porque permitiria ao professor “perceber se o aluno está entendendo ou não”, apesar de sabermos que é mais fácil perder o fio da estória quando estamos prestando atenção à forma, à pronúncia, à pontuação, aspectos que devem ser atendidos quando estamos lendo em voz alta. A carga cognitiva, já aumentada pela leitura em voz alta [...] é agravada quando o dialeto da criança não é o dialeto padrão, pois nesse caso ela deverá ainda traduzir o dialeto padrão na qual o texto está escrito para seu dialeto.

A integração numa concepção autoritária da leitura – a união de todos os aspectos que fazem da comunidade escolar uma paródia da leitura encontra-se numa concepção autoritária da leitura, que parte do pressuposto de que há apenas *uma* maneira de abordar o texto, e *uma* interpretação a ser alcançada. Essa concepção de leitura permite todas as deturpações já apontadas, que agora resumimos: a análise de elementos discretos seria o caminho para se chegar a uma leitura autorizada, a contribuição do aluno e sua experiência é dispensável, e a leitura torna-se uma avaliação do grau de proximidade ou de distância entre a leitura do aluno e a interpretação. A leitura é, no entanto, justamente o contrário: são os elementos relevantes ou representativos os que contam, em função do significado do texto, a experiência do leitor é indispensável para construir o sentido, não há leituras autorizadas num sentido absoluto, mas apenas reconstrução de significados, algumas mais e outras menos adequadas, segundo os objetivos e intenções do leitor.

A escola é um espaço propício para o exercício da leitura e da escrita. Por intermédio do professor, os alunos podem ter acesso a ferramentas que vão possibilitar a formação quanto leitor. Treinamento e disciplina são importantes neste processo, conforme ressalta Martins (1986, p. 84): “o homem é um ser pensante por natureza, mas sua capacidade de raciocínio precisa de tanto treinamento quanto necessita seu físico para, por exemplo, tornar-se um atleta”.

A partir do momento que o estudante se conscientizar do quanto é importante a leitura na sua vida, talvez haja uma mudança em suas atitudes, passando a dedicar-se a essa atividade. A tarefa é árdua porque requer disciplina. Fato esse que ganha reforço nas afirmações de Freire (1989, p. 59): “[...] estudar exige disciplina. Estudar não é fácil porque estudar é criar e recriar é não repetir o que os outros dizem”. Ou seja, a prática da leitura depende do esforço e do estudo, não somente para decodificar o que vem escrito numa folha de papel, mas partir do que está escrito fazer uma reflexão que vá contribuir na formação do aluno/leitor.

Aos poucos, é possível perceber que “a escola, por sua vez, ainda que de maneira insatisfatória, está tomando consciência, pouco a pouco, da importância da leitura e buscando metodologias adequadas [...]”. Pondé e Yunes (1988 p. 31).

O professor pode utilizar os benefícios que a tecnologia oferece na atualidade como ferramenta no processo de ensino da leitura e da escrita. Por meio da internet, por exemplo, o aluno tem a possibilidade de acessar vários conteúdos, informações, que podem enriquecer seu conhecimento, seu vocabulário, de forma dinâmica e atraente.

Um projeto de ensino da leitura na sala de aula com o uso da tecnologia pode despertar no aluno a vontade de ir à busca do conhecimento. É necessário que o professor ou outro profissional esteja capacitado para desenvolver essa atividade. Sobre os recursos que a tecnologia da informática proporciona e a sua contribuição, destacamos o que orientam os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN (BRASIL, 1997, p. 47):

O computador, em particular, permite novas formas de trabalho, possibilitando a criação de ambientes de aprendizagem em que os alunos possam pesquisar, fazer antecipações e simulações, confirmar ideias prévias, experimentar, criar soluções e construir novas formas de

representação mental. Além disso, permite a interação com outros indivíduos e comunidades, utilizando os sistemas interativos de comunicação: as redes de computadores.

1.4. Etapas de Leitura

Nas aulas de leitura o aluno precisa ter uma série de habilidades que vão além de traduzir sílabas ou palavras (signos linguísticos), em sons, isoladamente (a decodificar). Menegassi (1995), destaca que no processo de leitura há a ocorrência de 04 etapas: decodificação, compreensão, interpretação e retenção.

Com relação à decodificação, Menegassi (1995, p. 87), destaca:

Na decodificação, há a ligação entre o reconhecimento do material lingüístico com o significado que ele fornece. No entanto, 'muitas vezes a decodificação não ultrapassa um nível primário de simples identificação visual', pois se relaciona a uma decodificação fonológica, mas não atinge o nível do significado pretendido

A segunda etapa do processo de leitura diz respeito à compreensão, cuja ocorrência depende da relação entre o leitor e o texto, conforme explicam Menegassi e Calciolari (2002) "nesse caso, a compreensão só ocorre se houver afinidade entre o leitor e o texto; se houver uma intenção de ler, a fim de atingir um determinado objetivo".

A interpretação - a terceira etapa da leitura - vai possibilitar ao estudante o acesso a informações implícitas no texto. Isso só irá ocorrer se o aluno compreender o texto que leu, pois só assim vai conseguir, por exemplo, compreender o que está nas entrelinhas do texto.

Finalmente destacamos a quarta e última etapa do processo de leitura: a retenção. De acordo com Menegassi (*apud* Menegassi; Calciolari, 2002) a retenção

[...] diz respeito ao armazenamento das informações mais importantes na memória de longo prazo. Essa etapa pode concretizar-se em dois níveis: após a compreensão do texto, com o armazenamento da sua temática e de seus tópicos principais; ou após a interpretação, em um nível mais elaborado.

1.5. O professor como mediador da leitura

O papel do docente é fundamental para a formação do aluno leitor. O professor precisa ter conhecimentos para ser aplicados no cotidiano escolar. São necessárias técnicas de ensino a fim de formar um leitor completo. Cabe ao professor, que dia a dia está com o aluno na sala de aula, esta importante responsabilidade.

Boa parte da motivação que os alunos necessitam para adquirir o hábito da leitura provém do professor. Por isso é muito importante que o docente esteja preparado para formar leitores críticos e produtores de textos. Caso contrário, os prejuízos serão enormes e suas consequências vão acompanhar o indivíduo por toda vida. Um professor despreparado para atuar nesta situação pode causar um sério prejuízo na formação do aluno leitor, conforme destacam Pondé e Yunes (1998, p. 136):

A maioria das crianças chega à escola com um déficit cultural pela falta de estímulo socioeconômico, além das consequências da subnutrição durante o período de desenvolvimento neurocerebral. Um professor desmotivado e/ou desavisado do valor político da leitura fecha o círculo do desestímulo.

Além disso, é importante ressaltar que o ensino da leitura se torna difícil se o professor não possuir o hábito de ler. Muitas vezes, falta tempo para o exercício dessa prática, pois o baixo salário pago ao docente faz com que o mesmo opte pela carga horária máxima, quase sempre ultrapassando as 200h, não sobrando tempo para o lazer, por exemplo. Para formar leitores os professores também precisam ser leitores, precisam passar por experiências que despertem neles o gosto de ler.

Sem a sua presença atuante, sem o seu trabalho competente, o terreno dificilmente chegara a produzir o objetivo que a sociedade espera e deseja, ou seja, leitura e leitores assíduos e maduros. Vários estudos mostram que o repertório de leitura do professor de língua portuguesa é limitado e está estagnado, o que o leva a reproduzir mecanicamente sempre as mesmas indicações e práticas de leitura junto a seus alunos. Em certas regiões brasileiras, os textos conhecidos pelos professores se restringem quase exclusivamente àqueles inseridos nos livros didáticos e manuais de ensino. (SILVA, 2010, p. 19)

Pondé e Yunes (1998, p. 56) na obra *Leitura e Leituras da Literatura Infantil* também destacam o quanto é importante o papel do professor na formação do leitor. A prática do professor na sala de aula será decisiva tanto no sucesso quanto no fracasso – caso o mesmo não esteja preparado para lidar com a situação.

O despertar do interesse pelos livros passa obrigatoriamente pelos primeiros anos e pela escolarização. As crianças que não puderem beneficiar-se desse estímulo estarão certamente prejudicadas em relação às demais que, pelo meio familiar e escolar, descobriram a leitura. Assim os adultos têm um papel decisivo na iniciação que poderá transformar-se em prazer ou desprazer quase que definitivos. Doloroso é ver profissionais de leitura tão despreparados!

A prática pedagógica na sala de aula, conforme dito anteriormente, é um dos problemas ainda enfrentados na escola, pois em se tratando de leitura, as atividades desenvolvidas – em sua maioria - ainda não objetivam a formação do leitor. Silva (2010), no livro *A produção da leitura na escola: pesquisa X propostas*, apresenta três problemas encontrados na prática pedagógica dos professores que muito tem prejudicado o ensino da leitura na escola: a naturalidade perdida; o sentido legítimo, pronto e acabado; e a experiência descontínua e fragmentada.

A naturalidade perdida – [...] não mais se ler para melhor compreender a vida, mas para cumprir os artificialismos e pretextos impostos pela escola: treinamento da língua “cultura”, análises gramaticais, inculcações de valores, respostas fechadas a exercícios de compreensão e interpretação, pesquisas vazias na biblioteca, horários, provas, notas, etc. com isso a interação entre os textos e os leitores foi ficando cada vez mais distorcida, afetada ou estereotipada, desviando-se de propósitos como a fruição significativa e prazerosa, a reflexão, a discussão, a produção de novos significados, etc [...] recuperando a naturalidade do ato de ler e combatendo a parafernália artificial enraizada nas escolas, parece ser possível a encarnação da leitura na vida dos alunos.

O sentido legítimo, pronto e acabado – Cópia, paráfrase e memorização – este tem sido o tripé de atividades de leitura mais conhecido e utilizado nas escolas brasileiras, que tem suas origens no ensino catequético do período colonial. Ao copiar, o leitor produz as mesmas palavras e o mesmo sentido do texto; ao parafrasear, o leitor produz o mesmo sentido com outras palavras; ao memorizar, o leitor reproduz respostas com sentidos preestabelecidos e já esperados. A escola, o professor ou o livro didático definem de antemão o sentido que deve ser fornecido pelos alunos a partir da leitura de um texto.

A expectativa descontínua e fragmentada – a promoção da leitura é uma responsabilidade de todo o corpo docente de uma escola e não apenas dos

professores de língua portuguesa. Não se supera uma dificuldade ou uma crise com ações isoladas.

Silva (2010) destaca ainda que, além da boa formação do docente, a escola necessita de ferramentas necessárias para a formação do leitor. Livros, espaços de leitura, boas práticas de ensino etc. Os prédios construídos de acordo com os padrões do MEC dispõem de um espaço para a implantação de uma biblioteca, mas nem sempre isso acontece. Boa parte desses espaços vem sendo ocupada para outras finalidades: sala de aula, depósito, Projeto Mais Educação etc. A biblioteca fica em segundo plano.

A boa atuação do professor na sala de aula é decisiva para que a formação do leitor seja uma realidade. O conhecimento das teorias, das práticas e das metodologias voltadas para o ensino da leitura é fundamental ao professor. É preciso motivar o estudante para praticar a leitura, sem imposição. Não resta dúvida que o sucesso – ou o fracasso – depende da atuação do docente na sala de aula.

[...] o trabalhador professor precisa de teorias que dêem conta dos aspectos envolvidos no fenômeno da leitura. Sem a leitura crítica das práticas cotidianas e sem teorias de leitura, os cuidados com o cultivo do terreno podem não surtir efeito algum, podem não ser eficientes [...] os conhecimentos e as técnicas voltados para a dinamização da leitura e para a educação dos leitores avançam no tempo, de acordo com as descobertas nessa área específica de cultivo e com os desafios impostos pela própria prática ao longo da história [...] o produtor que não acompanha a evolução dos conhecimentos pode não só esgotar e destruir o potencial da área como também acabar por matar a leitura e os leitores durante a fase da produção [...]. (SILVA, 2010, p. 21)

Na sala de aula, um dos papéis que o professor de língua materna precisa cumprir para incentivar o hábito da leitura e formar bons leitores, é o de mediador de leitura. Cabe a ele preparar o aluno a fim de torná-lo um leitor crítico, autônomo, comprometido. Uma tarefa que requer tempo e planejamento. Felizmente, podemos recorrer a pesquisadores que têm se preocupado com essa temática e nos apresentados propostas possíveis de ser executadas na sala de aula, com a participação de todos os alunos.

Os professores podem ser de grande valia para despertar a curiosidade intelectual [...] incitando os alunos a ler, sem outra indicação, além de uma lista, tão extensa e tão variada quanto possível, de livros apropriados à idade, à inteligência dos jovens leitores e através da qual farão sua escolha livremente, com propósito de aprender mais e de se distraírem. O essencial é despertar o gosto pela leitura. (ZILBERMAN, 1999, p. 66)

Sem uma pessoa que possa mediar esse processo na sala de aula os alunos ficarão desorientados, sem um rumo a seguir diante do texto apresentado a eles. É o mediador que vai repassar todos os procedimentos necessários para que os objetivos da leitura sejam alcançados, vai apresentar aos alunos as estratégias para obter tais finalidades etc.

A escola precisa ser um dos ambientes propícios para o desenvolvimento de habilidades da leitura. Na maioria das vezes, é apenas na escola que o aluno tem uma oportunidade de manter um contato direto com o livro, seja ele didático, literário etc. Nas escolas públicas do Brasil, boa parte dos alunos não têm o hábito, e nem a oportunidade de ler, em ambientes fora dela. Em casa, são raros os casos em que essa prática é incentivada.

Castrillón (2011, p. 24), ao abordar acerca das condições ideais para o incentivo à prática da leitura e da escrita desta que “em primeiro lugar, e sem dúvida a mais importante condição é o investimento de esforços para melhorar a formação dos docentes”.

Impor a leitura na sala de aula não é a alternativa ideal para formar leitores. Pelo contrário, vai contribuir para o distanciamento do aluno dessa prática. Pondé e Yunes (1998, p. 144) destacam critérios básicos que podem ir ao encontro desse objetivo.

[...] não adianta distribuir livros em grande escala se não houver um programa de atendimento ao leitor. Os profissionais que atuam na área (professores, bibliotecários, educadores – supervisores, diretores de escola etc.), além de receberem orientação especializada em seus cursos de formação, precisam ter reciclagens periódicas, no trabalho e fora dele. Mas, antes de tudo, e fundamentalmente, eles têm de gostar de ler e fazê-lo regularmente. Para isso, há que se oferecer condições, ou seja, um tempo em sua prática de trabalho que seja dedicado à leitura – não só como instrução, mas sobretudo como lazer.

Cosson (2017, p. 12) ratifica que o professor é o principal mediador da leitura, ainda que os livros indicados pela escola sejam majoritariamente didáticos. O papel do mediador é decisivo nesta etapa de aprendizagem da leitura.

[...] compreendemos que o iniciador ao livro desempenha um papel-chave: quando um jovem vem de um meio em que predomina o medo do livro, um mediador pode autorizar, legitimar, um desejo inseguro de ler ou aprender, até mesmo revelar esse desejo. E outros mediadores poderão em seguida acompanhar o leitor, em diferentes momentos de seu percurso. Esse mediador é com frequência um professor, um bibliotecário ou, às vezes, um livreiro, um assistente social ou animador voluntário de alguma associação, um militante sindical, um político, ou até um amigo ou alguém com quem cruzamos.

2. TIPOS E GÊNEROS DISCURSIVOS E O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA

Com o advento da Linguística Moderna o ensino da Língua Portuguesa – que até então seguia o modelo prescritivo – passou a considerar o texto como um importante instrumento no processo de ensino e aprendizagem da língua. A partir da década de 1990, os gêneros discursivos ocupam um importante papel neste processo, antes voltado quase que exclusivamente para o ensino da gramática tradicional.

A ênfase dada somente ao ensino da gramática, com a classificação dos substantivos, adjetivos, etc., foi perdendo o seu espaço, pois esse tipo de ensino passou a ser considerado irrelevante, pois não apresentava contribuição no desenvolvimento da competência linguística do estudante.

A introdução dos gêneros discursivos nos conteúdos de Língua Portuguesa foi um dos pontos positivos no processo de ensino e aprendizagem, pois, a partir de então, a língua utilizada na interação social, nas atividades socioculturais dos indivíduos, passou a ser objeto de estudo. Isso pode ser considerado um passo importante nesta nova concepção do ensino da língua materna. No entanto, falta ainda para boa parte dos professores esclarecimentos a fim de efetivar essa nova concepção de ensino por meio dos gêneros discursivos. De acordo com Moço (2010)

Na última década, a grande mudança nas aulas de Língua Portuguesa foi a "chegada" dos gêneros à escola. Essa mudança é uma novidade a ser comemorada. Porém muitos especialistas e formadores de professores destacam que há uma pequena confusão na forma de trabalhar. Explorar apenas as características de cada gênero (carta tem cabeçalho, data, saudação inicial, despedida etc.) não faz com que ninguém aprenda a, efetivamente, escrever uma carta. Falta discutir por que e para quem escrever a mensagem, certo? Afinal, quem vai se dar ao trabalho de escrever para guardá-la? Essa é a diferença entre tratar os gêneros como conteúdos em si e ensiná-los no interior das práticas de leitura e escrita.

Nesta nova concepção, as frases e palavras isoladas são deixadas de lado em se tratando do ensino da Língua Portuguesa. E a razão é simples: as pessoas, no dia a dia, nas mais diversas situações, se comunicam por meio de textos, estão cercadas por textos, o texto faz parte da vida delas. E esses textos se manifestam por meio dos diversos gêneros discursivos existentes na sociedade.

Os especialistas dizem que os gêneros são, na verdade, uma "condição didática para trabalhar com os comportamentos leitores e escritores". A sutileza - importantíssima - é que eles devem estar a serviço dos verdadeiros conteúdos, os chamados "comportamentos leitores e escritores" (ler para estudar, encontrar uma informação específica, tomar notas, organizar entrevistas, elaborar resumos, sublinhar as informações mais relevantes, comparar dados entre textos e, claro, enfrentar o desafio de escrevê-los). (MOÇO, 2010)

2.1. Bakhtin e os gêneros discursivos

O estudo sobre o gênero e a natureza da linguagem do discurso vem desde a filosofia clássica, do estudo da retórica. E nos dias atuais, podem ser estudados sob várias perspectivas.

Em se tratando dos estudos dos gêneros do discurso, Bakhtin ganhou grande destaque porque foi o primeiro estudioso nos tempos modernos a organizar o estudo dos gêneros e teorizar a respeito.

Qualquer língua, qualquer esfera de utilização da língua vai elaborar determinados enunciados (textos) que possuem uma certa estabilidade para permitir a comunicação. Mas essa estabilidade é relativa, pois à proporção que o uso da linguagem nas atividades humanas vai se desenvolvendo, esses gêneros também vão se transformando para atender a necessidade de comunicação. O contexto histórico e social do indivíduo vai determinar a forma a ser utilizada nas situações linguísticas.

Assim como a língua sofre variação e vai mudando de acordo com o tempo, os gêneros discursivos também sofrem mudanças para atender às necessidades dos indivíduos.

Bakhtin faz uma abordagem com relação à linguagem por meio de duas dimensões inseparáveis: a atividade humana e a do uso da língua, que se dão na forma de enunciados, que podem ser orais ou escritos. A relação entre a atividade humana e a utilização da língua é inviolável, inseparáveis. Da mesma forma que há uma variedade de formas de atividades humanas há uma variedade de formas de utilização do uso da língua, cada uma com suas formas típicas, usadas de acordo com o contexto.

Essas formas típicas do uso da língua ou formas típicas de enunciados correspondem ao que Bakhtin denomina de tipos relativamente estáveis de enunciados também denominados de gêneros do discurso.

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas da atividade humana em seu conteúdo temático, estilo e construção composicional – dimensões essas que caracterizam os enunciados e os gêneros do discurso, conforme Bakhtin (2011, p. 261, 262)

Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolavelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*.

Na filosofia bakhtiniana, o objeto de interesse é o diálogo, compreendido como todo tipo de comunicação. O cidadão elabora seu discurso de acordo com o seu destinatário e os objetivos pretendidos. A produção dos enunciados se dá conforme a situação e por meio de um gênero discursivo.

É preciso levar em consideração o papel exercido pelo locutor e pelo interlocutor na construção de sentido do enunciado. Eles são os elementos essenciais para a formação da situação interlocutiva que envolve o enunciado, ambos desenvolvem um papel ativo nessa relação.

O enunciado sempre gera uma resposta e precede outra resposta. Essa resposta se dará por meio do que podemos chamar de compreensão responsiva ativa ou atitude responsiva ativa⁴. Tomemos como exemplo o papel desempenhado pelo espectador e pelo apresentador de um telejornal. Mesmo não estando num mesmo ambiente, o espectador desempenha um papel ativo nessa relação, pois, mesmo não podendo interferir na situação, ele se esforça ao máximo para compreender o

⁴ “O papel dos outros, para quem se constrói o enunciado, é excepcionalmente grande, como já sabemos. Já dissemos que esses outros, para os quais o meu pensamento pela primeira vez se torna um pensamento real (e deste modo também para mim mesmo), não são ouvintes passivos, mas participantes ativos da comunicação discursiva. Desde o início o falante aguarda a resposta deles, espera uma ativa compreensão responsiva. É como se todo o enunciado se construísse ao encontro dessa resposta” (BAKHTIN, 2011, p. 301).

conteúdo – ocorrendo assim uma compreensão responsiva ativa. Digamos que, após a exibição da informação, o espectador faça comentários com seus familiares ou amigos a respeito da situação retratada na notícia ou mesmo escreva uma carta, um e-mail ou mesmo telefone ou envie uma mensagem à emissora de TV via SMS ou *whatsapp* para obter mais informações a respeito do assunto abordado na notícia, ele aqui desempenha uma atitude responsiva ativa. De acordo com Bakhtin, essa relação entre locutor e interlocutor sempre gera uma compreensão, uma atitude responsiva ativa e é isso que vai definir as fronteiras do enunciado.

O uso de determinado gênero textual num processo de interação se dará por diversos fatores. Quando a criança chega à escola já leva consigo uma variedade de gêneros usados por ela em diversas situações do seu dia a dia. Um conhecimento adquirido bem antes da entrada dela na escola, resultado do convívio familiar e de diversas outras situações com as quais convive desde o seu nascimento.

Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em forma de gêneros e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas palavras, adivinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo da fala. Se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível. (BAKHTIN 2011, p. 283)

Para Bakhtin, a língua só se manifesta através de enunciados. Se o texto não for considerado, o estudo ficará desvirtuado da questão histórica, vai enfraquecer o vínculo entre a língua e a vida e, conseqüentemente, se transformar num mero formalismo, estudar a língua pela língua sem considerar o uso e o funcionamento social.

O enunciado (texto) é um todo comunicativo, marcado pelo momento histórico em que esse texto aparece (enunciação) e se relaciona com outros enunciados produzidos nesse mesmo momento histórico.

Bakhtin organiza todo um estudo histórico sobre o gênero, pois para ele o gênero é um elemento sóciohistórico, porque cada esfera de atividade humana vai

elaborar um repertório de gêneros, que vão se diferenciando, mudando, ampliando, transformando na proporção que essa esfera muda, se amplia.

Tomemos como exemplo a esfera jornalística. Antes do rádio havia o jornalismo impresso, que destacava verdadeiras narrativas, relatos que as pessoas contavam do que tinha acontecido. Com o surgimento do rádio, por exemplo, essas narrativas passaram a ser mais curtas, e para concorrer com essas narrativas surgiram outros gêneros como os opinativos (artigo de opinião, editorial) etc. Com o surgimento da televisão houve outra transformação no jornalismo com o aparecimento de novos gêneros a partir do uso da imagem (reportagem televisiva, comentários etc.). Com o advento da internet muitos desses gêneros desapareceram e outros surgiram. Os fatos que acontecem diariamente e que se transformam em notícia podem ser acompanhados quase em tempo real via internet. Para não perder o público, tanto o rádio quanto a TV precisaram (e precisam) inovar, tratando dos assuntos com mais profundidade, o que geralmente não é possível na internet ao transmitir a informação em tempo real, destacando aspectos superficiais, que podem ser aprofundados no jornalismo do rádio e da TV.

Os gêneros também representam uma forma de inserção social. Precisamos conhecê-los para poder dialogar com determinados grupos que utilizam determinados gêneros no seu dia a dia. A partir daí podemos concluir que surge um conjunto infinito e heterogêneo de gêneros para atender às mais diferentes intenções dos falantes e às situações de uso da linguagem.

Cada gênero também vai atender a uma determinada intenção. As pessoas não se comunicam por acaso, há sempre uma intenção. Os gêneros representam as mais variadas formas do uso da língua, ou seja, para cada situação utilizamos um gênero apropriado.

Para garantir a comunicação entre indivíduos que estão em territórios distantes, por exemplo, pode-se recorrer a uma variedade de gêneros: mensagem de texto via *whatsapp*, carta, *e-mail*. Os gêneros existem para cumprir determinadas funções comunicativas, e dependendo da nossa intenção utilizaremos os que mais estiverem de acordo com os nossos objetivos.

Foi com Aristóteles, na Grécia Antiga, que surgiu a preocupação em classificar textos. Mas foi somente nos estudos do russo Mikhail Bakhtin que os gêneros textuais

ganharam importância. Eles são os recursos usados a fim de efetivar a comunicação verbal entre os indivíduos, nos diversos contextos sociais do seu cotidiano. Desde uma conversa simples na mesa de um bar a uma conferência internacional, são usados gêneros textuais de acordo com o propósito, os interlocutores, o contexto e assim por diante.

O funcionamento da língua em um determinado contexto social e histórico vem recebendo atenção especial dos estudiosos da área, e na sala de aula tem sido objeto de ensino da língua materna. A partir dessa concepção novas propostas de ensino estão surgindo a partir do resultado das pesquisas que mostram uma significativa vantagem com relação ao método de ensino que vinha sendo utilizado nas escolas brasileiras até o final dos anos 80. Com isso, o texto passou a ser considerado como a unidade básica do ensino, uma importante ferramenta para o desenvolvimento da leitura e da escrita.

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN 2011, p. 261)

A partir dessa concepção surgiu a necessidade de trabalhar com os gêneros discursivos em sala de aula, como forma de promover o desenvolvimento da competência comunicativa do estudante, fornecendo a ele ferramentas importantes para sua manifestação oral e escrita, em variados contextos sociais.

Schneuwly (2010, p. 63) destaca que é “através dos gêneros que as práticas de linguagem materializam-se nas atividades dos aprendizes, produzem-se as transformações sucessivas que conduzem à construção das práticas de linguagem”. E a escola é o local ideal para o desenvolvimento dessas atividades tão importantes para a formação do aluno. Os gêneros discursivos, por sua diversidade, são muito importantes no que diz respeito ao fornecimento de suportes para as diversas atividades presentes na vida do educando. A escola precisa trabalhar com os gêneros discursivos não apenas como instrumento de comunicação, mas também como objeto que propicie o ensino e a aprendizagem da língua materna.

Bakhtin separou os gêneros em dois grandes grupos: os gêneros primários e os gêneros secundários. Os primeiros estão relacionados à vida cotidiana, ao dia a dia, que tem uma relação imediata com a situação em que são produzidos - a conversa informal, a conversa cotidiana, a carta pessoal, o bilhete, a mensagem do *whatsapp*, que têm uma relação muito grande com a situação em que a gente se encontra. Já os secundários vão aparecer em situações sociais mais complexas. Numa entrevista de emprego, por exemplo, há toda uma estrutura por trás, social, contextual. Os gêneros secundários surgem a partir dos gêneros primários. São usados nas situações formais, mais elaborados. A entrevista de emprego, por exemplo, tem na sua base a conversa; o ofício tem na sua base a carta.

Os gêneros primários nascem da troca verbal espontânea. Os gêneros secundários não são tão espontâneos, precisam de uma elaboração, de interdiscursividade. No entanto, hoje, as diferenças são mais complexas já que os gêneros primários (característicos da oralidade – presentes nas situações da vida cotidiana) se mesclam aos secundários (característicos da escrita - de circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída). Por exemplo, um seminário, uma tribuna, ou uma entrevista formal que é proveniente de atividades lingüísticas humanas relacionadas com os discursos da oralidade e, que exigem uma comunicação verbal mais elaborada, ou mesclada. (ARRUDA E PETRONI, 2009)

Outra grande contribuição de Bakhtin é a reflexão que ele faz acerca da linguagem. Ressalta que todo professor de Língua Portuguesa precisa ter uma concepção a respeito da linguagem: o que é linguagem, como ela funciona etc. para nortear as atividades de ensino.

Ou seja, se na concepção do professor quando o assunto é linguagem o essencial é o ensino da gramática assim o será. Caso contrário, se na sua concepção a linguagem leva em consideração a realidade sociocultural, sociointeracional, o ensino seguirá um caminho totalmente oposto.

As atividades humanas estão organizadas em linguagem, que dará forma e organização para o desenvolvimento dessas atividades, se diferenciando de acordo com a situação em que se manifesta.

O enunciador, ao se manifestar, precisa levar em consideração, por exemplo, o seu receptor para usar adequadamente as formas de linguagem de acordo com aquela situação a fim de efetivar seu objetivo e manter uma comunicação apropriada.

Um advogado, por exemplo, que é convidado a ministrar uma palestra para um público que não seja da área do Direito precisa estar atento quanto à utilização da linguagem. Se esse advogado usar termos técnicos da área do Direito a comunicação não será efetivada de uma maneira satisfatória, pois o público – que não faz parte do universo jurídico – terá dificuldades para compreender o enunciado, pois houve uso inadequado da linguagem de acordo com aquela situação. É preciso levar em consideração a natureza do público ao selecionar os gêneros do discurso, que seja apropriado para a situação em questão.

Há pelo menos dez anos, documentos que norteiam o ensino da Língua Portuguesa no Brasil deixaram de lado os programas fechados para o ensino do português nas escolas e estão propondo diretrizes e orientações para os professores.

Na realidade, o estudo dos gêneros textuais é hoje uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para a linguagem em funcionamento e para as atividades culturais e sociais. Desde que não concebamos os gêneros como modelos estanques nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas da ação social (apud Miler, 1984) corporificadas na linguagem, somos levados a ver os gêneros como entidades dinâmicas, cujos limites e demarcação se tornam fluidos. (MARCUSCHI, 2008, p. 151)

2.2. Tipos textuais, gêneros textuais e domínio discursivo

2.2.1. Tipos Textuais

Além de designar uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição – aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas – os tipos textuais estão relacionados a uma categoria definida como narração, descrição, dissertação e injunção. (MARCUSCHI 2008, p. 154)

Por terem uma nomenclatura tão parecida, muitas pessoas acham que tipo textual e o gênero textual/discursivos são a mesma coisa. É bom deixar bem claro que quando nos referimos a tipo textual estamos nos referindo à estrutura do texto, todo texto possui uma estrutura, uma tipologia. Podemos aqui destacar, por exemplo, quatro tipos textuais bastante comum na escola e presentes nos vestibulares e no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

designa uma espécie de construção teórica {em geral uma sequência subjacente ao texto} definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo}. O tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas {sequências retóricas} do que como textos materializados. (MARCUSCHI 2008, P. 154)

Narrativo – os textos pertencentes a essa tipologia textual trazem características comuns, como os contos de fadas e histórias infantojuvenis (presença de personagens, espaço – onde ocorrem as ações da narrativa; tempo; narrador ou foco narrativo – em 1ª pessoa/narrador personagem, faz parte da história; em 3ª pessoa/narrador não faz parte da história, conta a história de longe, impessoal; trama/enredo). Esses cinco elementos estão presente na maior parte dos textos pertencentes à tipologia narrativa e são bem fáceis de ser identificados pelo leitor.

Descritivo – são textos ricos em detalhes, descrição (podemos descrever um ambiente, as características de uma pessoa, as características de um objeto nos mínimos detalhes etc.). Ser minucioso nos detalhes é uma das características dos textos pertencentes à tipologia descritiva. Ressalta-se aqui que o texto descritivo nunca aparece sozinho, estará presente dentro de uma outra tipologia, como uma dissertação ou uma narrativa. O texto descritivo estará sempre compondo uma outra tipologia.

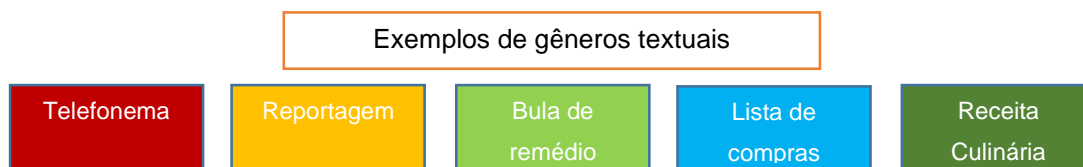
Dissertativo – aqui podemos ter dois tipos de possibilidades da tipologia dissertativa: expositivo e argumentativo. O primeiro expõe algo – um fato, um acontecimento. Por exemplo, uma notícia – que expõe um fato, informa algo. O texto informativo é aquele que apresenta algo de forma expositiva. O segundo, o mais cobrado nos vestibulares e no ENEM, é o argumentativo. Nesse sentido, além da exposição do tema o autor também apresenta a sua posição acerca do assunto, o seu ponto de vista, trazendo argumentos que sustentem seu o ponto de vista.

Injuntivo – são textos usados para dar ordem, destacando verbos no modo imperativo. Aqui destacamos os manuais de instrução, as receitas de bolo etc.

2.2.2. Gêneros textuais

Para tratarmos sobre gêneros textuais é preciso lembrar que enquanto os tipos textuais estão relacionados à estrutura do texto, os gêneros estão relacionados ao uso dessas estruturas no dia a dia.

[...] refere-se aos textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilo. [...] Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagem abertas”. (MARCUSCHI 2008, p. 155)



Podemos até não perceber, mas no nosso cotidiano os textos⁵ estão sempre presentes, nos comunicamos através de textos. Até mesmo expressões faciais que nos transmitem alguma informação/comunicação podem ser consideradas textos.

FIGURA 1 – EXPRESSÕES FACIAIS



Fonte: <http://www.viveresaber.com.br>

⁵ Toda e qualquer sentença e/ou expressão que constitua comunicação.

A utilização desses textos no nosso dia a dia é feita por meio dos gêneros discursivos/textuais, que podem ser verbais e não-verbais.

FIGURA 2 - GÊNERO TEXTUAL NÃO-VERBAL



Fonte: <http://oblogderedacao.blogspot.com>

A fim de esclarecer a diferença entre tipos textuais e gêneros textuais vamos tomar como exemplo o tipo narrativo. Como vimos anteriormente, os textos pertencentes à tipologia narrativa trazem características comuns, como os contos de fadas e histórias infantojuvenis (presença de personagens, espaço – onde ocorrem as ações da narrativa; tempo; narrador ou foco narrativo – em 1ª pessoa/narrador personagem, faz parte da história; em 3ª pessoa/narrador não faz parte da história, conta a história de longe, impessoal; trama/enredo). Esses cinco elementos estão presente na maior parte dos textos pertencentes à tipologia narrativa e são bem fáceis de ser identificados pelo leitor.

FIGURA 3 - CRÔNICA



Crônica da Cidade

por **Guilherme Goulart** >>> guilhermegoulart.df@adabr.com.br

A estagiária

Primeiro dia de trabalho. Melissa, estudante de comunicação social de uma faculdade particular de Brasília, logo mostrou a que veio. Decotinho perverso, coxas de fora, pezinhos docemente acomodados em sandalinhas rasteiras. Como se estivesse em uma passarela, a mocinha de 19 anos — recém-feitos — desfilou pela redação, a balançar os quadris, para lá e para cá, para cá e para lá. Escondia o nervosismo com o andar tão leve e brilhante quanto pluma e paetê.

Melissa se apresentou à coordenação de pauta da editoria de *Cidades* no início da tarde, horário de repórter na rua. Mas os poucos representantes da fauna masculina não decepcionaram o restante da matilha. Viraram o pescoço em direção à loura-violão e acompanharam, atentos, ao primeiro boa-tarde cantado da mais nova estagiária da empresa. Alguns nem disfarçaram. Suspiraram quando a mocinha ligou o computador e se acomodou no lugar onde trabalharia nos próximos três meses. No mínimo.


Melissa precisou de exatos dois minutos para virar assunto na repartição. E uma semana para alcançar status singular no ambiente jornalístico. Era amada por eles, mas recebia olhares não tão amigáveis delas. Apesar da juventude, revelava-se segura e independente. Jamais dava ponto sem checar o nó do marinheiro. Sabia o que fazia, essa Melissa.

Se dependesse da machalhada, a agora Melissinha tinha lugar assegurado nos céus de Júpiter, Urano, Netuno, Saturno e que deus mais se apresentasse. Era um tal de chocolatinho para cá, cafezinho para lá, que, deve-se admitir,


Fonte: <https://mdemulher.abril.com.br>


FIGURA 4 - PIADA


O filho chega pra mãe e diz:

 - Mãe, minha namorada não acredita no inferno

A mãe responde:

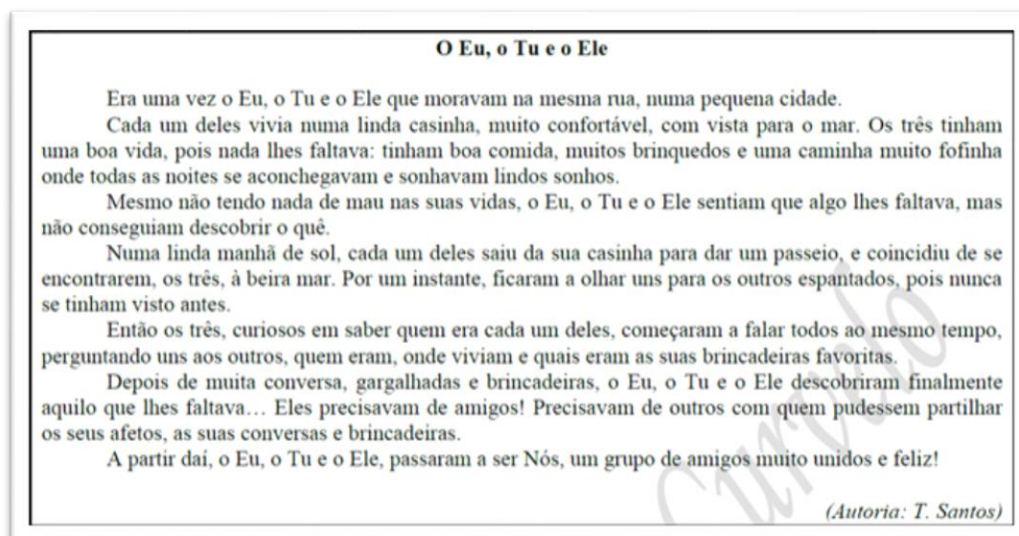
 - CASA COM ELA E DEIXA O RESTO COMIGO...



 app: Top Imagens

Fonte: <http://www.topimagens.com.br>

FIGURA 5 - CONTO



Fonte: <http://tudosaladeaula.blogspot.com>

FIGURA 6 - TIRA



Fonte: <https://www.google.com.br>

FIGURA 7 - CHARGE



Fonte: <http://www.agora.com.vc/noticia>

Acima temos exemplos de gêneros que fazem parte do universo da tipologia textual narrativa. Observando bem cada um deles é possível encontrar a presença dos elementos característicos da tipologia textual: personagem, tempo, narrador etc.

Abaixo temos exemplos da tipologia descritiva. Como foi dito anteriormente, a descrição geralmente acompanha outro tipo textual. Abaixo, temos exemplos – trecho de um conto – em que o autor, no primeiro caso, destaca a tipologia descritiva objetiva⁶, e no segundo, a tipologia descritiva subjetiva⁷.

Texto 1

Não sei se o nome dela é Maria. A moça é bastante alta e magra. Negra, tem cabelos cacheados e compridos até o meio das costas. Usa óculos e deve ter entre 25 e 30 anos.

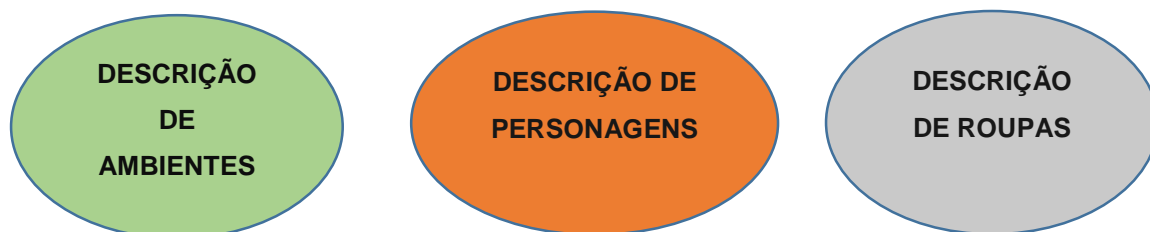
⁶ Descrição direta, neutra; Valorização da imparcialidade; Transmissão dos detalhes com exatidão; Utilização de substantivos concretos; Utilização da função referencial da linguagem, de sentido denotativo.

⁷ Interferência emocional; Transmissão de visão pessoal; Utilização de muitos adjetivos; Utilização de substantivos abstratos; Utilização da função poética da linguagem, de sentido conotativo.

Texto 2

Não sei se o nome dela é Maria. A moça parece uma modelo de tão alta. Seus cabelos cheios de cachos escorrem até o meio das suas costas. Seus óculos dão um olhar intelectual a essa musa que está na flor da idade. Não dou mais do que 25 ou 30 anos para essa. (FERNANDES [2010])

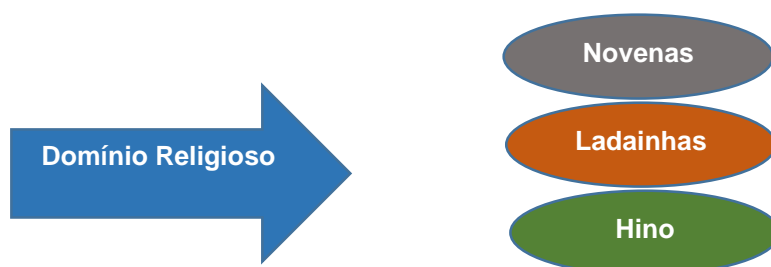
Partes de um romance (tipo textual narrativo) geralmente apresentam características do tipo descritivo. A presença dos elementos descritivos dentro de um romance, por exemplo, ajuda a constituir o imaginário do leitor.

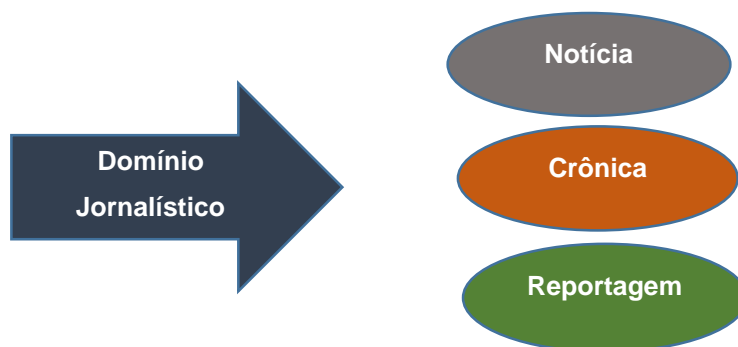


No gênero textual reportagem (tipo dissertativo) a descrição exerce um papel importante para informar ao leitor, por exemplo, o local de um acidente.

2.2.3. Domínio discursivo

Silva (2010) chama de domínio discursivo a esfera da qual os gêneros se realizam. Cada domínio discursivo se caracteriza por seus gêneros próprios. Bakhtin (1992) também denomina o domínio discursivo como “esfera da atividade humana”.





2.2.4. Os gêneros do discurso e os PCN

Com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o ensino fundamental, a aplicação do texto e dos gêneros textuais como objetos de ensino da língua portuguesa ganhou um importante reforço. Os gêneros discursivos passaram a ser considerados como um instrumento favorável ao ensino de leitura e de produção de textos orais e escritos. Os PCN (BRASIL, 1997) destacam:

Todo texto se organiza dentro de um determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam. Os gêneros são, portanto, determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura. São caracterizados por três elementos:

- Conteúdo temático: o que é ou pode tornar-se dizível por meio do gênero;
- Construção composicional: estrutura particular dos textos pertencentes ao gênero;
- Estilo: configurações específicas das unidades de linguagem derivadas, sobretudo, da enunciativa do locutor, conjuntos particulares de sequências que compõem o texto etc.

E essa atitude não foi em vão, os gêneros discursivos representam uma forma de manifestação da língua na sociedade e estão presentes em variados contextos. Diariamente, todos nós mantemos contato com boa parte deles presentes, por exemplo, na televisão, no rádio, nas revistas e jornais, livros etc.

Gênero textual refere aos textos materializados em situações comunicativas recorrentes. (...) são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos (...). Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: *telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédios, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso* (...). (MARCUSCHI 2008, p. 155)

Como podemos observar, os gêneros textuais estão presentes em todas as atividades humanas, sejam elas simples ou complexas. Proporcionar o ensino da língua materna por meio dos gêneros textuais é de suma importância. Principalmente se for dado destaque aos gêneros que circulam na comunidade discursiva, presentes no cotidiano do aluno. Dessa forma, o educando se sentirá motivado, pois terá como objeto de estudo recursos usados por ele no seu dia a dia, que fazem parte da sua realidade, de forma a despertar nele o interesse na aquisição de conhecimentos da língua usada por ele a todo instante.

Os gêneros textuais surgem de acordo com a necessidade na utilização da linguagem. De acordo com Marcuschi (2002),

Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriormente à comunicação escrita.

Marcuschi (2002) ratifica a presença dos gêneros do discurso nas mais variadas manifestações da linguagem, assim como reforça a importância deles nas atividades de ensino da língua portuguesa. “[...] é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *texto*. Em outros termos, partimos da ideia de que a comunicação verbal só é possível por algum *gênero textual*”. Uma proposta metodológica com base na utilização dos gêneros textuais constitui-se em uma rica ferramenta no processo de ensino e aprendizagem da língua materna.

Uma proposta de ensino/aprendizagem organizada a partir de gêneros textuais permite ao professor a observação e avaliação das capacidades de linguagem dos alunos, antes e durante sua realização, fornecendo-lhe

orientações mais precisas para a sua intervenção didática. Para os alunos, o trabalho com gêneros constitui, por um lado, uma forma de se confrontar com situações sociais efetivas de produção e leitura de textos, uma maneira de dominá-los progressivamente. (DOLZ E SCHNEUWLY, 2010)

Todos os gêneros podem ser usados nas atividades na sala de aula, mas é recomendando trabalhar com aqueles de maior circulação social. Os chamados gêneros secundários – mesmo sendo complexos– também são recomendados.

[...] os gêneros mais informais vão sendo apropriados no decorrer das atividades cotidianas, sem necessidade de ensino formal, os gêneros mais formais, orais ou escritos, necessitariam ser aprendidos mais sistematicamente, sendo seu ensino uma responsabilidade da escola, que teria a função de propiciar o contato, o estudo e o domínio de diferentes gêneros usados na sociedade. (MACHADO E CRISTÓVÃO, 2006)

Ao levar para a sala de aula a diversidade de textos que circulam no dia a dia do estudante, como os textos publicitários, os textos informativos – da esfera jornalística, e tantos outros, o professor estimula a prática da leitura e da escrita de diferentes gêneros discursivos. “[...] quanto maior o contato do aluno com os diferentes tipos de textos, [...] maior será sua capacidade de refletir sobre os mecanismos linguísticos e extralinguísticos que estão presentes no processo comunicativo”. (SILVA, 2010).

3. NOTÍCIA E REPORTAGEM E O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA

A utilização do jornal impresso na sala de aula, como ferramenta para o ensino e a aprendizagem da língua materna, vem crescendo nos últimos anos nas escolas da educação básica. O jornal representa uma excelente ferramenta didática, pois é um suporte que apresenta uma variedade de textos capazes de motivar uma boa leitura entre os estudantes. Ao contrário do livro didático, o jornal impresso tem uma grande vantagem: oferece aos estudantes textos e informações bastante atuais.

Os textos apresentados no jornal impresso trazem temáticas variadas: cultura, esporte, política, educação, saúde, atualidade etc. Ou seja, oferecem assuntos que despertam o interesse de quase todas as pessoas, independentemente da sua classe social.

Na sala de aula, o uso do jornal impresso vai possibilitar uma leitura bem diferente da do texto literário. Por meio dessa prática é possível seguir as recomendações apresentadas nos documentos oficiais que norteiam o ensino da Língua Portuguesa, que direcionam esse processo por meio dos mais variados gêneros discursivos, especialmente aqueles que estão presentes no dia a dia do estudante, e que representam um rico material na sala de aula.

Por ser um suporte de ampla circulação na sociedade, o professor não terá dificuldade de adquiri-lo para apresentar na sala de aula durante o desenvolvimento das atividades propostas. Quanto maior for contato do aluno com o gênero e com o seu suporte, maiores serão as chances de o resultado das atividades ser satisfatório. “É necessário que o aluno tenha acesso ao texto em seu suporte original – possa vê-lo, pelo menos – caso o professor esteja trabalhando com cópias”. (LOPES-ROSSI, 2005)

O jornal impresso como instrumento de ensino tem sido recomendado por programas e instituições educacionais. Faria (2006), reforça essa prática, ao afirmar que

[...] O interesse em levar o jornal à sala de aula como instrumento pedagógico tem crescido de ano para ano no Brasil. Secretarias de Educação, jornais e TVs educativas têm apresentado programas sobre o assunto ou organizados

cursos de atualização para professores. Todas essas iniciativas são excelentes, porque elas não só enriquecem a pedagogia da informação, como permitem trocas de ideias e um diálogo através de textos e relatos de experiência.

Um ponto importante a ser observado é a utilização das estratégias de leitura que devem ser adotadas pelo professor ao levar para a sala de aula o jornal impresso. Há uma variedade de estratégias que se utilizadas antes da leitura do texto podem contribuir para o entendimento do aluno, facilitando a compreensão e a interpretação. O professor deve escolher as melhores estratégias e aplicá-las sempre que houver necessidade.

É interessante notar que a escola, tradicionalmente, não trabalha com essa estratégia de leitura global. Em geral os alunos primeiro leem o texto, sem saber exatamente para quê (suspeitam que terão de responder a um questionário depois), e depois respondem a perguntas que teriam sido muito úteis antes da leitura do texto, como: Qual é o título? Quem é o autor? Onde o texto foi publicado? Que tipo de texto é esse? Como constam várias pesquisas já citadas. (LOPES-ROSSI, 2005)

O auxílio do professor é fundamental a fim de apresentar ao leitor os subsídios necessários para uma boa leitura e uma boa interpretação e compreensão do que foi lido. O aluno precisa conhecer as características do gênero, a sua composição. Dominando o gênero ora utilizado pelo professor para o ensino da língua materna, haverá muitas vantagens no processo ensino-aprendizagem.

Quanto maior o domínio do gênero, mais específicos podem ser os objetivos de leitura e maior a possibilidade de o leitor estabelecer um posicionamento crítico em relação ao que leu. Se o aluno ainda não é capaz de estabelecer esses objetivos, o professor deve auxiliá-lo. (LOPES-ROSSI, 2005)

Outra vantagem do uso desse suporte na sala de aula é que o jornal impresso apresenta característica multimodal, ou seja, por meio de fotografias, gráficos e infográficos, por exemplo, o professor pode usar várias habilidades de leitura.

São riquíssimos na utilização de diferentes formas de interação textual, possibilitando o desenvolvimento de habilidades de leitura de outras linguagens, além da linguagem verbal tradicionalmente considerada na escola (GAYDECZKA, 2007)

3.1. Reportagem e Notícia

Antes de abordar os gêneros reportagem e notícia, vale a pena ressaltar que nos jornais impressos há ainda uma variedade de gêneros com características e objetivos próprios. Por exemplo: charge, crônica, anúncio publicitário, editorial, classificados, entrevista etc.

Reportagem e notícia são gêneros totalmente diferentes. Enquanto na reportagem o produtor trabalha de forma minuciosa a fim de coletar dados detalhados acerca do assunto abordado, na notícia o fato é tratado de maneira imediata, ainda que seja com poucas informações sobre o assunto.

Na prática funciona mais ou menos assim: um acidente é registrado na avenida mais movimentada da cidade de Juruti e imediatamente o fato é mostrado na televisão ou noticiado na emissora de rádio, com informações relacionadas ao horário, nome das pessoas envolvidas no acidente, tipos de veículos envolvidos etc. A notícia ganha destaque e é levada ao conhecimento do telespectador, do ouvinte e do leitor – no caso do jornal impresso, com as informações básicas do texto informativo.

[...] texto informativos [que pertencem ao] tipo textual narrativo, com verbos no passado em terceira pessoa, e procuram responder às questões: o quê? quem? quando? onde? No caso das notícias mais desenvolvidas, como as das revistas semanais, as perguntas como? por quê? também são respondidas, devido ao caráter explicativo nesse suporte. (CUNHA, 2003, p. 170)

Digamos agora que um determinado jornalista de um importante jornal de circulação regional resolveu aprofundar a informação. Uma das etapas é procurar os órgãos responsáveis pela segurança no trânsito para saber o número de acidentes registrado naquela mesma via num determinado período do ano, os cruzamentos onde aconteceu a maior parte dos acidentes, a marca dos veículos, a faixa etária e o sexo das pessoas envolvidas nesses acidentes e as principais causas. A elaboração desse tipo de texto leva tempo para ser concluída, pois os dados precisam ser levantados juntos aos órgãos competentes para posteriormente ser incluídos na produção textual. Aqui temos um exemplo típico de uma reportagem – um gênero textual que vai além da notícia, tratando dos assuntos abordados com aprofundamento e muito mais informações. Na reportagem o assunto é tratado de

forma minuciosa. Lopes-Rossi (2008) define reportagem como “a cobertura detalhada e aprofundada de fatores recentes e de grande repercussão ou de temas que o repórter procura desdobrar em seus aspectos mais importantes”.

No jornalismo informativo as notícias e as reportagens são apresentadas de maneira imparcial. Nem a opinião do repórter e nem a opinião do veículo de comunicação responsável pelo jornal impresso, por exemplo, é apresentada no texto da notícia. Já nos textos relacionados ao jornalismo opinativo, há – além da informação repassada – a opinião, o ponto de vista do repórter e do veículo de comunicação, presente no texto. Atualmente o jornalismo opinativo vem ganhando destaque e sendo bastante praticado nos veículos de comunicação. Ressalta-se aqui que as duas práticas (informativa e opinativa) são válidas e aceitas na sociedade.

A notícia é um gênero textual que apresenta um conteúdo factual, e sua validade informativa tem curta duração (por isso que o jornal do dia anterior perde seu valor informativo, e geralmente é usado como forro para tapete do carro ou como papel de embrulho).

E por apresentar um conteúdo factual a notícia precisa ser publicada o mais rápido possível, e geralmente apresenta somente as informações básicas e necessárias ao leitor. As informações repassadas na notícia são suficientes para responder de imediato às perguntas: O que? Como? Por quê? Onde? Quando? Quem?

Ressalta-se aqui que os textos pertencentes ao gênero notícia, independentemente do suporte em que estejam presentes, vão apresentar características comuns. Também são características da notícia: uma narrativa breve, informativa, de um acontecimento real e atual, com interesse para um público vasto.

Bahia (1990) apresenta aspectos que contribuem para diferenciar a notícia da reportagem.

- A notícia expõe o fato no mesmo dia em que ele ocorre ou no dia seguinte; a reportagem mostra como isso se deu;
- A notícia esgota-se no anúncio; a reportagem desdobra, coloca os pormenores e relata amplamente os fatos;
- A notícia não vai além da notificação; a reportagem extrapola a mera notificação e apresenta o detalhamento, o questionamento de causa e efeito, a interpretação e o impacto dos fatos;

- A notícia expõe uma só versão do acontecimento; a reportagem constitui a soma de diferentes versões de um mesmo acontecimento.

Aqui, ressaltamos o que Erbolato (2002) classifica como categorias jornalísticas: texto informativo, texto interpretativo, texto opinativo e texto diversional. São essas categorias que vão determinar os gêneros que serão usados na produção do texto.

Ao tomar conhecimentos dessas categorias e das características de cada uma delas, o aluno não terá tanta dificuldade na produção textual, pois saberá exatamente que gênero discursivo usar para alcançar seu objetivo.

A seguir, acrescentamos as contribuições de Araújo (2000) acerca do conceito dos gêneros textuais notícia e reportagem.

Notícia: Caracteriza-se pela linguagem direta e formal. Tem caráter informativo e é escrito de forma impessoal, frequentemente fazendo uso da terceira pessoa. Inicia-se com o lide e se segue com o corpo da notícia. Enquanto na primeira parte estão registradas as principais informações do fato, no corpo do texto estão presentes os detalhes (relevantes ou não), as causas e as consequências dos fatos, como, onde e com quem aconteceu, e a sua possível repercussão na vida das pessoas que estão lendo. Pode ter ou não um público alvo (jovens, políticos, idosos, famílias), caso tenha a linguagem poderá ser adaptada para o melhor entendimento.

Reportagem: Tem por essência a descrição e caracterização de eventos. Para isso a reportagem conta com algumas perguntas que, ao serem respondidas, formarão a estrutura da reportagem. Em Inglês chamamos as perguntas a seguir de WH Questions, e elas servem para melhor estruturar a reportagem: O quê?, Como?, Quando?, Onde?, Porquê?, Quem?.

FIGURA 9 – REPORTAGEM E NOTÍCIA (DIFERENÇA)



Fonte: <https://academiadojornalista.com.br>

Abaixo, exemplos de um mesmo fato abordado em uma notícia e em uma reportagem.

Notícia

Trabalhadores protestam em todo Brasil contra terceirização

São Paulo - O Brasil amanheceu nesta quarta-feira com uma série de manifestações em várias cidades do país, em uma jornada de protesto convocada por movimentos sociais e sindicatos contra o projeto de lei que amplia e regulamenta a terceirização.

Em São Paulo, ocorreram bloqueios momentâneos em grandes rodovias. Manifestantes da Central Única dos Trabalhadores (**CUT**) cortaram por 30 minutos o tráfego em trecho parte da Via Dutra, que liga as cidades do Rio de Janeiro a São Paulo, na altura de Guarulhos.

Além da CUT, os protestos foram convocados pela Central Trabalhadores do Brasil (CTB), Conlutas e Nova Central e Intersindical.

A rodovia entre Campinas e São Paulo também teve um trecho fechado, assim como a Via Anchieta, principal rodovia em direção ao Porto de Santos.

Em Minas Gerais, houve protestos contra a terceirização durante a madrugada em frente à entrada de fábricas no polo industrial de Betim.

A Jornada Nacional de Paralisações também contou com a adesão de funcionários da Universidade de São Paulo (USP) e empregados do serviço de transporte de Salvador, que atrasaram em duas horas o início de suas atividades.

Os metalúrgicos organizaram assembleias e ações contra a terceirização nas fábricas da Volkswagen, Mercedes Benz e Ford, também em São Paulo.

Um dos principais protestos durante a jornada será realizada pelos sindicatos em frente à sede da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), que apoia o projeto de terceirização.

Lutar contra a terceirização é uma "questão de honra", afirmou o ex-sindicalista e ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva ontem à noite, ao rejeitar o projeto que foi aprovado pelo Congresso.

A Câmara dos Deputados, com a oposição dos partidos de esquerda e inclusive do PT, aprovou estender a possibilidade de se contratar empregados terceirizados para todos os setores da produção, o que mobilizou os sindicatos.

De acordo com Vagner Freitas, presidente da CUT, a Consolidação das Leis de Trabalho, regime instaurado na década de 40, "será jogado no lixo se a terceirização for aprovada".

Fonte: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/>

Reportagem

A terceirização do trabalho será liberada no Brasil?

Câmara está próxima de votar projeto de lei que quer tirar todas as restrições à mão de obra terceirizada, que hoje corresponde a 25% dos trabalhadores do País

por Samantha Maia

Depois de 11 anos de trâmite no Congresso, o projeto de lei que libera a terceirização da contratação de serviços no Brasil deve ir para votação na Câmara dos Deputados nesta quarta-feira 8. O projeto é defendido pelos empresários, que afirmam que a lei acabará com a insegurança jurídica na contratação de terceirizados e aumentará a competitividade das companhias. "A terceirização é uma forma moderna de organização, o mundo inteiro terceiriza para ganhar eficiência", diz Alexandre Furlan, vice-presidente da Confederação Nacional das Indústrias.

Os sindicatos, no entanto, enxergam no projeto um ataque aos direitos trabalhistas. "O que está em debate é a destruição ou a preservação de tudo o que construímos nos últimos cem anos de lutas no Brasil", diz a secretária da CUT Maria das Graças Costa.

Conheça mais sobre o que está em jogo na votação do Projeto de Lei 4330:

1) O que é projeto da terceirização?

O Projeto de Lei 4330, de autoria do deputado Sandro Mabel (PMDB-GO), regulamenta a contratação de serviços terceirizados no País e permite que toda e qualquer atividade possa ser terceirizada. Um substitutivo foi apresentado pelo deputado Arthur Maia (SD-BA) em 2013, sem alterar os principais pontos, e irá para votação na Câmara.

2) Qual é a regra para a terceirização no Brasil hoje?

Desde 1993, a Súmula 331 do Tribunal Superior do Trabalho rege a terceirização no Brasil e restringe essa prática aos serviços de vigilância e limpeza e a funções não relacionadas às atividades-fim das empresas. Quem contrata o serviço terceirizado não é responsabilizado diretamente por infrações trabalhistas da contratada, ponto mantido no PL 4330. O Brasil tem hoje 12 milhões de trabalhadores formais terceirizados, o equivalente a 25% da mão de obra do País.

3) Por que os sindicatos são contra a terceirização?

Os sindicatos relacionam a terceirização à precarização do trabalho. Segundo levantamento da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e do Dieese, ao comparar trabalhadores que realizavam a mesma função em 2010, os terceirizados recebiam em média 27% a menos do que os contratados diretos, tinham uma jornada semanal 7% maior e permaneciam menos tempo no mesmo trabalho (em média 2,6 anos, ante 5,8 anos para os trabalhadores diretos). Estudo da Unicamp revelou que, dos 40 maiores resgates de trabalhadores em condições análogas à escravidão nos últimos quatro anos, 36 envolviam empresas terceirizadas.

4) Quem mais é contra?

Não pare agora... Tem mais depois da publicidade ;)

Existe um grupo chamado Fórum Nacional em Defesa dos Trabalhadores Ameaçados pela Terceirização que congrega, além de representantes sindicais, acadêmicos, juristas e entidades internacionais ligadas à defesa dos direitos trabalhistas. Em documento enviado por 19 dos 26 do Tribunal Superior do Trabalho ao autor do PL 4033, Sandro Mabel (PMDB-GO), em 2013, os juristas afirmam que a proposta provocará uma “gravíssima lesão” de direitos contra os trabalhadores.

Para o ministro do TST Luiz Philippe Vieira de Mello Filho, “franquear a terceirização é desconstruir todo o sistema trabalhista”, parte integrante da democracia brasileira. Para o economista Luiz Gonzaga Belluzzo, por trás do argumento da competitividade existe uma “regressão dos direitos sociais”.

5) Por que os empresários defendem a terceirização irrestrita?

Os empresários afirmam que a terceirização é uma tendência mundial para ganho de competitividade e produtividade. A regulamentação, segundo as principais entidades empresariais, é necessária para dar segurança jurídica aos contratos e fomentar o emprego. As companhias reclamam que hoje falta clareza na definição dos conceitos de atividades-fim e meio, e a consequência são os cerca de 17 mil processos contra terceirizadas em andamento na Justiça do Trabalho.

“Temos uma legislação fomentadora de conflitos”, diz Furlan. Segundo sondagem da CNI, 75% das empresas dizem fiscalizar o cumprimento do pagamento de encargos trabalhistas e das normas de saúde e de segurança das terceirizadas, e 60% afirmam oferecer aos terceirizados e aos contratados o mesmo tratamento. Os problemas apontados pelos sindicatos, de acordo com os empresários, estão nas falhas na fiscalização. “A terceirização benfeita evitará a precarização”, diz Romeu Camargo, assessor jurídico da Federação do Comércio de São Paulo.

6) Quem mais é a favor?

Apesar de minoria, há juízes do TST a favor do projeto. Os argumentos são baseados no direito à livre iniciativa na economia e na necessidade de regulamentar um fenômeno que seria irreversível no mercado de trabalho.

7) Desde quando o fim dos limites para a contratação de terceirizados é discutido no Brasil?

A articulação de entidades empresariais para derrubar as limitações à contratação de terceirizados ganhou força nos anos 1990, com o avanço do neoliberalismo e das propostas para reduzir custos e desregulamentar o trabalho. O Enunciado 256 do TST, vigente até 1993, proibia a terceirização no País. Por isso, a Súmula 331 foi considerada um retrocesso pelo movimento sindical, mas hoje ela representa a única garantia de limite à terceirização. Em 1998, o então presidente Fernando Henrique Cardoso enviou ao Congresso um projeto de lei para acabar com as restrições ao trabalho terceirizado, engavetado em 2003, na gestão de Luiz Inácio Lula da Silva.

8) Por que o Supremo Tribunal Federal também poderá influenciar a liberação da terceirização no Brasil?

O STF está encarregado de apreciar o recurso da fabricante de celulose Cenibra, de Minas Gerais, contra a decisão da Justiça do Trabalho de condená-la a pagar 2 milhões de reais por terceirização ilegal da atividade-fim da empresa. Como o assunto seguiu para exame da existência de repercussão geral (indispensável ao julgamento dos recursos extraordinários), a decisão tomada pela Corte deverá ser aplicada a todos os casos em tramitação na Justiça. A Procuradoria-Geral da República deu parecer contrário ao recurso da Cenibra.

9) O que falta para o projeto que institui a terceirização geral ser aprovado?

Caso o projeto de lei seja aprovado na Câmara, ele segue para a apreciação do Senado, onde deverá passar por aprovação nas comissões antes de ser votado. Se houver alguma modificação no Senado, o projeto volta para a Câmara. Se for aprovado no Senado, vai para a sanção presidencial.

Fonte: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/>

3.2. Estrutura da Notícia/Reportagem

De acordo com Lage (2004), título, *lead*, *sublead*, corpo da matéria e intertítulo são os itens básicos da estrutura da notícia. Cada uma dessas estruturas possui características próprias, como veremos abaixo.

TÍTULO

- Sua função principal é chamar a atenção do leitor;
- A titulação de uma matéria depende principalmente do espaço delimitado pelo projeto gráfico;
- A função de titular cabe ao editor;
- Títulos devem conter ação. Use verbos.

LEAD

- Quem? Sujeito/Personagem
- O que? Fato/Acontecimento
- Quando? Tempo
- Por quê? Causa/Motivo/Finalidade
- Como? Modo/Maneira
- Onde? Lugar

SUBLEAD

- Tem função de aprofundar o lead e ligá-lo ao corpo da matéria.
- Trata-se de uma criação do jornalismo brasileiro que tem como função ligar as informações mais importantes ao desdobramento da matéria.
- O sublead equivale ao segundo parágrafo e contém informações menos importantes do que a do lead e objetiva disciplinar o ordenamento da notícia.

CORPO DA MATÉRIA

- É o desenvolvimento da matéria

INTERTÍTULO

- Recurso de edição que serve para facilitar a leitura e manter o interesse do leitor ao longo do texto através de palavras-chave.

A estrutura do gênero textual notícia segue o modelo da pirâmide invertida⁸, que inicia com os assuntos mais importantes e finaliza com os assuntos de menor relevância. Nessa estrutura, o primeiro parágrafo da notícia é o *lide*, cujas informações respondem basicamente às perguntas o quê, quem, quando, onde, como e por quê.

Na pirâmide invertida, após o primeiro parágrafo com as principais informações – o *lide*, temos o *sublide*, destacando outras informações relevantes relacionadas ao lide. Nos demais parágrafos o produtor do texto utiliza para acrescentar outros detalhes da informação.

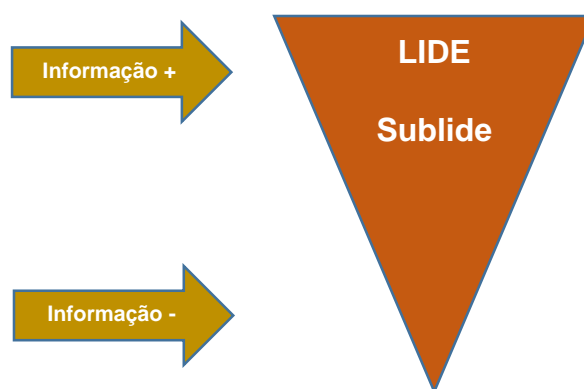


FIGURA 10 - NOTÍCIA

FOLHA DE S.PAULO

Conar reprova campanha contra sacolinha
 Pedido da Plastivida é aceito; supermercados dizem não ter recebido comunicado

CLAUDIA ROLLI
 DE SÃO PAULO

O Conar (Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária) reprovou e suspendeu a campanha "Vamos Tirar o Planeta do Sufoco", realizada pela Apas (Associação Paulista de Supermercados), cujo objetivo é banir o uso das sacolinhas plásticas descartáveis.

A campanha vem sendo veiculada em jornais, televisão, mídias sociais e em ações de marketing dentro dos supermercados.

A decisão unânime, votada por seis integrantes da 1ª Câmara do Conselho de Ética do Conar, atende a uma re-

presentação da Plastivida (Instituto Sócio Ambiental dos Plásticos). A entidade questionou a veracidade da campanha, com base em regras do código de autorregulamentação que consideram oito itens da ética publicitária que devem ser respeitados nos apelos de sustentabilidade usados em propagandas.

"É uma tentativa de propaganda enganosa porque a campanha diz que a sacola é

descartável, quando ela é reutilizável, comprovadamente por pesquisas feitas com a população. Além disso, a campanha não apresentou informações com exatidão e clareza nem citou fontes científicas para comprovar que, ao banir a sacola, o problema do ambiente está resolvido", afirma Jorge Kaimoti, advogado da Plastivida.

O Conar considerou ainda o argumento usado pelo ins-

tituto de que, em momento algum da campanha, a associação de supermercados informou que o custo das sacolas já é embutido no preço dos produtos.

"A sacola nunca foi fornecida gratuitamente. E, apesar de deixar de distribuí-las, continuaram a ser cobradas de forma indireta", disse o advogado.

A Apas informou, por meio de sua área jurídica, que não recebeu ainda comunicado oficial sobre a decisão do Conar. E, após tomar conhecimento dos motivos que levaram à suspensão da campanha, decidirá que medidas serão tomadas. Entre elas, se recorrerá da decisão.

“ É uma tentativa de propaganda enganosa porque a campanha diz que a sacola é descartável, quando ela é reutilizável ”

JORGE KAIMOTI
 advogado da Plastivida

FOLHA DE S.PAULO - Mercado - SÃO PAULO - SP - 09/03/2012 - B5

(<http://www.jonathanlamim.com.br/a-tecnica-da-piramide-invertida-na-producao-de-textos/>).

⁸ A técnica da pirâmide invertida consiste em apresentar primeiro as informações mais importantes e na sequência as informações menos importantes, permitindo então que o leitor tenha noção do que será apresentado ao longo do texto logo após a leitura do primeiro parágrafo. Ela é uma das técnicas mais conhecidas do jornalismo e podemos fazer uso dela de maneira muito proveitosa em textos usados nas campanhas de marketing, roteiros para vídeos e redações diversas.

O jornal impresso pode ser utilizado em quase todas as disciplinas do currículo escolar da educação básica. Para isso, o professor precisa elaborar um plano de atividades que contemple temas relacionados com a sua disciplina, encontrados com facilidade nas páginas deste suporte.

A Educação Física tem nos cadernos esportivos um rico material para ser usado nas suas atividades; nos cadernos que tratam assuntos relacionados à economia, o professor de Matemática pode encontrar temas relevantes para ser apresentados na sala de aula. Para isso, o professor necessita de uma dose de criatividade para elaborar propostas de ensino a partir do jornal, que permite uma interdisciplinaridade.

O professor de Português encontra nas páginas do jornal impresso temas relevantes para ser discutidos, analisados e usados na produção textual dos alunos. Enfim, o jornal impresso representa um excelente recurso pedagógico.

O jornal impresso, principalmente por se mostrar próximo dos suportes convencionais da escola, baseados na linguagem escrita e na ilustração de referência, tornou-se um recurso pedagógico (há cerca de duas décadas). O jornal tem sido explorado de forma pretextual. Diversas disciplinas e sobretudo a Língua Portuguesa fazem da prática de leitura de textos de jornal um modo de conduzir atividades regulares de compreensão textual e exploração gramatical (posto que esse exercício não é mais atrelado aos textos literários). É certo que outras disciplinas têm maior dificuldade para explorar tal recurso. Em disciplinas como a Física, a Química e a Matemática, por exemplo, é preciso muito conhecimento e criatividade para compatibilizar informações jornalísticas com noções curriculares convencionais. Não significa que não haja no jornal material fértil para trabalho com aquelas áreas, mas sim que tais noções não se apresentam sob um formato à primeira vista 'didatizável'. (JÚNIOR 2000)

Por apresentar temas da atualidade, o jornal pode despertar o interesse do aluno que está sempre em busca de algo novo. Além disso, o jornal apresenta uma linguagem do cotidiano, próxima da que é usada pelos estudantes. Uma linguagem de fácil acesso e de fácil entendimento.

Dentro da vertente cognitiva, o jornal acompanha o desenrolar dos acontecimentos do dia, trazendo possibilidades de atualização de conhecimentos, novos posicionamentos, análise, crítica e coisas do tipo. Outrossim, há que lembrar que os fatos aparecem em versões do próprio jornal, impondo a criticidade, a descoberta, o desvelamento, a recriação pela

análise dos textos, etc. Isto significa que o jornal estimula a curiosidade e a vontade de aprofundar os fatos pela leitura das versões. (SILVA 2007)

3.3. O jornal impresso como recurso na sala de aula

O professor que utiliza o jornal em sala de aula, além de proporcionar um aprendizado satisfatório, também contribui para a formação cidadã do estudante, a partir da reflexão que pode ser feita dos temas e assuntos apresentados nesse importante veículo de comunicação.

A reportagem é considerada uma atividade textual que tem como finalidade a divulgação de um fato de maneira mais aprofundada, detalhada, ocupando um importante espaço no meio jornalístico.

Outro fator que possibilita o uso do gênero textual reportagem é com relação ao suporte utilizado para a veiculação desse gênero: jornal e revista – impressos ou on-line, que podem ser facilmente adquiridos e levados para a sala de aula.

Além do gênero textual reportagem, a revista e o jornal apresentam ainda outros tipos textuais possibilitando a ampliação do conhecimento do aluno.

Devido a sua importância social e por oferecer uma riqueza linguística que muito tem a contribuir na formação do estudante, o uso do jornal na sala de aula tem sido recomendado pelos especialistas no ensino da leitura e da escrita.

Trata-se de um rico recurso que apresenta gêneros textuais pertencentes aos variados tipos textuais: narrativo, dissertativo, descritivo etc. A relação entre texto e imagem – tão comuns nos jornais impressos – possibilita uma análise acerca da relação entre a informação escrita e a informação imagética.

Cabe ensinar que, na produção e na leitura de textos jornalísticos, tem que ser levado em consideração o lugar no qual ele aparece, as outras formas de linguagem que o acompanham, o veículo no qual ele se apresenta e o que ficou induzido no que ele noticiou. (LIMA, 2003, p. 35)

Os jornais, com seu grande potencial educativo, representam nos dias atuais um importante instrumento de ensino-aprendizagem, pois, utiliza uma linguagem de prestígio valorizada pela sociedade.

A informação, obtida por meio do jornal, é uma etapa inicial para que sejam feitas análises mais relevantes. Como formador do cidadão, o jornal pode auxiliar no confronto de reportagens que levem o leitor a se emancipar com o conhecimento dos fatos do dia-a-dia. É fundamental para auxiliar na formação geral do estudante, pois não se pode mais deixar de lado as novas tecnologias da informação e da comunicação e dos meios de comunicação na Educação. Padrão de idioma, pois a linguagem é parecida com a do cotidiano, mas com textos coerentes e que abrangem muitas fontes de informação, e, por fim, registro da história, já que os jornais divulgam os principais fatos, com repercussão nas análises de especialistas e nas opiniões da população. Portanto, o jornal tem um grande potencial educativo. (PAROLI & ALMEIDA 2008)

Para que seja usado como ferramenta de ensino, o professor necessita de conhecimentos e habilidades. São recomendadas metodologias que têm no jornal impresso um importante recurso a ser utilizado por ele no dia a dia na sala de aula.

A convivência com o jornal amplia o conhecimento do leitor, apresenta a ele temas da atualidade, enriquecendo o seu ponto de vista e a sua capacidade argumentativa.

Azevedo (2007) traz uma série de sugestões para o uso do jornal nas aulas de Língua Portuguesa.

- a leitura do texto jornalístico se faça a partir do jornal inteiro, uma vez que leva a conhecer sua estrutura e funcionamento;
- o conteúdo dos textos leve à reflexão a respeito de algum tema relevante, uma vez que resgata a possibilidade de se conhecer mais a partir da leitura do texto jornalístico;
- a leitura seja feita com a finalidade de introduzir o estudo da língua escrita a partir do seu uso, uma vez que leva o aluno a compreender os elementos linguísticos que compõem este gênero;
- todas aquelas que atendam a uma necessidade dos alunos de ler, pois a satisfação desta necessidade torna a leitura um prazer

Ainda que recursos como a televisão e a internet proporcionem o repasse da informação em tempo real, no momento em que ela acontece, o jornal impresso ainda tem suas vantagens. A rapidez com que a informação é tratada na TV e na internet, por exemplo, deixa algumas lacunas que só o jornal impresso pode ocupar.

O redator da notícia que é publicada no jornal impresso tem mais tempo para apurar a informação, para redigir o texto com detalhes preciosos que a TV nem sempre apresenta ao telespectador.

A produção de uma reportagem dispõe de tempo para selecionar os elementos linguísticos que vão compor aquela informação, e que podem contribuir com a ampliação do léxico do estudante.

Apesar da importância que o jornal representa para a sociedade atual, Silva (2006) lembra que o acesso ao mesmo ainda não é democratizado e socializado mesmo porque ele é vendido como uma mercadoria aos que podem pagar por uma assinatura ou por exemplares separados. A escola, ao adotar práticas educativas com o uso do jornal da sala de aula, aproxima o estudante de um suporte que dificilmente ele terá contato fora do ambiente escolar.

O jornal impresso não está presente em todas as cidades brasileiras. Em muitas delas, o jornal chega com atraso – e quando chega. Ao utilizar esse suporte na sala de aula, o professor pode apresentar ao estudante um universo de gêneros textuais presentes nas páginas do jornal impresso.

É válido ressaltar que a utilização de um suporte original onde a reportagem é publicada – jornal ou revista, por exemplo – durante a atividade na sala de aula é importante para a execução das ações coordenadas pelo professor. Ao manusear o exemplar de um jornal ou de uma revista, o aluno vai se familiarizando com esses suportes. Conhecendo a configuração da revista ou do jornal, o aluno se tornará capaz de identificar, por exemplo, a importância da reportagem e da notícia de acordo com a página onde a mesma é publicada, o espaço que é destinado para aquela publicação etc.

Reconhecer a configuração de um jornal. Identificar as diferentes partes do jornal. Identificar diferentes funções dos textos. Relacionar textos a seus leitores. Identificar diferentes tipos de textos. Localizar e retirar informações. Fazer inferências com base nas pistas textuais. Realizar compreensão global de um texto. Sintetizar informações. Identificar causas e consequências de fatos. Distinguir fato de suposição. Identificar intenções nos diferentes textos e operar com índices e saliências textuais. (BATISTA, VAL, MARINHO, 2006, P. 32)

Evangelista e Gerônimo (2014), destacam que “estudar notícias é formar leitores atualizados sobre todos e quaisquer assuntos da atualidade e da sociedade

local ou mundial”. O jornal é uma fonte inesgotável de informação e de cultura e que possibilita muitas formas de ser utilizado nas atividades escolares. O jornal apresenta várias linguagens, vários textos, várias formas para se abordar a notícia.

Ao levar o jornal para a sala de aula, a escola está contribuindo para aproximar o aluno deste suporte rico em gêneros textuais, que dificilmente circula no ambiente familiar. Alguns porque não possuem o hábito de leitura do jornal impresso, outros não têm condições de adquirir um exemplar.

Temas atualizados, um léxico rico e muitas vezes desconhecido, a informação com detalhes que muitas vezes não estão presentes na notícia divulgada nos jornais radiofônicos e televisivos, contribuem para que o aluno se sinta motivado à leitura do jornal impresso.

A leitura do jornal pode ainda despertar práticas de socialização, pois o estudante vai adquirir conhecimentos de determinados assuntos e com isso terá argumentos necessários para expor e defender o seu ponto de vista na sala de aula e nos demais contextos sociais frequentados por ele. Na sala de aula, a interação entre os estudantes também pode melhorar bastante com o uso do jornal impresso.

A escola é tomada como autêntico lugar de comunicação e as situações escolares como ocasiões de produção/recepção de textos. Os alunos encontram-se, assim, em múltiplas situações em que a escrita se torna possível, em que ela é mesmo necessária. Mais ainda: o funcionamento da escola pode ser transformado de tal maneira que as ocasiões de produção de textos se multiplicam: na classe, entre alunos; entre classes de uma mesma escola; entre escolas. Isto produz, forçosamente, gêneros novos, uma forma toda nova de comunicação que produz as formas lingüísticas que a possibilitam. Freinet é, sem dúvida, quem foi mais longe nesta via que encara com seriedade a escola como autêntico lugar de produção e utilização de textos. (SCHNEUWLY E DOLZ, 1999)

Instrumento de leitura diferenciado dos tradicionais e que desperta o hábito de leitura nos estudantes.

E cabe à escola esse importante papel na formação crítica e cidadã do aluno. A prática contínua do uso do jornal no ambiente escolar precisa ser incentivada. Mas o estado precisa também fazer a sua parte para que essa prática possa ser implantada nos estabelecimentos de ensino e que seja executada desde as séries iniciais, já na

educação infantil. O professor que tem o hábito de levar o jornal para a sua turma da educação infantil diariamente e ler para a criança uma notícia, usando recursos da narrativa para chamar a atenção do aluno para aquela história que está sendo contada, mostrando a ela as fotografias, os gráficos e os demais componentes da notícia estará incentivando a formação de um leitor.

Para que isso se torne uma realidade nas nossas escolas, o professor deve estar apto a desenvolver tais atividades. Infelizmente, nem todos estão preparados para isso, pois não receberam formação voltada para tais procedimentos, nem na faculdade nem por meios de cursos de formação continuada. Sem conhecimento e habilidade para utilizar as mídias sociais nas atividades pedagógicas na sala de aula, o professor não terá como aplicar uma outra metodologia senão aquela quem vem nos livros didáticos e que quase sempre prioriza o ensino da gramática normativa deixando de lado o uso social da língua.

O jornal impresso na sala de aula representa um grande aliado ao livro didático, pois além de apresentar temas relevantes, atuais, e de grande interesse do público, permite o desenvolvimento da competência comunicativa do indivíduo.

Propor uma metodologia que utilize os gêneros notícia e reportagem no ensino da língua materna nos ensinos fundamental e médio não significa formar jornalistas para o exercício da profissão. O objetivo é levar o aluno a refletir, interpretar e compreender o gênero textual bem como fornecer a ele as ferramentas necessárias para a produção de um texto informativo seja por meio de uma notícia ou de uma reportagem.

4. RELATO E ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA

Executamos uma Proposta de Intervenção utilizando o Tipo Textual Informativo/Gêneros Discursivos Notícia/Reportagem como instrumento a fim de incentivar o hábito da leitura, da escrita, contribuindo também para o desenvolvimento da oralidade dos estudantes envolvidos na pesquisa.

A escolha desses gêneros discursivos não foi à toa. Digamos que a minha relação com eles é de longas datas. Antes mesmo de ingressar na graduação em Letras na Universidade Federal do Pará – Campus Santarém, já atuava no ramo da comunicação. Comecei em 1994 como estagiário no Departamento de Jornalismo da Rádio Rural de Santarém; meses depois fui contratado pela então Santarém Rádio e TV Ltda./TV Santarém – Hoje RBA (Rede Bandeirantes); no período de setembro de 1997 a fevereiro de 1998 atuei como repórter na TV Liberal Itaituba (Rede Globo). E de fevereiro de 1998 a janeiro de 2004/setembro de 2014 a novembro de 2014, passei pelo Sistema Tapajós de Comunicação/Rádio e TV Tapajós, onde atuei como repórter, apresentador de telejornal, produtor, editor de texto e coordenador do Departamento de Jornalismo da emissora.

De abril de 2009 a março de 2011 fui produtor executivo do Jornal da Manhã da Rádio Rural de Santarém. Atuei também na Divisão de Comunicação da Prefeitura Municipal de Santarém (2005 a 2011); e na Coordenadoria de Comunicação da Prefeitura Municipal de Juruti (2011 até os dias atuais). Enfim, a minha experiência no ramo do jornalismo, acredito eu, contribuiu significativamente para a escolha desses gêneros textuais para trabalhar em sala de aula.

Sou professor concursado da Prefeitura de Juruti desde maio de 2011. Em 2016 fui aprovado no exame de seleção da turma do Programa Profissional em Letras (Profletras) cujas aulas iniciaram em 2017. O desenvolvimento de estratégias que possibilitem o avanço e a melhoria do processo de ensino-aprendizagem dos alunos do Fundamental II é uma das condições exigidas pelo programa para a obtenção do título de Mestre em Letras. E foi pensando nessas estratégias que decidi utilizar o Tipo Textual Informativo (Notícia e Reportagem) nas atividades visando ao desenvolvimento da leitura, da escrita e da oralidade.

Adotamos a metodologia pesquisa participante, a qual, Segundo Gil (1991), "[...] caracteriza-se pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas". A pesquisa participante também é definida, por Lakatos e Marconi (1991), como um tipo de pesquisa que não possui um planejamento ou um projeto anterior à prática, sendo que o mesmo só será construído junto aos participantes (objetos de pesquisa). Por meio da pesquisa participante a comunidade é envolvida na análise da sua própria realidade, "com vistas a promover uma transformação social em benefício dos participantes que são oprimidos. Portanto, é uma atividade de pesquisa, educacional orientada para a ação." Grossi (1981).

4.1. Local da Pesquisa

Esta Proposta de Intervenção foi aplicada no primeiro e no segundo semestres do ano letivo de 2018 na escola Elza Albuquerque de Lima, bairro Maracanã, município de Juruti (Pa), que tem como gestor o professor Adson Luiz Pereira e vice-diretora a professora Marcília Andrade Pereira. Como Coordenadores pedagógicos, a professora Iracema Nazaré Mota e professor Edivaldo Martins. Atende a 678 alunos, distribuídos nas séries do fundamental I, fundamental II e Educação de Jovens e Adultos-EJA.

A escola conta com 70 funcionários, sendo destes 31 professores. O novo prédio da escola possui 16 salas de aula, biblioteca, sala de professores, um auditório, sala de direção e coordenação, refeitório e quadra poliesportiva. É hoje umas das mais belas e equipadas escolas do município de Juruti. Até o ano de 2017, a escola funcionou apenas com o Ensino Fundamental 1. A partir de 2018, com o novo prédio, o estabelecimento de ensino passou a oferecer o Ensino Fundamental 2 e Educação de Jovens e Adultos (EJA) – 3ª e 4ª etapas.

Em 2017, mesmo funcionando em condições precárias, a escola conseguiu, com esforço de seus colaboradores, subir seu IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica para 4.9, um significativo número que reflete preocupação de toda a equipe Elza Albuquerque com o desenvolvimento intelectual do seu alunado. Esse foi o maior índice alcançado por uma escola municipal de ensino fundamental 1 no município de Juruti.

FIGURA 11 – DADOS DO IDEB 2017-ESCOLA ELZA ALBUQUERQUE DE LIMA



Obs:

* Número de participantes no SAEB insuficiente para que os resultados sejam divulgados.

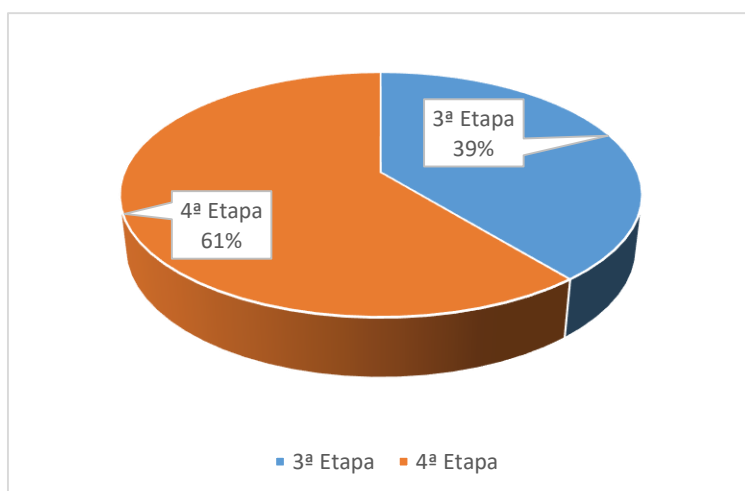
** Sem média no SAEB 2017. Não participou ou não atendeu os requisitos necessários para ter o desempenho calculado. Os resultados marcados em verde referem-se ao Ideb que atingiu a meta.

Fonte: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/>

4.2. Público-alvo da pesquisa

Esta Proposta de Intervenção foi executada nas duas turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) – 3ª e 4ª etapas. Na 3ª etapa havia 18 alunos e na 4ª etapa 28 alunos, totalizando 46 discentes. Em termos percentuais, esses números são demonstrados no gráfico abaixo:

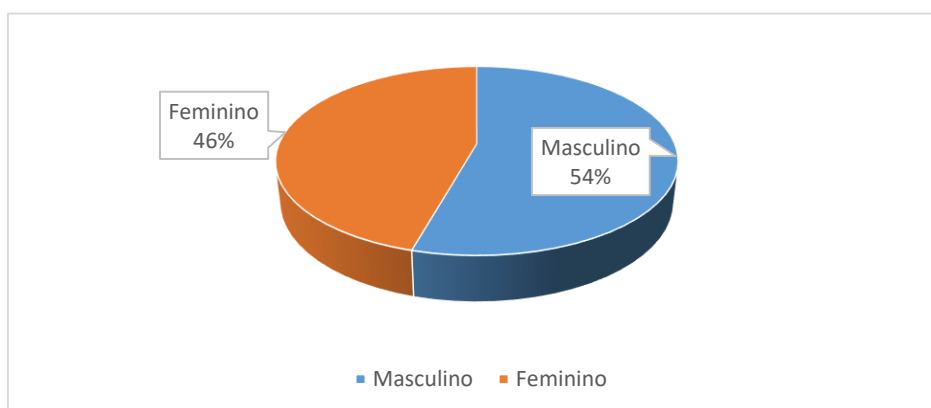
FIGURA 12 – NÚMERO DE ALUNOS/EJA/2018



Fonte: Levantamento feito na sala de aula pelo professor

Com relação ao sexo, mais da metade dos estudantes pertence ao sexo masculino, como podemos observar a seguir:

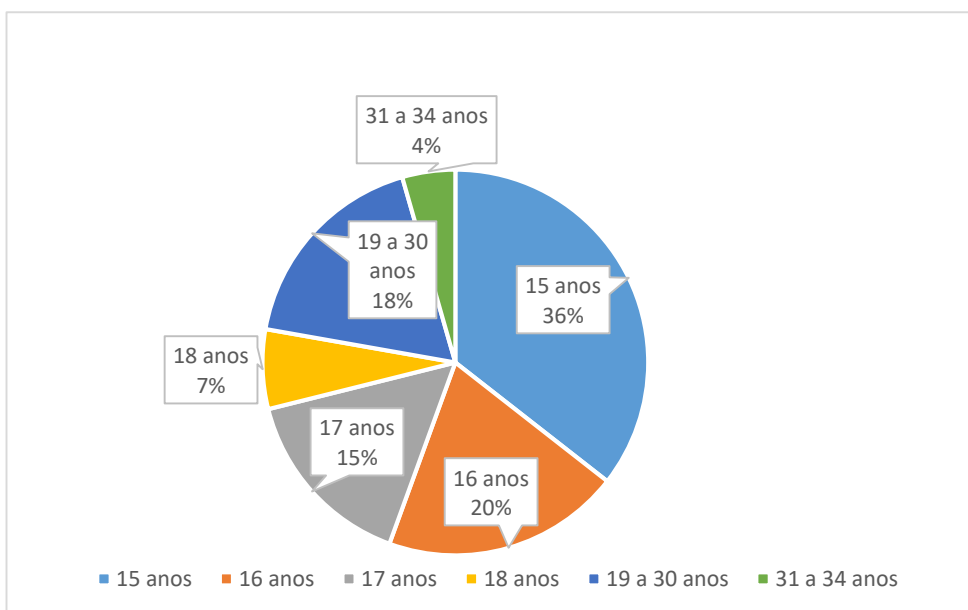
FIGURA 13 – EJA/2018/SEXO



Fonte: Levantamento feito na sala de aula pelo professor

Com relação à faixa etária dos estudantes envolvidos na pesquisa temos os seguintes números: 15 anos (16 alunos), 16 anos (9 alunos), 17 anos (8 alunos), 18 anos (3 alunos), 19 anos (1 aluno), 20 anos (2 alunos), 22 anos (2 alunos), 24 anos (1 aluno), 25 anos (1 aluno), 27 anos (1 aluno), 31 anos (1 aluno) e 34 anos (1 aluno).

FIGURA 14 – EJA/2018/FAIXA ETÁRIA



Fonte: Levantamento feito na sala de aula pelo professor

4.3. Atividades desenvolvidas

4.3.1. Cronograma

ETAPA	DESCRIÇÃO	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
1ª	<ul style="list-style-type: none"> • Sondagem • Apresentação da Situação Inicial	<ul style="list-style-type: none"> • 1 aula • 2 aulas
2ª	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do Suporte Revista Impressa • Apresentação do Suporte Jornal Impresso 	<ul style="list-style-type: none"> • 2 aulas • 2 aulas
3ª	<ul style="list-style-type: none"> • Oficina sobre Reportagem e Notícia • Entrevistas 	<ul style="list-style-type: none"> • 4 aulas • 2 aulas / Teoria
4ª	<ul style="list-style-type: none"> • Produção Textual – Transcrição das Entrevistas • Produção Textual – Reportagem 	<ul style="list-style-type: none"> • 4 aulas • 4 aulas
5ª	<ul style="list-style-type: none"> • Oficina de Introdução ao Word Básico 	<ul style="list-style-type: none"> • 6 aulas
6ª	<ul style="list-style-type: none"> • Revisão e Reescrita das Reportagens • Diagramação 	<ul style="list-style-type: none"> • 4 aulas
7ª	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação Parcial da Revista 	<ul style="list-style-type: none"> • 2 aulas
8ª	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação 	<ul style="list-style-type: none"> • 2 aulas

1ª ETAPA

- Sondagem

Em abril de 2018 realizamos a primeira atividade da nossa proposta de intervenção com uma sondagem a fim de conhecer a frequência de leitura dos estudantes. Essa etapa se deu por meio de perguntas feitas oralmente pelo professor-pesquisador e de um questionário entregue a cada um dos alunos, no qual foram solicitadas, por exemplo, informações a respeito da frequência da leitura de romances, poesias, revistas em quadrinhos, *sites*, jornais e revistas em geral.

Também solicitamos aos estudantes que respondessem à seguinte pergunta: Quantos livros você leu nos últimos dois anos?

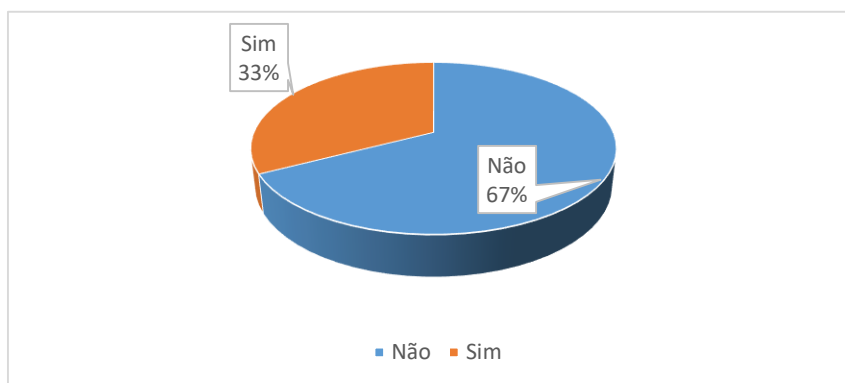
Na terceira e última parte do questionário perguntamos, por exemplo, sobre o hábito de leitura dos alunos, onde eles deveriam concordar ou discordar das seguintes afirmações:

- Só leio o que é necessário
- Ler é uma das minhas diversões preferidas
- A escola me estimula a ler etc.

Às perguntas feitas oralmente a respeito do hábito de leitura, os estudantes foram quase unânimes afirmando que essa não é uma prática frequente e que só liam assuntos relacionados aos conteúdos ministrados na sala de aula com fins de avaliação – e quando liam, pois boa parte disse não “ter tempo para a leitura”.

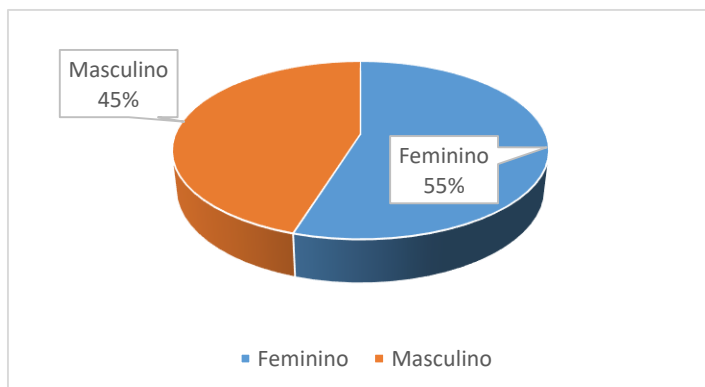
Foram poucos os estudantes que disseram ler romances e poesias por iniciativa própria. Houve um caso na 4ª etapa em que um aluno de 24 anos respondeu que nunca havia lido um livro durante a sua vida escolar.

Dos 46 alunos participantes da sondagem, quinze (33%) afirmaram ter lido pelo menos 01 livro nos últimos dois anos, indicados por professores, familiares, amigos etc. Trinta e um (67%), no entanto, responderam não ter lido nenhuma obra nos últimos dois anos.

FIGURA 15 – LEITURA DE LIVROS NOS ÚLTIMOS DOIS ANOS

Fonte: Levantamento feito na sala de aula pelo professor

Desses 31 alunos que responderam “não” à pergunta, 17 pertencem ao sexo feminino e 14 ao sexo masculino. Em números percentuais a representação é a seguinte:

FIGURA 16 – NÃO LERAM LIVROS NOS ÚLTIMOS DOIS ANOS/SEXO

Fonte: Levantamento feito na sala de aula pelo professor

Por ter sido meu primeiro contato com a turma – cujas aulas iniciaram bastante atrasadas em virtude da construção da escola – a sondagem ocorreu no primeiro dia de aula, pois precisava dar início às atividades que iriam subsidiar o desenvolvimento das próximas etapas.

- Apresentação da Situação Inicial

A primeira atividade desta Proposta de Intervenção ocorreu em junho de 2018 nas duas turmas – 3ª e 4ª etapas da Escola Municipal de Ensino Fundamental Elza Albuquerque de Lima. A apresentação da situação inicial é uma oportunidade em que,

de acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p.84), “visa expor aos alunos um projeto de comunicação que será realizado “verdadeiramente” na produção final”.

A apresentação da situação inicial foi muito importante para auxiliar os alunos na produção inicial com o gênero a ser trabalhado na Proposta de Intervenção e no planejamento das atividades que foram executadas.

Iniciei esta etapa informando aos alunos que eu sou mestrando em Letras da Universidade Federal do Oeste do Pará, Campus Santarém, e como parte da pesquisa visando à elaboração da dissertação para ser apresentada e defendida no final do curso – a fim de obter o título de Mestre em Letras – precisava executar uma proposta de intervenção a partir do tipo textual informativo (utilizando os gêneros notícias e reportagem) cujas produções finais iriam ser publicadas numa revista que destacaria a origem e as curiosidades do Festival das Tribos de Juruti..

“A apresentação da situação é, portanto, o momento em que a turma constrói uma representação da situação de comunicação e da atividade de linguagem a ser executada”. (DOLZ, NOVERRAZ E SCHNEUWLY 2004, p.84)

Apresentei aos alunos três textos do tipo informativo publicados na internet, com destaque para três grandes manifestações culturais do Brasil: o Festival Folclórico de Parintins, a Festa da Uva do Rio Grande do Sul, e o Boi-Bumbá do Maranhão.

A primeira notícia foi retirada do site www.difusora809.com.br, informando o início da 7ª edição da Festa de Abertura da Vindima em Belo Monte do Sul – evento cultural que celebra o início da colheita da uva, principal atividade socioeconômica do município.

FIGURA 17 – NOTÍCIA 01



Fonte: <http://difusora890.com.br/inicia-a-7a-edicao-da-festa-de-abertura-da-vindima-em-monte-belo-do-sul/>

A segunda notícia foi extraída do site www.cultura.gov.br, publicada no dia 09 de junho de 2016, destacando que o bumba-meu-boi do Maranhão foi registrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), entidade vinculada ao Ministério da Cultura (MinC), como Patrimônio Cultural do Brasil. A tradicional festa é uma das principais manifestações culturais de São Luís (MA) e estaria presente durante a passagem da Tocha Olímpica pela cidade, no dia 12/06/2016.

FIGURA 18 – NOTÍCIA 02



Fonte: http://www.cultura.gov.br/noticias-destaques/-/asset_publisher/OiKX3xIR9iTn/content/bumba-meu-boi-e-destaque-em-passagem-da-tocha-olimpica/10883

E a terceira informação foi extraída do site www.jornalggn.com.br, onde o destaque foi o Festival Folclórico de Parintins - uma festa popular realizada anualmente no último fim de semana de junho na cidade de Parintins, Amazonas. É uma apresentação a céu aberto, onde competem duas associações, o Boi Garantido, de cor vermelha, e o Boi Caprichoso, de cor azul.

FIGURA 19 – NOTÍCIA 03



Fonte: www.jornalggn.com.br

Após a leitura dos textos, iniciei uma bate-papo com os alunos a respeito dos assuntos apresentados. Não houve dificuldades para identificar os textos como “reportagens”, mas precisaram de auxílio para identificar o veículo de comunicação nos quais os textos foram publicados. Chamei a atenção para a data da publicação, os recursos imagéticos usados para enriquecer a informação etc.

O raro contato dos alunos com os suportes nos quais são veiculados textos informativos, como reportagens e notícias, talvez tenha sido um dos motivos que dificultaram a localização do veículo de informação onde os textos foram publicados. Os alunos também encontraram dificuldades em encontrar a autoria dos textos e a data da publicação. Em Juruti, cidade onde esta pesquisa foi executada, a circulação periódica de jornais impressos é uma raridade. Os poucos jornais que chegam ao município são provenientes de Santarém e de Oriximiná, por exemplo. Além disso, não há emissora de rádio e de TV local, e a população recebe as informações diárias

– como as ações executadas pelo poder público municipal – por meio do *facebook*, que é considerado por grande parte dos moradores como o principal veículo de informação do município – ainda que em muitos casos prevaleça o sensacionalismo por parte de alguns que se intitulam *blogueiros*.

Após esse pequeno bate-papo acerca dos textos apresentados na sala de aula, entreguei aos alunos um questionário com as seguintes perguntas:

QUESTIONÁRIO

I – APÓS A LEITURA DOS TEXTOS, RESPONDA:

Qual o assunto abordado em cada um dos textos?

Você sabe quais são as principais manifestações culturais do estado do Pará?

Na sua cidade existe alguma manifestação cultural semelhante às que foram apresentadas nos textos? Se sim, faça um breve relato dessa manifestação.

Qual a contribuição que essa manifestação cultural representa para o município?

II – PRODUZA UM TEXTO SOBRE A PRINCIPAL MANIFESTAÇÃO CULTURAL DA SUA CIDADE PARA SER PUBLICADO NUM DOS JORNAIS IMPRESSOS DE MAIOR CIRCULAÇÃO NO PAÍS.

11/05/2020

(1) - APÓS A LEITURA DOS TEXTOS RESPONDA

(A) QUAL O ASSUNTO ABOARDADO EM CADA UM DOS TEXTOS?
 (1) ASSUNTO - FESTIVAL DE PARINTIS
 (2) BUMBA-MEU BOI.
 (3) VÍNDIMA

(B) VOCÊ SABE QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DO ESTADO DO PARÁ?

FESTIVAL, FESTA JUNINA, FO. EM CANTO DO BOIO, TUCUXI, E COR. DE ROSA.

(C) NA SUA CIDADE EXISTE ALGUMA MANIFESTAÇÃO CULTURAL SEMELHANTE ÀS QUE FORAM APRESENTADAS NOS TEXTOS? SE SIM FAÇA UM BREVE RELATO DESSA MANIFESTAÇÃO?

SIM TODO O ANO EXISTE A MANIFESTAÇÃO DAS TRIBOS - MUNDURUCU - E MUIRAPINIMA. E ELAS COM PÉTEM ENTRESIA PARA VER QUAL TRIBO SE SAI MELHOR NO FESTIVAL

(1) - PRODUZA UM TEXTO SOBRE A PRINCIPAL MANIFESTAÇÃO CULTURAL DA SUA CIDADE PARA SER PUBLICADO NUM JORNAL IMPRESSO DE MAIOR CIRCULAÇÃO NO PAÍS

MUNDURUCU É MUIRAPINIMA. SÃO DUAS TRIBOS DIFERENTES QUE TEM TODO O ANO SUAS COMEDIÇÕES E LIDAS COM ELA. TODO O CONHECIMENTO DAS SUAS TRIBOS. EM CADA MÚSICA. E EM CADA DANÇA MOSTRA PARA NOS A FORMA COMO OS INDÍGENAS VIVEM. TRAZEM A FORMA DE UM



11/02/2020

MUNDO DIFERENTE - UM LUGAR QUE NÓS
NÃO SABEMOS COMO ER E ASSIM AS TRIBOS
TAMBÉM TAMBÉM A SUA CANTORIA E DANÇAS. E
CULTURA...

Manifestação

estudo de caso - manifestação cultural
em uma comunidade indígena

alguma cidade existe alguma manifestação
cultural semelhante as que foram a apresenta
e nos textos se sim faça um breve relato
essa manifestação
em que o ano existe a manifestação das
tribos - mundurucú - e mundurucú. E elas
em pétem entres para ver qual tribo
seu melhor - no Brasil

produção um texto sobre a principal mani
festação cultural da sua cidade para ser
publicado num jornal impresso de maior
circulação no país
mundurucú e mundurucú são duas tribos
diferentes que têm todo o ano suas com
unidades e tribos com ela. Todo o conhecimento
e suas tribos. Em cada música. E em cada
ela mostra para ver a forma como os
indianos vivem. Assim a forma de um



Por meio de um simples bate-papo foi possível contribuir, por exemplo, na apresentação de novas formas linguísticas aos estudantes. Expressões que antes eram desconhecidas por eles, como “manifestações culturais”, passaram a fazer parte do vocabulário dos discentes. Isso é muito gratificante para o professor, ao perceber nos olhos do aluno um brilho muito especial ao obter novos conhecimentos por meio da leitura, o que antes para eles não possuía importância, passou a ser visto de uma outra forma.

Os alunos não estavam acostumados com essa abordagem dada ao texto na sala de aula. Segundo eles, o texto era “apenas para passar o tempo”, “ocupar a aula quando o professor faltava”, “mostrar quem sabia ler direito” etc. Muitos, com medo dos risos dos outros colegas, evitavam a leitura. Consideravam a leitura em voz alta um momento muito ruim, pois não queriam “passar vergonha”.

Expliquei a eles que o texto na sala de aula pode proporcionar uma série de benefícios, como os que eles tinham acabado de experimentar: a apropriação de novas formas linguísticas, o conhecimento da cultura dos outros estados brasileiros, como a Festa da Uva no Rio Grande do Sul e o Bumba-Meu-Boi de Salvador. E também para mostrar a eles que em nossa região também temos eventos semelhantes, conforme eles mesmos puderam observar: o Sairé (Santarém/Alter do Chão), o Círio de Santo Antônio (Oriximiná), o Carnapauxis (Óbidos), o Festival do Garantido e Caprichoso (Parintins) e o Festival das Tribos Mundurku e Muirapinima (Festribal) – que acontece há 24 anos, sempre no último fim de semana do mês de julho.

Enfim, após toda essa reflexão acerca do texto – que vai muito além de “passar o tempo”, “ocupar a aula vaga” etc., pode-se perceber que a forma de abordagem do texto na sala de aula foi um dos pontos negativos que só contribuíram para afastar esse aluno do texto, da leitura. Ou seja, conforme Silva (2010, p.112),

o fato de nossos alunos não gostarem de ler – fato esse amplamente conhecido e divulgado – deve ser atribuído, principalmente, à pseudopedagogia ou antipedagogia da leitura, adotada no âmbito das nossas escolas.

Percebe-se que é necessário que haja o quanto antes – e eu acredito que boa parte dos professores já percebeu isso – uma mudança na forma como vem sendo

tratado o texto nas nossas escolas, em especial nas aulas de Língua Portuguesa. O aluno precisa entender – e os professores também – que a leitura, “é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade”. (BAMBERGER, 1987, p. 10)

2ª ETAPA

Apresentando o suporte revista impressa

Nas aulas do dia 14 de junho de 2018, levei a revista *Çairé*, ano IV, Edição nº 05 para que os alunos tivessem o contato com este suporte, pois esta Proposta de Intervenção teria como produto final a elaboração da primeira edição da Revista “Olha Já!”, com destaque para o Festival das Tribos Indígenas de Juruti (Festribal) – que ocorre no último fim de semana do mês de julho, há 24 anos, e é considerado uma das maiores manifestações culturais do Estado do Pará.





Nesta edição da revista levada para a sala de aula foram destaque – além do Festribal 2017 – o Festival do Sairé (Alter do Chão/Santarém), a Festa da Integração Nordestina (Mojuí dos Campos), o Festival dos Bumbás Caprichoso e Garantindo (Parintins), o Círio Fluvial de Santo Antônio (Oriximiná), a Exporurópolis 2017 (Rurópolis) e outros eventos sociais.

Na oportunidade, pedi aos estudantes que verificassem com calma e atenção a forma como a revista apresentou cada um dos assuntos, com destaque para as fotografias. Mostrei aos estudantes que além da fotografia podemos usar outros recursos na elaboração da informação. Trata-se de um gênero multimodal, que conforme destaca Gaydeczka (2007) “permite ao professor utilizar várias habilidades de leitura como as de gráficos, infográficos, fotografias e outros”.

ESCOLA ELZA ALBUQUERQUE
PROFESSOR: UDIRLEI ANDRADE | LÍNGUA PORTUGUESA

GÊNERO ILUSTRATIVO 3



Fotografia



Gráfico



Infográfico



Tabela

Porcentagem de receita anual que podem-se gastar com o sistema municipal

Faixa de habitantes	Região Nordeste	Estado a. 50	Municípios atingidos pela mediana
Até 50 mil	8%	7%	670
50 mil e um a 100 mil	7%	6%	174
100 mil e um a 150 mil	6%	6%	42
150 mil e um a 2 mil habitantes	5%	4,5%	34
2 milhões e um a 5 mil habitantes		4%	1
Acima de 5 milhões		3,5%	1
Total			1.500

ICRS, 10 DE ABRIL, Brasília, 20 mil e 200 p. 3

Os estudantes ficaram impressionados com as fotografias que ilustraram a matéria acerca do Festival das Tribos Munduruku e Muirapinima (Juruti-Pará), com destaque para as alegorias, os itens como guardiã-tribal, porta-estandarte, pajé, tuxaua etc. “Nem parece que é em Juruti”, disse um dos estudantes. Daí cada um deles pode perceber que além da informação escrita, a fotografia usada para ilustrar a matéria precisa ser trabalhada, o fotógrafo precisa escolher um bom ângulo para fazer o registro, pois a fotografia também fornece ao leitor outras informações por meio da linguagem não-verbal.

Acerca deste suporte – a revista – destaquei que ela pode ser semanal, quinzenal ou mensal. Essa periodicidade pode contribuir numa melhor apuração da informação, um melhor cuidado na produção do texto e na diagramação do produto.

Apresentando o suporte jornal impresso

Em outra oportunidade, levei para a sala de aula diversos exemplares de jornal impresso para que os alunos pudessem ver de perto detalhes deste suporte. Antes de distribuir o jornal, perguntei a eles para que serve o jornal? “Para divulgar informação”, “Para mostrar as notícias da nossa cidade”, “Para nos manter informado”, responderam. Em seguida, copiei no quadro as principais funções do jornal, de acordo com o Manual: Como fazer um jornal – Escola em pauta (PARCEIROS DA EDUCAÇÃO, 2017):

- ✓ Informar o leitor.
- ✓ Relatar fatos e divulgar dados.
- ✓ Analisar as informações de maneira crítica.
- ✓ Denunciar ações ilegais e de interesse público.

Fiz uma pequena abordagem acerca dos elementos que compõem uma notícia e uma reportagem e falei da distribuição dessas informações nas páginas do jornal.

Levei para a sala de aula várias edições do Jornal O Impacto, de Santarém-Pará, que tem circulação semanal (todas as sextas-feiras) apresentando notícias de

Santarém e de diversos outros municípios do estado do Pará como Juruti, Monte Alegre, Belterra, Placas, Itaituba, Alenquer, Oriximiná etc.


Pedi aos alunos que ficassem à vontade, que folheassem os jornais observando os gêneros ilustrativos encontrados no referido suporte analisado. Observei que os alunos ficaram interessados em assuntos relacionados ao esporte, à área policial – prisões, assassinatos, e aos fatos do dia a dia como os acidentes. Assuntos relacionados à política, à economia, encontrados em todas as edições dos jornais levados para a sala de aula, não atraíram a atenção dos estudantes.

Tal comportamento por parte dos estudantes não me surpreendeu. Aproveitei a oportunidade para conversar sobre a importância de estarmos atentos para as informações relacionadas à política, à economia, à educação, à cultura, por exemplo. “A informação é um importante instrumento para garantir a nossa cidadania”, disse a eles. Perguntei a eles: “você sabem qual o papel do senador?”, “para que serve o ENEM?”, “Vocês sabem qual o destino e para que serve a bauxita extraída pela Alcoa em Juruti?”. Os alunos ficaram em silêncio. Foi o momento ideal para dizer-lhes que as respostas para esses questionamentos poderiam ser encontradas, por exemplo, nas páginas de um jornal impresso, nos telejornais, nos sites de notícias na internet. Na oportunidade entreguei a eles algumas razões que mostram a importância da leitura do jornal impresso.

ESCOLA ELZA ALBUQUERQUE DE LIMA
DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSOR: UDIRLEI ANDRADE

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DIÁRIA DO JORNAL

Danny Rubin, premiado autor e expert em comunicação para jovens da geração atual, e Assunta Ng, editora do jornal semanal *Northwest Asian*, listaram algumas razões para exemplificar a importância da leitura diária do jornal:



Fonte: www.gazetadopovo.com.br

- > A leitura de notícias amplia nossa visão de mundo.
- > A leitura de notícias favorece nossa criatividade.
- > A leitura de notícias faz com que se aprenda algo novo a cada dia, retardando o envelhecimento.
- > A leitura de notícias aprimora a linguagem e a escrita.
- > A leitura de notícias dá ao leitor ferramentas para se conectar facilmente a pessoas.
- > A leitura de notícias habilita o profissional a posições de liderança.
- > A leitura de notícias é fonte de inspiração, conhecimento e descoberta de soluções para questões variadas.
- > A leitura de notícias desenvolve a capacidade de argumentação tornando o indivíduo um comunicador à frente do seu tempo.
- > A leitura de notícias forma o pensamento crítico.
- > A leitura de notícias nos dá acesso ao esboço do que será história.

Fonte: Manual: Como fazer um jornal – Escola em rede

Disse-lhes que essa questão da falta de interesse e do gosto pela leitura não é nenhuma novidade na sociedade brasileira. Comentei sobre o poder libertador da leitura, do papel que ela desempenha na formação de um cidadão crítico, capaz de tomar suas próprias decisões. Ao falar do poder libertador da leitura perguntei se é de interesse, por exemplo, dos nossos governantes, em formar bons leitores. Dei a eles alguns minutos para que trocassem ideia com os demais colegas. “Acho que não, porque as pessoas iriam ficar sabendo dos seus direitos e iriam cobrar mais dos nossos governantes” – respondeu boa parte deles.

Nesse ponto eles têm razão e eu fiquei muito feliz ao ouvir essa resposta. Pois, conforme destaca Silva (2010, p. 47),

[...] a crise da leitura não deve ser tomada como um fenômeno desta década ou mesmo deste século, na medida em que sempre houve, desde o período colonial, discriminação e marginalização no processo de formação de cidadão leitores.

Ou seja, trata-se de um problema que vem desde a “descoberta” do Brasil. Voltei a abordar a resposta dada por eles ao questionário apresentado na “Sondagem” feita por mim na primeira aula do ano. Foram muitos os estudantes que afirmaram não terem lido nenhum livro nos últimos dois anos. “Se vocês soubessem os benefícios que a leitura pode proporcionar na vida de cada um que está aqui nesta sala de aula, com certeza a situação seria diferente”, disse eu. E não falei isso por acaso, falei isso baseado em quem entende do assunto, que tem uma série de estudos e pesquisas voltadas para a leitura na escola.

[...] a pessoa que sabe ler e exerce essa prática social em diferentes momentos de sua vida tem a possibilidade de desmascarar os ocultamentos feitos e impostos pela classe dominante, posicionar-se frente a eles, lutar contra eles. (SILVA, 2010, p. 53)

Para cada aluno distribuí o material e pedi a eles que verificassem todas as páginas e destacassem a notícia que mais lhes chamasse a atenção. Em seguida, pedi a eles que compartilhassem oralmente o assunto abordado na reportagem selecionada.



Alguns alunos se mostraram tímidos, sem vontade de compartilhar as informações. Boa parte deles tinha medo de “falar errado” e ser “motivo de piada” pelos demais colegas da classe. Foram poucos os que participaram desta etapa da atividade. Foi um passo importante, porque aos poucos os alunos foram perdendo a timidez, com o passar dos meses. Aqui percebemos cumprir uma das recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e por que se diz determinada coisa. É saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização eficaz da linguagem: falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito pretendido. (PCN, 1997)

O contato com as informações permitiu aos alunos conhecimentos necessários para que eles pudessem se posicionar acerca de determinados assuntos da atualidade, ora concordando, ora discordando, sempre apresentando um argumento para as suas escolhas. A prática proporcionou um avanço considerável nas capacidades argumentativas e na oralidade. O vocabulário do estudante foi

enriquecendo com o passar do tempo, pois o contato com os textos permitiu o conhecimento de novas palavras e de novas estruturas da língua portuguesa. Enfim, perceberam que a prática da leitura diária pode ajudá-los a “falar bonito”, por exemplo.

3ª ETAPA

Oficina – Gêneros Textuais: Notícia/Reportagem

Uma das principais etapas foi uma oficina sobre os gêneros textuais reportagem e notícia, na qual apresentamos aos alunos as principais características desses gêneros a fim de fornecer-lhes orientações para a produção dos textos.

Na oportunidade, informei a eles que a utilização de diferentes gêneros e suportes textuais na sala de aula, nas aulas de Língua Portuguesa, é recomendada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e serve para complementar as atividades propostas nos livros didáticos. No ano de 2018, a Escola Elza Albuquerque de Lima não utilizou o livro didático na Educação de Jovens e Adultos (EJA) – 3ª e 4ª etapas.

Com relação aos textos que são levados para a sala de aula, falei que para alcançarmos nossos objetivos, formar leitores e escritores, precisávamos trabalhar com textos que circulam no contexto social do qual esse aluno faz parte. Ficar limitado ao livro didático pode impossibilitar que esse objetivo seja alcançado em sua plenitude. Diariamente os nossos alunos têm contato com as notícias publicadas nas emissoras de TV, emissoras de Rádio, Jornais e Revistas Impressos, Jornais e Revistas publicados na *internet* etc. E mesmo que o jornal impresso não esteja tão presente na vida do estudante de Juruti (as causas citei no início do relato e da análise desta proposta), trata-se de um recurso de baixo custo que podemos usar na sala de aula a fim de incentivar a leitura e fornecer aos estudantes subsídios para a produção textual.

É papel do professor apresentar e trabalhar com os alunos os tipos e os gêneros textuais que fazem parte do cotidiano. É fundamental que os estudantes compreendam que texto não são somente aquelas composições escritas tradicionais com a qual se trabalha na escola – descrição, narração e dissertação – mas sim que o texto é produzido diariamente em todos os

momentos em que nos comunicamos, tanto na forma escrita como na oral.
(CALDAS, p.3)

Não foi nossa intenção formar jornalistas, até porque essa não foi a nossa proposta. Utilizamos o jornal e a revista impressos e os gêneros notícia e reportagem a fim de incentivar a leitura e a produção textual dos alunos, bem como o aprimoramento da oralidade.

Contei aos alunos a minha experiência como jornalista, área em que atuo desde 1994. Relatei que no início da profissão, alguém me disse que escrever uma notícia ou uma reportagem é como contar uma história para outra pessoa, ou seja, é como relatar um filme, um capítulo de uma novela, uma cena presenciada ou não pela pessoa que conta essa história etc.

Na oportunidade, apresentei aos estudantes a estrutura básica da notícia: antetítulo, título (ou manchetes), subtítulo, *lead* e corpo da matéria. Cada um desses componentes tem características próprias. Eles precisavam ficar atentos para todos esses detalhes para poder colocar em prática esses conhecimentos. Após apresentar a função e a característica de cada um dos elementos da estrutura da notícia distribuí um texto jornalístico, intitulado “Menino de 12 anos é vítima de bullying em Ilhabela”, e pedi a eles que respondessem às questões após a leitura para verificar se o assunto foi ou não assimilado.

Fiz uma breve explanação sobre as diferenças entre a reportagem e a notícia, que apesar de pertencer ao tipo informativo, apresentam características próprias e que precisavam ser esclarecidas para a produção do gênero textual que seria usado nesta proposta de intervenção.

A notícia é um relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social. A reportagem é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que já são percebidas pela instituição jornalística. Por sua vez, a entrevista é um relato que privilegia um ou mais protagonistas do acontecer, possibilitando-lhes um contato direto com a coletividade (MARQUES DE MELO, 2003, p.66)

Trabalhar com o tipo informativo/gêneros notícia e reportagem possibilita, por exemplo, abordar as tipologias presentes nesses gêneros. Neles a tipologia narração

é a predominante, pois um fato será relatado para que outro possa ficar por dentro do ocorrido. É possível também encontrar as tipologias descrição, argumentação, injuntivo ou instrucional.

ESCOLA ELZA ALBUQUERQUE DE LIMA

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA

PROFESSOR: UDIRLEI ANDRADE

MENINO DE 12 ANOS É VÍTIMA DE BULLIYNG EM ILHABELA

Mãe do menor diz que procurou o Conselho Tutela e que esperava uma posição mais firme da escola.

A vítima, um menino de 12 anos, diz que estava recebendo provocações e ameaças desde o início do ano. Até que os colegas mais velhos partiram para agressões.

“A primeira vez me tacaram no lixo. A segunda me deram bolada e a terceira foi o tapão na cara”, diz o aluno.

A mãe dele, que prefere não se identificar, procurou a escola. Ele esperava que a instituição tomasse providências.

“Todos os dias eu ligo pra escola, quando não é na hora do intervalo eu ligo um pouquinho antes da saída. Não estou vendo assim um resultado, uma preocupação. Pra eles é uma coisa corriqueira de criança, mas isso não é não. Isso é Bullying”, diz a mãe do aluno.

A escola é particular e fica no bairro Barra Velha em Ilhabela. A entrada da equipe da TV Vanguarda não foi autorizada na escola, nem a direção quis receber a equipe. Foi realizada uma reunião entre os pais dos alunos envolvidos para entender melhor o caso. Segundo o advogado da instituição, a partir de agora serão tomadas algumas medidas necessárias.

“Se houve algum tipo de infração nós tomamos as medidas inicialmente de advertência, suspensão e até a transferência compulsória”, diz o advogado da escola Silas D’Ávila Silva.

A mãe do menino agredido não concordou com a postura da escola na reunião.

“Não adianta pedir desculpas, eu quero que a coordenação da escola tenha realmente um pulso firme ali pra ver exatamente o que tá acontecendo, porque o problema não tá em uma criança. O problema tá em um grupo, em um todo e que eu acho que a coordenação da escola ta falhando nisso. Eu procurei, sim, o Conselho Tutelar, já tomei todas as medidas cabíveis e vou continuar”, diz a mãe.

A escola, também por meio do advogado, informou que ainda não considera o caso como sendo de Bullying. E que desenvolve atividades para evitar conflitos no ambiente escolar.

“Esse assunto é tratado com os alunos com palestras, filmes e um trabalho constante da própria coordenação da instituição no sentido de coibir, fiscaliza e chamar a atenção de quem estiver agindo de forma diferente”, diz Silas.

O aluno disse que não conhece esses trabalhos.

“Ninguém ensinou que não podia fazer. Ninguém tratou isso, Bullying”, diz o aluno. “Foi uma bolada, um bofetão, amanhã pode ser coisa mais grave, pior né? Muito pior como a gente vê acontecendo aí”

A produção da TV Vanguarda procurou o conselho tutelar de Ilhabela. A recomendação em casos como esse é, primeiro, procurar a Diretoria de Ensino responsável pela escola envolvida. No litoral, a diretoria fica em Caraguatatuba. O Conselho Tutelar também pode ser procurado, para acompanhar o caso e orientar a vítima e os agressores psicologicamente. Em casos mais extremos, o próprio Conselho Tutelar pode registrar um Boletim de Ocorrência na polícia. Se os pais preferirem, eles mesmos podem ir até a delegacia para registrar a queixa.

Fonte: <http://bullying-ciaatoresdemar.blogspot.com/2012/04/menino-de-12-anos-e-vitima-de-bullying.html>

FIGURA 20 - ESTRUTURA DA NOTÍCIA



Estrutura da Notícia

Estrutura	Definição	
<i>Antetítulo</i>	Surge antes do título e pormenoriza-o. É facultativo	
1. Título	Encontra-se no início, destacado com letras maiores e/ou de cor diferente. Deve ser breve, atractivo e esclarecer sobre o assunto.	
<i>Subtítulo</i>	Surge depois do título e pormenoriza-o. É facultativo.	
2. Lead	Corresponde ao 1º parágrafo da notícia e deve corresponder às seguintes questões:	Quem?
		O quê?
		Onde?
		Quando?
3. Corpo da notícia	É o resto do texto que desenvolve o assunto. Tenta responder às seguintes questões:	Como?
		Porquê?
		Consequências?
		Fontes da notícia.

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/845128686295599221/>

EXERCÍCIO

Indique no lead da notícia as informações que se pede:

O que aconteceu

Onde aconteceu

Quem são os envolvidos

Quando aconteceu

Por que podemos afirmar que o garoto de 12 anos sofreu bullying?

Responda:

O texto apresenta vários depoimentos dos envolvidos no caso. Cite o nome das pessoas que deram os depoimentos presentes no texto:

Depoente 01

Depoente 02

Depoente 03

Depoente 04

Explique qual é a importância de se apresentar os depoimentos na notícia.

Estudamos que todo texto é produzido com uma determinada função, um determinado objetivo específico.

Qual a função dessa reportagem?

Releia: “Se houver algum tipo de infração nós tomamos as medidas inicialmente de advertência, suspensão e até a transferência compulsória”.

Justifique o emprego das aspas nesse trecho.

A apresentação da estrutura da notícia antes da atividade foi de fundamental importância, pois facilitou a identificação dos elementos que compõem essa estrutura sem muita dificuldade. Nesta etapa da atividade, aproveitei para ouvir os alunos. Perguntei a eles se já haviam passado por situações semelhantes ao do aluno de 12 anos vítima de bullying. Foram muitas as situações relatadas, vivida por eles ou presenciadas. Fui percebendo aos poucos que aquela timidez que tomava conta de cada um no início da execução desta proposta de intervenção aos poucos estava sendo deixada de lado. Pois eles, por meio das leituras, passaram a ter argumentos para apresentar, ideias, propostas, enfim, foram adquirindo conhecimentos proporcionados pela leitura dos jornais e das revistas usadas na sala de aula.

Encerrei esta etapa de intervenção levando para a sala de aula novos exemplares de jornal impresso. Aos alunos pedi que formassem grupos e escolhessem uma notícia e identificasse o título, o subtítulo, o *lead* e as principais informações do corpo da notícia. Em seguida, eles apresentaram para a turma a notícia escolhida e as informações relacionadas à estrutura desta notícia.

Entrevistas

Num dos sábados letivos aproveitamos para falar sobre os procedimentos e as técnicas de entrevista, pois, por meio delas seria possível obter as informações necessárias para a produção do texto informativo. Além das entrevistas, sugeri a eles que pesquisassem no endereço eletrônico da Prefeitura de Juruti (www.juruti.pa.gov.br), no material publicitário organizado pela Secretaria Municipal de Cultura, Desporto e Turismo (Secdet), e nas reportagens publicadas na internet nos anos anteriores, produzidas por veículos de comunicação renomados, acerca do Festival das Tribos.

Em seguida, os alunos foram divididos em grupos de acordo com os temas para a composição da revista: Histórico da Cidade e da Escola Elza Albuquerque de Lima, a origem do Festrival, Entrevista com as fundadoras das Tribo Mundurukus e Muirapinima, os 25 anos do Festrival, o Turismo no Festrival, a origem das Tribos Munduruku Mirim e Muirapinima Mirim, a Festa dos Visitantes etc.

Após esta divisão, as equipes elaboraram as perguntas que seriam feitas aos entrevistados. Os alunos elaboraram, no mínimo, sete perguntas, que foram apresentadas ao professor; em seguida feitos os ajustes, os acréscimos e as subtrações necessários. O professor-pesquisador foi o responsável pelo contato com os entrevistados, que sugeriram o dia, o local e o horário das entrevistas. Uma das orientações dadas aos alunos foi para que os mesmos registrassem por meio de fotografias os momentos das entrevistas.

Também orientei como eles deveriam se comportar durante as entrevistas, como utilizar o telefone celular para gravar as respostas dos entrevistados etc.

Chamei a atenção para a importância da escolha dos entrevistados. Precisavam ser pessoas que realmente entendessem do assunto para repassar as informações corretas, pois, a entrevista

é a matéria-prima da maioria das notícias publicadas no jornal [...] a finalidade de utilizar a entrevista é permitir que o leitor conheça opiniões, ideias, pensamentos e observações do personagem da notícia ou de pessoas que têm algo relevante a dizer sobre o assunto em questão. [...] Ela pode tanto ser a própria reportagem como apenas parte dela. Quando a entrevista é feita para a coleta de informações, ou para ser utilizada como complemento de uma matéria, é apresentada no relato do jornalista e por meio de citações.

Quando constitui a própria reportagem, é redigida sob a forma de perguntas e respostas curtas, realizadas com rapidez, e conhecidas por entrevistas pingue-pongue. (PARCERIOS DA EDUCAÇÃO, 2017, p. 17)



4ª Etapa

- Produção Textual – Transcrição das Entrevistas: do oral para o escrito

De posse das entrevistas, ao retornar à sala de aula pedi aos estudantes que passassem para o papel as perguntas e as respostas dos entrevistados. Abaixo, a transcrição da entrevista feita por uma equipe de alunos sobre os atrativos turísticos de Juruti, a forma de acesso ao município etc., especialmente durante o Festival das Tribos Munduruku e Muirapinima – uma das maiores manifestações culturais do município, que em 2019 vai completar 25 anos realização.

Pesquisa Língua Portuguesa
 Alunos: Fabiana
 Francineleto
 Kíliã
 Klara
 Turismo.
 Entrevistado: Allano Fernandes
 Márcil Gonsalves.

Eu/ Quais as opções de acesso que o turismo tem para chegar ao município de Juruti?

Entrev. Allano Fernandes → O principal acesso é o fluvial, vindo de Santarém e de diversas outras cidades da região e também cidades de outros estados como Amazonas parintins, o principal acesso é o fluvial mas tem também o acesso terrestre através da estrada da PA 257 que liga o município de Santarém a Juruti, e também já temos disponíveis voos se avião de segunda a sexta da Empresa Piquituba, mas não de grande porte ainda de pouco acesso e poucas vagas.

Eu/ Como você avalia a estrutura disponível no município para receber esses turistas? como hotéis e pousadas etc.

Entrev: Eu avalio ainda razoável, assim trazendo o contexto do município e avança que já teve em questão populacional assim por conta do projeto de mineração. Ele atende ainda razoável de ainda não suponta atender uma grande demanda de visitantes, por isso que no Festival agente já teve uma grande dificuldade

de de Hospedagem de qualidade que é um dos trabalhos que agente está atuando agora na qualificação, buscando agora futuros investimentos no ramo de hotelaria e gastronomia.

Eu / Quais os atrativos turísticos que o município oferece aos visitantes? O que esses locais têm para oferecer.

Então → Bem os principais atrativos do município são as balneárias, Temor e Balneário da Penha que é o mais próximo a cidade em acidente que é uns 5 km ou 6 km, Temor e Santo Antônio e também Temor as áreas de Praia de Juruti Velho.

Eu → E o que esses locais têm para oferecer?

Então → Por exemplo eles oferecem atrativamente a questão de serviços, tem muitos que já dispõe de pequenos restaurantes e bares, mas ainda há uma necessidade de investimentos nessa área, então agente tá ainda nesse processo de implantação, turisticamente ainda há necessidade de agente ainda tá tipo no início, ainda não tem uma estrutura de atendimento.

Eu / Boa parte dos turistas que vem prestigiar o Festival vem de onde?

Então → Nosso principal público de ainda é muito regional, assim nossa maior demanda ainda é das cidades vizinhas tanto de Pará quanto do Amazonas, mas agente já recebe

turistas de fora, turistas do centroeste e Nordeste. E nesse ano a gente já fez a primeira pesquisa de turismo receptivo e estudos de demandas turística então que justamente pra saber qual é o perfil do turista que vem à Juazeiro e apartir dela a gente vai ter alguns indicadores de quais são as regiões que realmente vem para o Festival, ou acredita que o resultado lá pra outubro a gente já vai ter uns dados.

Eu / Fale para a gente sobre um pouco da Festa dos Visitantes?

Entrou. Maciel Gonçalves → Bom a festa dos visitantes na verdade ela existe desde o início do Festival folclórico à 24 anos, porém ela sempre foi feita no nível regional inclusive, se tinha grupos folclóricos diversos que existiam em Juazeiro, não só no nível do município e comunidades vizinhas, como não já haviam seus próprios palcos; Cordão de Passarelas, e grupos folclóricos de Coarima, que eram trazidos para cidade para participar.

Esses eram a festa dos visitantes que era apresentada no primeiro dia, o segundo era dedicado as Tribos Muisas e já na terceira dia que é no sábado, o grande espetáculo da apresentação das duas tribos, e isso só foi divulgado nos últimos porém a partir do ano de 2007 ou 2008 ou acredita, porque a sem atuação de níveis regionais e nacionais e se ampliou essa festa dos visitantes, como o próprio nome já diz é pra atrair os visitantes com

algo que eles realmente já conhecem, digamos assim porque é um atrativo para eles verem conhecer a nossa cultura né e verem conhecer o espetáculo que é a nossa apresentação das duas tribos né.

Eu → Como surgiu essa ideia?

Então Olha isso a gente não sabe te afirmar porque no caso isso foi a 24 anos, que já existia o festival mais eu acredito como a gente sofreu o próprio festival, sofreu grande influência do festival de Parintins.

Eu → Como é feita a escolha dessas atrações?

Então a filha queríamos nós que a escolha das peças de que vão no algo de que realmente está fazendo sucesso e mais felizmente a gente tem que obedecer a capacidade de recursos financeiros do município ela é principalmente um dos nossos principais norte digamos da escolha que é avaliado pela gestão pelo Prefeito e pela equipe de secretaria de cultura e principalmente a capacidade financeira do município na realidade, ultimamente que tem relação com as escolhas das atrações.

Eu → E quais as principais atrações que já vieram se apresentar em juruti? Então as principais atrações que já vieram se apresentar no Festival, já tivemos aqui a Gil Bonor cantora Laviano, muito conhecida, detomatas, Vítor e Leo em 2006, Sônia Pedada, Biquinho Lavada, RPM e a atração desse ano a gente teve a Banda do André Fróche que ele é um cantor nacional.

Na entrevista acima destacada, os estudantes da 3ª etapa (6º e 7º anos) tiveram a oportunidade de conversar com a Turismóloga da Secretaria Municipal de Cultura, Desporto de Turismo de Juruti (Secdet), Allana Fernandes.

- Produção Textual – Gênero Reportagem

As entrevistas que antecederam à produção do texto para a publicação na Revista “Olha Já!” foram fundamentais para que os estudantes pudessem ter o contato direto com as fontes e delas puderam obter todas as informações – ou pelo menos a maior parte delas – para a produção escrita da reportagem. Pedi a eles que contassem “com suas próprias palavras” – na produção textual – as informações as quais tiveram acesso por meio do contato direto com os entrevistados. Eles tinham o que dizer, o que escrever, e isso foi fundamental para que o início da produção, pois, conforme Antunes (2003, p. 45) “ter o que dizer é, portanto, uma condição prévia para o êxito da atividade de escrever”.

Desde o início da execução desta proposta de intervenção os estudantes estavam sabendo que os textos que seriam produzidos por eles iriam ser publicados numa revista a fim de informar a população local e aos visitantes que virão para os 25 anos do Festival das Tribos de Juruti sobre a história dessa manifestação cultural que é considerada uma das maiores do Oeste do Pará. A possibilidade de ver suas produções chegando ao alcance de muita gente acabou motivando as classes. “Professor, quando mesmo será lançada a revista?”, “Professor, o nosso nome vai estar na revista?”, uns chegaram a não acreditar na ideia: “Professor, quem vai querer ler já?” – mas, com o passar dos meses acabaram percebendo que a coisa era séria e começaram a se esforçar ainda mais para fazer bonito.

Nas leituras que fiz para me embasar teoricamente a fim de produzir os capítulos desta dissertação, sempre me chamou a atenção o fato da importância de fazer com que os textos escritos pelos alunos tivessem uma circulação nem mesmo que fosse dentro da escola. Os escritores se sentem mais motivados em produzir seus textos quando percebem que outras pessoas terão contato com aquela obra de arte, que poderão ser parabenizados pela criatividade, que poderão despertar a admiração das outras pessoas pela forma como abordaram determinados assuntos em sua produção. Afinal, “escrever sem saber para quem é, logo de saída, uma tarefa

difícil, dolorosa e, por fim, é uma tarefa ineficaz, pois falta a referência do outro, a quem todo texto deve adequar-se”. (ANTUNES, 2003, p. 46)

Acompanhei cada produção, e sempre fiz as observações necessárias para que o produto final pudesse ser um texto coeso, coerente e que cumprisse o papel para o qual estava designado.

Em se tratando do uso da linguagem jornalística, busquei sempre mostrar aos estudantes a importância de uma escrita sem duplo sentido, com as informações necessárias para que houvesse a compreensão do leitor etc. “O leitor da nossa revista será tanto o seu Joazinho, que tem apenas a 3ª série, quanto o seu Paulo, que possui nível superior” – sempre falei isso para que eles percebessem que o mais importante nesta etapa era utilizar uma linguagem simples, coloquial – mas não vulgar – para que o leitor não encontrasse tantas dificuldades na hora de ler a informação. “Pensem no leitor para quem vocês estão escrevendo”, comentava eu, embasado nas afirmações de Bakhtin (1995, p. 113):

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de proceder de alguém como pelo fato de que se dirige a alguém. [...] A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.

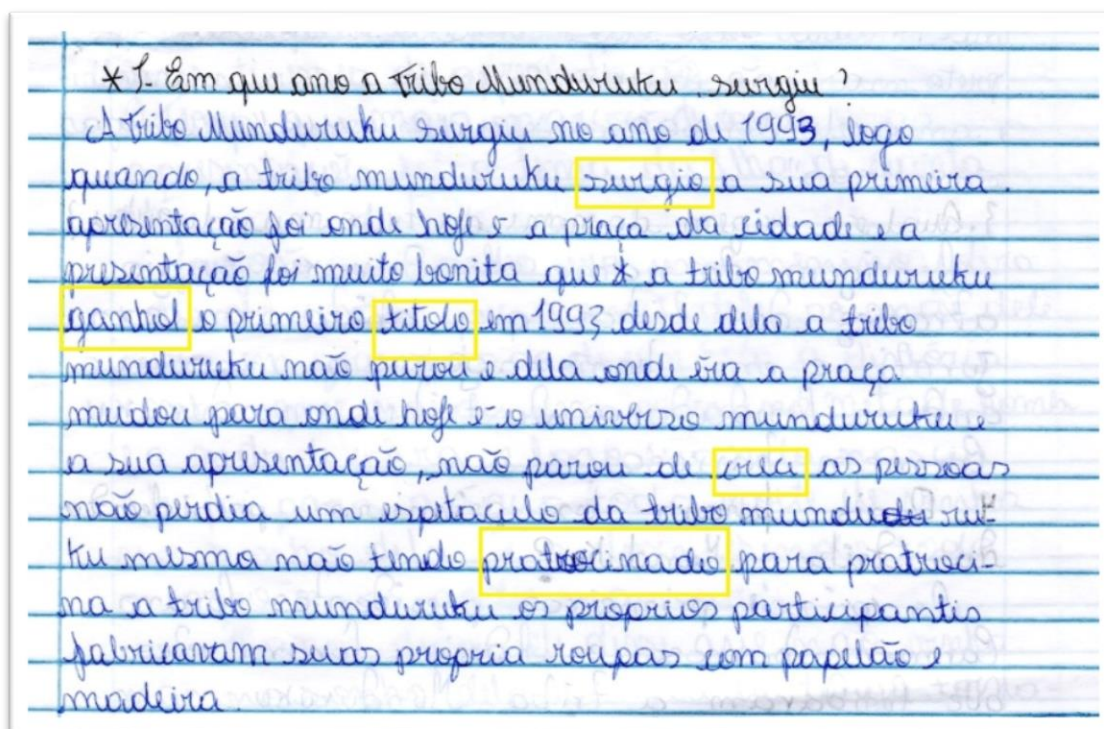
Bakhtin reforça que o desempenho dos estudantes nas suas produções textuais depende da forma como este processo é conduzido pelo professor. Não adianta insistir para que o aluno escreva sem objetivos, que escreva somente para passar o tempo ou para ocupar o horário vago em virtude da falta de um professor, que os resultados não serão nada agradáveis. Agindo dessa forma, ele vai contribuir ainda mais para afastar o estudante da prática da escrita. Assim como a leitura precisa ser motivada para incentivar o hábito, a escrita deve receber o mesmo tratamento da parte do professor. Precisamos motivar nossos alunos para que eles percebam a importância do material produzido por eles, incentivando dessa forma o exercício desta atividade.

No decorrer da execução desta proposta de intervenção, tive a oportunidade de conversar com outros professores de Língua Portuguesa para saber informações a

respeito das atividades desenvolvidas nas suas escolas com relação à leitura e à produção textual. “Os meus alunos não gostam de ler”, “Eu não sei mais o que fazer para despertar nos meus alunos o gosto pela leitura” – foram as respostas que eu mais ouvi ao abordar esse assunto. No decorrer da conversa, percebi que muitos não foram preparados para transformar seus alunos em bons leitores e bons produtores de texto. Mesmo aqueles que receberam alguma orientação no decorrer da sua graduação, preferem trabalhar a Língua Portuguesa da forma tradicional, priorizando o ensino da gramática normativa, deixando de desenvolver ações voltadas para o incentivo da leitura e da escrita. Uma pena! Porque agindo dessa forma acabam deixando de lado uma grande oportunidade de desenvolver os recursos expressivos do aluno, que se bem preparado pode atuar em qualquer contexto social, de forma crítica e participativa.

O conhecimento teórico disponível a muitos professores, em geral, se limita a noções e regras gramaticais apenas, como se tudo o que é uma língua em funcionamento coubesse dentro do que é uma gramática. Teorias linguísticas do uso da prosódia, da morfossintaxe, da semântica, da pragmática, teorias do texto, concepções de leitura, de escrita, concepções, enfim, acerca do uso interativo e funcional das línguas, é o que pode embasar um trabalho verdadeiramente eficaz do professor de português. (ANTUNES, 2003, p. 40, 41)

A primeira produção escrita dos alunos me permitiu desenvolver uma série de atividades como, por exemplo, incentivar o uso do dicionário durante a produção dos textos, pois havia muitos desvios principalmente de ortografia, como podemos observar na transcrição da entrevista feita com dona Carmem Barroso, uma das fundadoras da Tribo Munduruku. No trecho a seguir, entramos as seguintes palavras: surgio (surgiu), ganhol (ganhou), titolo (título), crece(cresce), patrocinado (patrocinador), enfim, situações que uma consulta ao dicionário poderia resolver



Após a escrita da primeira versão do texto, partimos para uma das principais etapas desta proposta de intervenção: a revisão e a reescrita dos textos a partir das observações feitas pelo professor-pesquisador.

As informações obtidas nas entrevistas foram fundamentais para que os estudantes adquirissem conhecimentos necessários para se manifestar em sala de aula acerca dos assuntos pesquisados.

Pude observar (e eles também) que as pesquisa, a leitura e os conhecimentos acerca do abordado, facilitaram a manifestação de cada um, pois poderiam, com a segurança de quem realmente pesquisou o assunto e está por dentro das informações, expor seu ponto de vista e suas considerações na maior tranquilidade. Encerrei mais esta etapa da intervenção com a sensação do dever cumprido.

Os textos produzidos pelos alunos representam um rico material que o professor tem à disposição para trabalhar diversos fatores relacionados à Língua Portuguesa. Busquei reunir com os alunos para uma primeira leitura em grupo para que eles pudessem observar algumas situações que passam despercebidas no

momento da produção textual. A repetição, por exemplo, das palavras ao longo do texto serviu para abordar os fatores de textualidade⁹, como a coesão e a coerência.

O processo da reescrita é considerado fundamental em todos os trabalhos de produção textual. “Quando o aluno refaz, reescreve, reelabora, reestrutura, retextualiza, enfim, revisa o próprio texto, em função de uma correção escrita feita pelo professor, a nova versão consiste, geralmente, numa reescrita de todo o texto”. (RUIZ, 2015, p. 59).

Depois de concluírem a primeira versão do texto, pedi aos alunos que o lessem em voz alta para que os outros observassem detalhes nem sempre percebidos no momento da escrita. Pedi a eles que ficassem atentos à forma com as informações estavam sendo ditas e que se houvessem dúvidas com relação ao entendimento, que reescrevessem a sentença ou o parágrafo em questão. Esta etapa é muito fundamental porque “ensinar a escrever é, em grande parte, ensinar recursos linguísticos para os alunos poderem analisar seus textos e perceber que podem fazer alterações”. (FIAD, 2006, p. 16).

O colega da sala de aula foi o primeiro leitor dos textos escritos pelos alunos envolvidos na pesquisa. Chamei a atenção para o fato de não haver dúvidas na hora da leitura da produção textual, pois o leitor precisa obter todas as informações necessárias e objetivas, para que possa haver o entendimento. Restando dúvidas, a informação não conseguiria alcançar seus objetivos. Por isso, as observações feitas na leitura em sala de aula para os colegas da turma foram fundamentais na produção final dos textos.

5ª Etapa

Oficina de Introdução do Word Básico

Em parceria com a Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa/Campus Juruti), dez alunos participaram da Oficina de Introdução ao Word Básico, ministrada

⁹ São um conjunto de características que diferenciam um texto de um mero agrupamento de frases. Tais fatores podem ser linguísticos – perceptíveis na materialidade – ou podem ser extralinguísticos – dizem respeito ao contexto. (BARTH 2017, p. 13)

durante uma semana (no período de 24 a 28 de setembro 2018) pelo técnico responsável pelo Laboratório de Informática da instituição, José Eduardo Sousa.

Fiz o convite à turma e os interessados em participar se apresentaram espontaneamente. A maior parte dos alunos nunca havia tido contato com o computador, mas captou sem muitas dificuldades as orientações básicas repassadas pelo instrutor da oficina.

Uma semana foi o suficiente para que os participantes do curso adquirissem o básico da utilização do programa Word para a digitação dos textos da revista. Uso de letras maiúsculas e minúsculas, acentuação, espaçamento, tipo e tamanho das fontes etc. foram os principais temas abordados nesta oficina.



Foi possível perceber que o uso desta tecnologia nas atividades escolares despertou o interesse dos alunos, que ficaram atentos a cada detalhe repassado pelo instrutor durante os cinco dias da oficina. No final da oficina, os participantes estavam aptos a digitar os textos que seriam encaminhados para a diagramação.

6ª Etapa

Produção Textual – Revisão e Reescrita

A revisão e a reescrita dos textos possibilitaram uma versão final resultado das reflexões a respeito das etapas anteriores. Neste processo de reescrita o aluno teve a oportunidade de fazer uma reflexão acerca dos processos de construção das versões anteriores. A reescrita se tornou eficaz, neste caso, a partir da leitura e das observações feitas pelo professor-pesquisador, que analisou, entre outros pontos, os elementos coesivos, as ideias que podem ser melhor desenvolvidas ou descartadas, os elementos gramaticais etc.



No processo de revisão e correção dos textos produzidos individualmente ou coletivamente, o professor necessita de certas habilidades e conhecimentos para orientar os estudantes na reescrita do texto. Analisamos os tipos de intervenção no processo de correção dos textos, destacados por Ruiz (2015) – cuja pesquisa da italiana Serafini (1989) serviu de base: indicativa, resolutive. Desses utilizamos a indicativa e mais a textual interativa, que Ruiz encontrou em outra espécie de intervenção.

Indicativa: consiste em marcar junto à margem as palavras, as frases e os períodos inteiros que apresentam erros ou são pouco claros. Nas correções desse tipo, o professor frequentemente se limita à indicação do erro e altera pouco. (Ruiz, 2015, p. 36).

* Verificar a ortografia (consultar dicionário)

Artesanato no Festival

O artesanato é mais um que muitas pessoas buscam para se realizarem na vida. É um trabalho que exige tempo e paciência, o artesanato é mais cultural mais importante.

Geralmente na época do festival, surge muita coisa turística. O artesão Buenos Amador 48 anos de idade. Minha renda mensal mensal varia de acordo com a época do ano, os produtos que vendem mais são sempre lenços, flores tecidas e peças artesanais, os que vendem menos são pompoms, meias, grampas de cabelo entre outros.

Deu Buenos que grandes lucros em confecções entre outras ali com os mínimos detalhes peças requeras e grandes, as que dão sustento a famílias de artesãos.

Dias após o festival seus lucros acabam diminuindo a procura pelas peças são poucas e que dificulta para o artesão, que recebe dois lucros.

O artesão Valencia Silva de 64 anos fala: "É importante para ela é uma oportunidade de gerar lucro para ela mesma e para sua família que trabalha nesses ramos há muito tempo.

No período do festival os visitantes que procuram seus artesanatos como as luvas, colares, lenço de penas. Após o festival ela sente um pouco de sofocamento no festival ela vende mais e pouco

* Por que você usaram ponto entre o nome e o sobrenome?

Textual interativa: Trata-se de comentários mais longos do que os que se fazem na margem, razão pela qual são geralmente escritos em sequência ao texto do aluno. [...] realizam-se em forma de pequenos "bilhetes". (Ruiz 2015, p. 47)



Escola: Olga Albuquerque de Lima

Caderno: Livro de aula e livro de atividades

Componentes: Jaelison, Antonio, Roberto, Nelson e Jomanda

Mundurucu

1º Como surgiu a Tribo Mundurucu?

A Tribo Mundurucu surgiu através de dona Carme e dona Adelaide duas grandes fundadoras da Tribo Mundurucu. São através do festival folclórico de parintins das e outras pessoas que vêm daqui de Guruti e de outras cidades se apresentaram por causa de sua beleza e por se uma apresentação que influenciou o povo das pais parintins. Como influenciou dos fundadores que foram daqui dona Carme juntamente com os fundadores produziram entre eles uma fundadora parintins como de parintins.

É depois dessa fundadora veio lá mais uma mãe e surgiu a outra tribo, a Tribo Mundurucu surgiu nos anos de 1943 então já são 25 anos de fundação e hoje para fundamos juntamente com o conselho de arte a apresentação tivemos alguns fundadores e eles fazem uma apresentação interna da eles através das apresentações. Alguns vêm para serem apresentadores no dia do festival das tribos aqui em Guruti.

Então a Tribo Mundurucu e hoje aqui em Guruti temos de fundadora que onde as pessoas vêm no dia das tribos em Guruti para se apresentarem e trazem pessoas de outras cidades para se apresentar.



A reescrita de textos é muito mais efetiva quando o professor age, junto aos alunos, ensinando-os a trabalhar sobre seus textos escritos”. (*apud* FIAD, 2006, p. 37). Pela própria experiência do professor no ensino da língua materna, conhecedor das regras da variedade considerada padrão da Língua Portuguesa, temos a facilidade de orientar nossos alunos com relação à reescrita do texto que apresenta sérios desvios gramaticais, ortográficos etc. Não basta apenas apontar esses “erros” por meio da correção indicativa, ou mesmo utilizando a correção resolutive – que “[...] consiste em corrigir todos os erros, reescrevendo palavras, frases e períodos inteiros [...]”. (*Ruiz* 2015 *apud* Serafini, 1989).

Por meio da correção textual interativa tive a oportunidade de dialogar com os produtores dos textos, ouvindo o porquê da utilização desse e não daquele termo, qual a ideia que gostariam de transmitir ao utilizar certas construções linguísticas, esclarecer dúvidas que surgiram no decorrer da leitura feita por mim dos primeiros textos produzidos por eles, que só perceberam também esses detalhes no processo interativo entre professor e aluno, que ocorreu em várias etapas durante a produção textual.

Algumas observações:

-Vamos iniciar o texto com o ano de fundação da tribo, destacando qual o papel da dona Carmem e da dona Aldecide neste processo. As ideias estão misturadas. Procurem responder a estas questões separadamente e depois escrevam o primeiro parágrafo, por exemplo.

- Por que o Festival de Parintins serviu de inspiração para dona Carmem e dona Aldecide????
- Por que do nome Munduruku????
- Como foram as primeiras apresentações???

E por aí vai... Ouçam a entrevista, lá tem muitas informações que vocês podem usar na produção do texto.

-Observar a ortografia das palavras que estão destacadas pelo asterisco. Use o dicionário para tirar as suas dúvidas.

-

“...e hoje para formarmos juntamente com o conselho de arte a apresentação...” – de quem são essas palavras? Podem usar o discurso direto caracterizado por ser uma transcrição exata da fala das personagens, sem participação do narrador) conforme estudamos.:

- A 1.ª pessoa no discurso direto passa para a 3.ª pessoa no discurso indireto.
- Os pronomes eu, me, mim, comigo no discurso direto passam para ele, ela, se, si, consigo, o, a, lhe no discurso indireto.
- Os pronomes nós, nos, conosco no discurso direto passam para eles, elas, os, as, lhes no discurso indireto.
- Os pronomes meu, meus, minha, minhas, nosso, nossos, nossa, nossas no discurso direto passam para seu, seus, sua e suas no discurso indireto.

-Trata-se de um dos maiores eventos culturais do Estado do Pará. Vamos escrever o nome do evento com iniciais maiúsculas Festival das Tribos. O mesmo vale para o nome das tribos, ok.

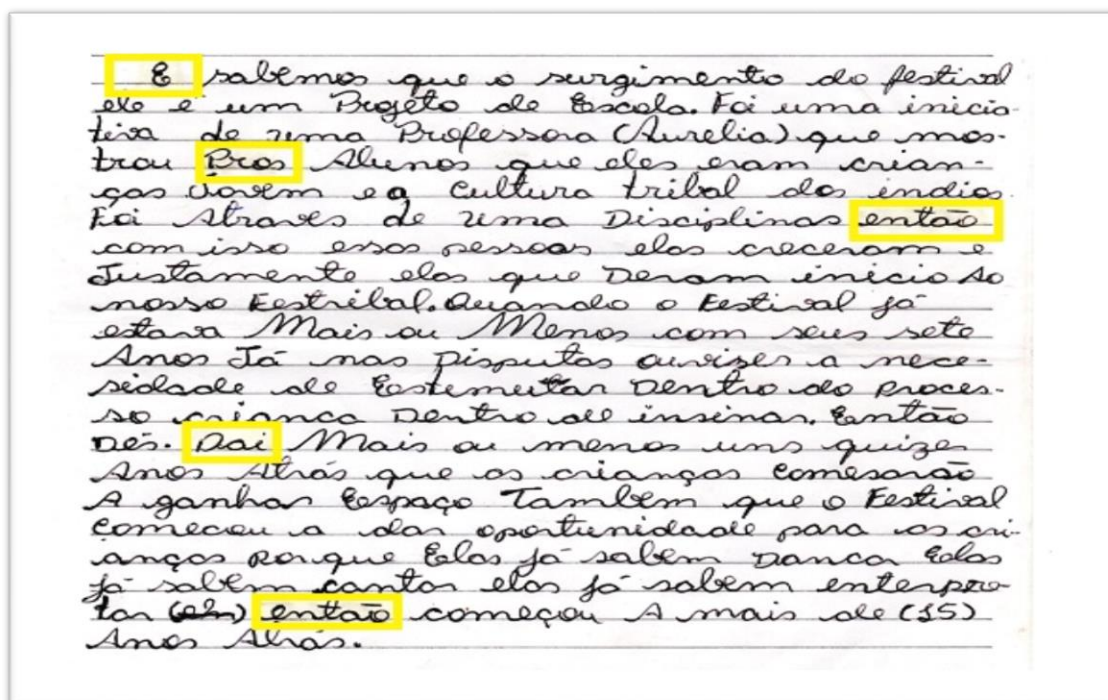
-Vamos verificar um outro termo para substituir a expressão “brincadeira”, no último parágrafo.

No nosso próximo encontro vamos conversar melhor a respeito dessas observações.

Abraços,

Elenco, abaixo, pontos interessantes verificados na primeira produção textual de alunos da EJA da Escola Elza Albuquerque de Lima, que puderam ser observados e trabalhados durante a aplicação desta proposta de intervenção:

- Marcas da oralidade na escrita – o produtor utilizou no texto os procedimentos que geralmente usa em sua fala (*e, aí, daí, (d) aí então etc.*), organizadores textuais continuadores típicos da fala. “Somente com o tempo e com a intervenção contínua e paciente do professor é que vai construir seu modelo de texto escrito”. (KOCH E ELIAS, 2010, p. 18).



- Discurso direto – “na maioria das vezes sem a presença do verbo dicendi (de dizer), sucedendo-lhe as falas dos diálogos como se os interlocutores se encontrassem copresentes”. (KOCH E ELIAS, 2010, p. 27).

A tribo mairapinima foi fundada em 1994, na escola Américo Pereira Lima "éramos um grupo de estudantes onde tinha o festival estudantil, aí nós resolvemos eu os alunos fazer a tribo, aí fomos fazer uma pesquisa na tribo mairapinima por que esse nome descobrimos havia passado uma tribo por lá uma tribo que denominava a tribo maira."

*- Quem falou isso?
- Utilizar discurso direto ou indireto
- Usar verbo dicendi*

- Segmentação gráfica – “[...] feita com base nos vocábulos fonológicos ou aquilo que [...] aprende como tal [...] caindo no extremo oposto, isto é, “picando” demais a palavra ou [...] emendando vocábulos”. (KOCH E ELIAS 2010, p. 28).

4º) Qual os desafios e dificuldades que vocês enfrentam para participa do festival?
 Concetiza ambas as tribo das tem muitas dificuldades para participar do festival uma delas e a dificuldade financeira porque nesse festival tem mais de 20 anos ele

5.º) Como surgiu a tribo muiropinima?

A tribo muiropinima ela surgiu no ano de 1995 tudo começou quando então a professora "Alucilio Andrade" fez um projeto cultural na escola "Américo Pereira Lima" e lá nesse projeto cultural os alunos foram desafiados há apresenta vários temas e um deles tratava-se exatamente da questão do florescer nas ventadas populares os alunos da época apresenta com a dança do fogo a tribo munduruku existia já participava do festival aparti disse aos que a tribo muiropinima começou a apresenta disputando o festival floresco.

Em 1993 iniciou a Tribo Munduruku, as cores que mas usavam eram a cor amarelo, vermelho e preto mas três eram os significados dos índios. Por eles se vestiam dessa forma. Os primeiros presidentes foram a Carmen Barroso e o Adellir eles que fundaram. Eles foram em Parintins a pista do Rei e na volta de lá. Eles queriam hora fazer uma dança aí foi que eles fizeram.

É também os índios foi os primeiros a bitantis foram os índios que se abitaram lá na terra preta e depois que chegou a alva eles trabalharam lá e comeram a carar para fazer o porto.

É eles encontraram muitas peças arqueológicas e porisso que desde o começo se iniciou a dança. É o avô da Carmen que é a fundadora da Tribo Munduruku. Eles era descendência de índios puro mesmo a pele dele de era brunha amarelo e o cabelo preto e ele

Esta etapa da Proposta de Intervenção me permitiu:

- Mostrar que a leitura é uma rica fonte de informação e de conhecimento. Os textos informativos, como as notícias e as reportagens, podem contribuir com o aprendizado dos alunos, fornecendo-lhes argumentos e subsídios para se posicionar em qualquer situação;
- Incentivar o uso do dicionário, para que as dúvidas acerca da ortografia das palavras pudessem sanadas no momento da produção;
- Trabalhar aspectos relacionados à Coesão e à Coerência de uma forma simples e prática;
- Mostrar que o processo de reescrita do texto é fundamental para a produção final, pois vai permitir que as dúvidas e os aspectos confusos possam ser resolvidos durante a revisão e a reescrita;
- Mostrar que a pesquisa (como as entrevistas, as leituras dos folderes e panfletos sobre o Festival das Tribos de Juruti) é muito importante para na produção textual;

E, conforme informei no início desta análise, não era minha intenção formar jornalistas – deixo isso para as instituições que oferecem o Curso de Graduação em Comunicação Social. Utilizei o tipo textual informativo pois o mesmo apresenta múltiplos aspectos importantes no processo de produção: elementos da narrativa (personagens, tempo, espaço, discursos direto e indireto), da descrição e da argumentação. Enfim, tive a oportunidade de apresentar um pouco de cada uma dessas tipologias textuais em um projeto só.

Diagramação da Revista

Por ser um processo complexo, esta etapa do projeto de intervenção – a diagramação¹⁰ da revista – foi atribuída a um profissional do ramo, cedido pela Coordenadoria de Comunicação da PMJ – Prefeitura Municipal de Juruti.

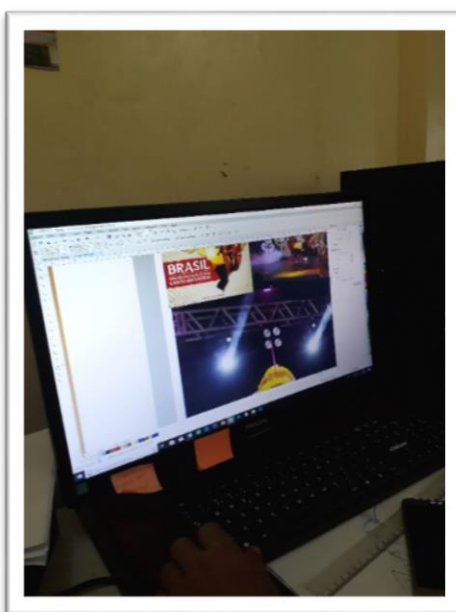
¹⁰ A diagramação é a arte ou técnica de distribuir os elementos gráficos no espaço delimitado de uma página impressa ou veiculada em meios eletrônicos ou digitais. Fonte: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/conteudo/o/51648>

Acompanhado dos alunos, o diagramador (ou designer)¹¹ preparou as páginas da revista com os textos produzidos pelos estudantes e com as fotografias que foram fornecidas pela Coordenadoria de Comunicação da PMJ e pelos entrevistados (arquivo pessoal).

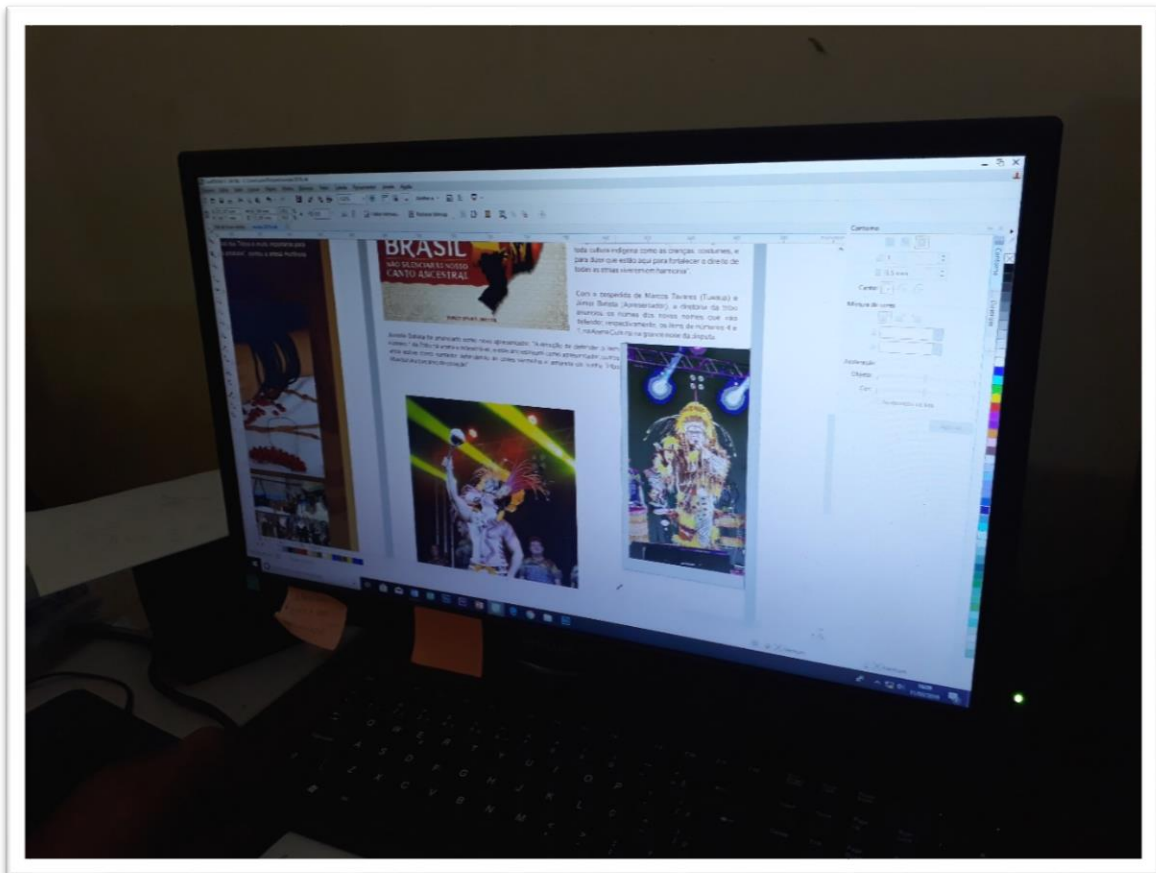
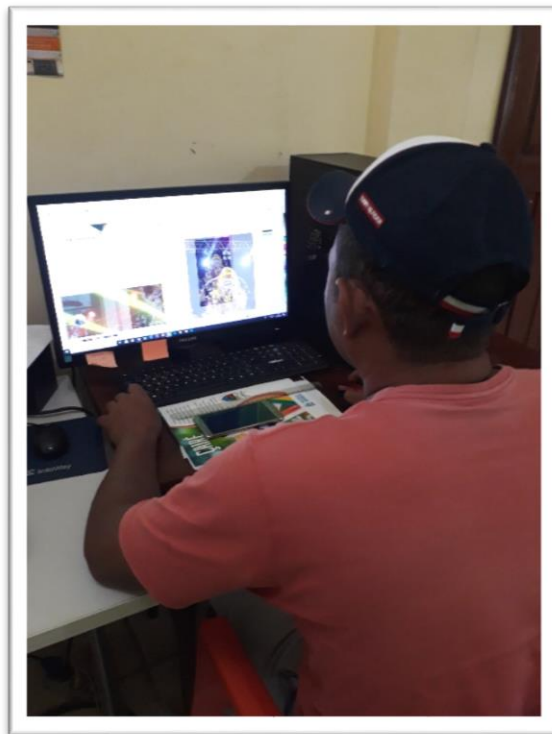
Nesta etapa, os estudantes auxiliaram o profissional pela diagramação da revista na distribuição dos elementos gráficos no espaço da página, conforme foi determinado pelo editor responsável – no caso eu, o professor-pesquisador Udirlei Andrade, mestrando em Letras.

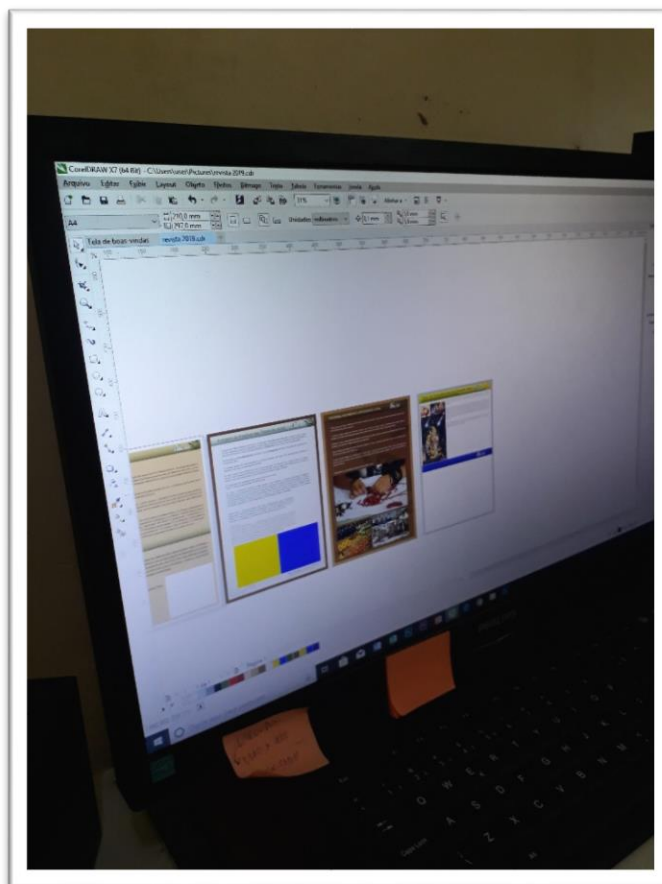
Pode até parecer simples o processo da diagramação, mas não é. O profissional da área precisa ter os conhecimentos necessários para preparar a página, distribuindo os textos, as fotografias, os gráficos, infográficos e tabelas de maneira harmoniosa, que atraia a atenção do leitor e oferecendo informações necessárias para o entendimento do assunto apresentado.

Com as páginas diagramadas, fiz a última revisão do material (incluindo texto e elementos gráficos), e em seguida imprimi as páginas que foram apresentadas aos alunos na sala de aula, para apreciação. Descrever a sensação e a emoção de cada aluno ao ter contato com a página impressa – que ele produziu com tanto esmero – é quase impossível. Por aí tive a certeza de que todo o esforço valeu a pena.



¹¹ Recebe os textos, fotos, ilustrações e infográficos e desenha a página do jornal/revista, decidindo onde irá ser publicado cada texto, cada imagem com sua legenda e os infográficos. Fonte: Parceiros da Educação 2017).





7ª Etapa

Apresentação parcial da Revista “Olha Já!”

A penúltima etapa desta proposta de intervenção foi a apresentação parcial - das páginas já diagramadas - da Revista “*Olha Já!*”, com destaque para os textos produzidos pelos alunos da 3ª e da 4ª etapas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Municipal de Ensino Fundamental Elza Albuquerque de Lima.

Estou buscando parceria junto a instituições governamentais e não-governamentais para que seja viável o lançamento da revista no formato impresso, ainda no primeiro semestre de 2019. Os alunos que concluíram a 4ª etapa e os que saíram da 3ª etapa para estudar em outra escola do município estão ansiosos para ver e apreciar o resultado final de um trabalho que durou meses para ser planejado e executado.

Aqui apresentamos a capa e as páginas diagramadas da Revista “*Olha Já!*” – denominação essa que destaca uma das expressões típicas do falar paraense bem

como é um convite para que o leitor possa folhear o produto final e ficar por dentro da história do Festival das Tribos Indígenas de Juruti.

Assim como os alunos, eu também estou ansioso e numa grande expectativa para a publicação da Revista “*Olha Já!*”, bem como os entrevistados e todos aqueles que acompanharam o processo de elaboração, de pesquisa, da produção textual, e que perceberam o empenho dos alunos envolvidos neste processo.

Tenho recebido propostas de apoio para a publicação da revista e acredito que isso seja possível, de acordo com o nosso planejamento. Caso não seja viável, nosso esforço não será em vão, pois temos a possibilidade de lançar a Revista “*Olha Já!*” na *internet*. Seja no suporte Revista Impressa ou no suporte Revista Eletrônica (digital), o certo é que o público não ficará sem a oportunidade de ver o resultado do esforço dos alunos da Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal Elza Albuquerque de Lima que, apesar de todas as carências e obstáculos enfrentados ao longo do ano de 2018, que é possível promover o desenvolvimento do aluno por meio de estratégias que possibilitem o ensino da leitura, da produção textual, com melhorias e avanços também na oralidade





EMEF Elza Albuquerque de Lima Uma pouco da nossa história...

A Revista *Olha Já!* foi elaborada com a contribuição dos alunos da 3ª e 4ª etapas da EJA – Educação de Jovens e Adultos, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Elza Albuquerque de Lima, na cidade de Juruti (PA), no ano letivo de 2018, sob orientação do professor Udirlei Andrade, mestrando em Letras da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa).

Histórico - a escola recebeu esse nome em homenagem a senhora Elza Albuquerque de Lima - professora que durante muito tempo trabalhou como diretora na Escola Estadual Abdias de Arruda.

A Escola Abdias de Arruda foi desativada, porém, o prédio abrigou o alunado da então surgida escola municipal, denominada Escola Municipal de Ensino Fundamental Elza Albuquerque de Lima, nome que perdura até hoje e se tornou oficial em suas novas instalações, localizadas na Rua Vereador José de Souza Andrade, bairro Maracanã, carinhosamente chamada de Nova Escola Elza.

Atualmente, a escola Elza Albuquerque de Lima, tem como gestor o professor Adson Luiz Pereira e vice-gestora a professora Marcília Andrade Pereira. Como Coordenadores pedagógicos a professora Iracema Nazaré Mota e professor Edivaldo Martins. Atende 678 alunos, distribuídos nas séries do fundamental I, fundamental II e Educação de Jovens e Adultos-EJA. Conta com 70 funcionários, sendo destes 31 professores. O novo prédio da escola possui 16 salas de aula, biblioteca, sala de professores, um auditório, sala de direção e coordenação, refeitório e quadra poliesportiva. É hoje umas das mais belas e equipadas escolas do município de Juruti. (Dados de 2018)

Revista *Olha Já!*

Trata-se do resultado de uma Proposta de Intervenção desenvolvida pelo mestrando Udirlei Andrade – professor efetivo de Língua Portuguesa da Escola Municipal de Ensino Fundamental Elza Albuquerque de Lima. Por meio dessa proposta, foram trabalhadas habilidades que contribuíram para incentivar a leitura, a produção textual e a oralidade dos alunos da 3ª e da 4ª etapa, envolvidos nas atividades.

Colaboradores: Bianca Sabrina e Vandre Filho
Fotos: Prefeitura de Juruti



A origem do Festival das Tribos de Juruti



Festival das Tribos Indígenas de Juruti ou **Festibal** é uma festa cultural realizada na cidade de Juruti, oeste do Pará. Resgata em forma de espetáculo a cultura indígena nativa da cidade. Uma das maiores manifestações culturais da Amazônia. O palco das apresentações é o **Tribódromo**, arena onde as tribos se apresentam.

No Tribódromo as tribos **Muirapinima** (vermelho e azul) e **Munduruku** (vermelho e amarelo) se enfrentam pela conquista do título.

O Festibal nasceu de uma ramificação do Festival Folclórico de Juruti, onde apresentavam cordões de pássaros, quadrilhas, bumba-meu-boi e carimbó.

Em 1993, surgiu a dança indígena de nome "Tribo Munduruku", que disputou com o Grupo Folclórico "Ou Vai ou Racha" o título do Festival Folclórico de Juruti. A disputa entre a dança indígena (Tribo Munduruku) e a mistura de carimbó, xote, quadrilhas (Grupo Ou Vai ou Racha) foi acirrada e acabou empatada.

Em 1994 não houve competição entre o grupo folclórico "Ou Vai ou Racha" e a Associação Folclórica Tribo Munduruku.

Em 1995, a Professora Aurecília da Silva Andrade, que ministrava a disciplina Técnicas de Redação e Expressão, na Escola Américo Pereira Lima, solicitou aos alunos um trabalho sobre tribos indígenas. O trabalho foi apresentado em formas de danças e coreografias indígenas na quadra da escola, por meio de uma dança denominada dança do fogo, com boa repercussão. Neste mesmo ano, o grupo de dança foi convidado para se apresentar no Festival Folclórico de Juruti, e passou a ser denominado Tribo Muirapinima. Foi a primeira competição oficial entre a Tribo Muirapinima e a Tribo Munduruku. Nasceu o Festibal

Desde 2008 o Festival Folclórico das Tribos Indígenas de Juruti é considerado Patrimônio Cultural do Pará pela Lei Estadual nº 7.112 de 19 de Março de 2008 e desde 2011 pela Lei Municipal nº 1.010/2011 de 23 de setembro de 2011, foi declarado e reconhecido como Patrimônio Cultural do Município de Juruti.

Curiosidade...

RIVALIDADE HISTÓRICA - O nascimento de um curumim com traços diferentes (mais claro e cabelo avermelhado) na aldeia Munduruku não foi bem aceito. A família do curumim se rebelou contra o cacique Munduruku e junto com mais alguns índios se refugiou às margens do Lago do Juruti-Velho, onde havia um bosque de Muirapinimas, árvores cuja madeira era utilizada para a fabricação de móveis no período colonial. Em homenagem à árvore, a tribo dissidente se autodenominou Muirapinima e passou a ser inimiga da sua antiga Tribo Mundurukus.



Fotos e informações: Prefeitura de Juruti/Secretaria de Cultura/Coordenadoria de Comunicação

TRIBO MUNDURUKU

As cores vermelha e amarela do Festibal

Olha Já!



CARMEM BARROSO

A Tribo Munduruku surgiu em 1993, por meio de uma iniciativa de moradores locais, que inspirados no Festival de Parintins, sentiram a necessidade de valorizar e exaltar a cultura de Juruti. Seus fundadores foram Carmem Barroso, Adercias Batista e Jim Jones Batista.

"Ao voltar de uma das viagens que fizemos a Parintins para prestigiar o Festival dos Bois, nós decidimos criar um grupo folclórico para também mostrar a nossa cultura e os nossos talentos", destacou dona Carmem na entrevista concedida a uma turma de alunos da 4ª etapa da Escola Municipal Elza Albuquerque de Lima.

O nome "Munduruku" foi dado em homenagem aos primeiros habitantes do município de Juruti. Os primeiros ensaios ocorriam na quadra Américo Lima (atual) e eram usadas Todas dos Bumbás de Parintins.

Ao longo dos seus 25 anos de existência do Festibal, dona Carmem Barroso destaca que houve muitas evoluções. "Uma delas foi com relação ao local das apresentações, que antes aconteciam na praça da cidade, depois no espaço onde hoje é o Universo Munduruku e atualmente ocorre no Tribódromo. As alegorias também evoluíram. Antes usávamos madeira, galho de árvores, hoje são usados ferro e outros materiais sofisticados", destacou a fundadora.

Em 1995 a Tribo Munduruku manteve o tricampeonato do Festival, disputando pela primeira vez com a Tribo Adversária. A Tribo Munduruku é conhecida por "sair na frente". Entre as novidades executadas por primeiro pela associação, destacam-se a gravação de cantos indígenas (em fitas e posteriormente em CD), tablado de apresentação (atualmente ganhou destaque fundamental), primeiro canto indígena dedicado ao Item Tuxaua, primeiro canto indígena de "adversário" (cantos de desafio), primeira torcida organizada, primeira a iniciar o espetáculo na arena com o "Ritual" (Item nº 11), levar projeção à arena, bandeirão na Galera, interatividade virtual (mídias sociais).

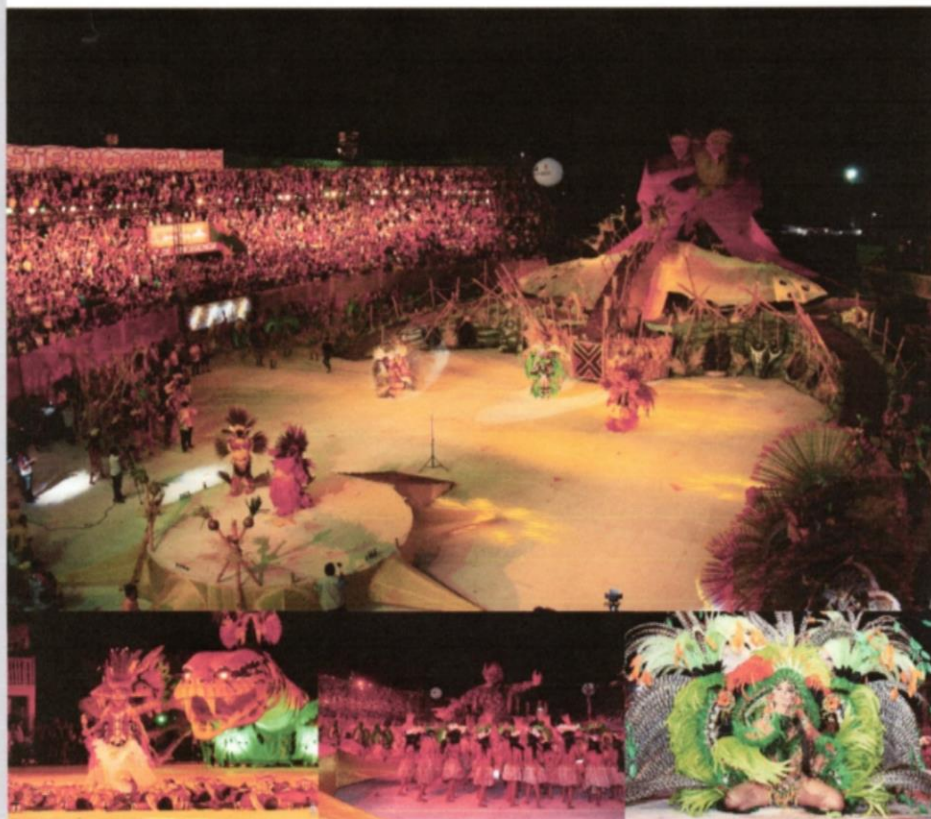
Olha Já!

A Tribo Munduruku detém hoje 16 títulos (sendo 4 empates). Em 2018, apresentou o espetáculo "Amazônia: Dos Cacicados à Profecia das Savanas"

A Tribo Munduruku conta com uma grande diversidade de artistas (coreógrafos, dançarinos, artistas plásticos e músicos) no chamado intercâmbio cultural Festibal-Festival de Parintins. Entre os nomes podemos citar Sebastião Junior, Marciele Albuquerque, Edvander Batista, Carivardo Vieira (e equipe), Estevão Gomes, Rilque César e Allany Cassius.

Titulos

**1995, 1996, 1997, 1998, 1999, 2000, 2004, 2006,
2007, 2008, 2010, 2012, 2014, 2015, 2016, 2018**



Colaboradores: Taiza Lima, Anderson Melo, Rivaldo Alves,
Everton Farias, Ederson Dias e Ronald Rocha.

Fonte e Fotos: Coordenadoria de Comunicação da
Prefeitura de Juruti

TRIBO MUIRAPINIMA

Da Brincadeira da escola ao Festival de Juruti

Olha Já!



AURECÍLIA ANDRADE

A o grupo folclórico que deu origem à Tribo Muirapinima surgiu em 1994, como atração no arraial da Escola Estadual de Ensino Fundamental Deputado Américo Pereira Lima., apresentando o ritual "o feiticeiro".

Muirapinima é nome da Tribo que habitava às margens do Lago Juruti Velho e que deu origem a vila. De acordo com a professora Aurecília Andrade, fundadora da Tribo Vermelha e Azul, ela e um grupo de estudantes foram à Vila Muirapinima para fazer as pesquisas que ajudaram a dar o nome a Tribo.

A partir da pesquisa realizada, buscou-se apresentar uma tribo com característica dos antepassados, reunindo os aspectos tradicionais e culturais. Utilizaram som original do povo indígena, indumentárias, adereços, rituais e alegorias, para transmitir com fidelidade os costumes, crenças e lendas dos ancestrais amazônicos, além de aproveitamento dos recursos naturais.

Em julho de 1995, a Comissão do X festival Folclórico de Juruti convidou a Tribo para uma participação, competindo pela primeira vez com a tribo adversária (Munduruku).

De acordo com a professora Aurecília, "para as primeiras apresentações usamos os conhecimentos adquiridos nas pesquisas, a nossa criatividade e a nossa força de vontade. As alegorias eram feitas de pau, manualmente, pois naquela época as coisas eram difíceis".

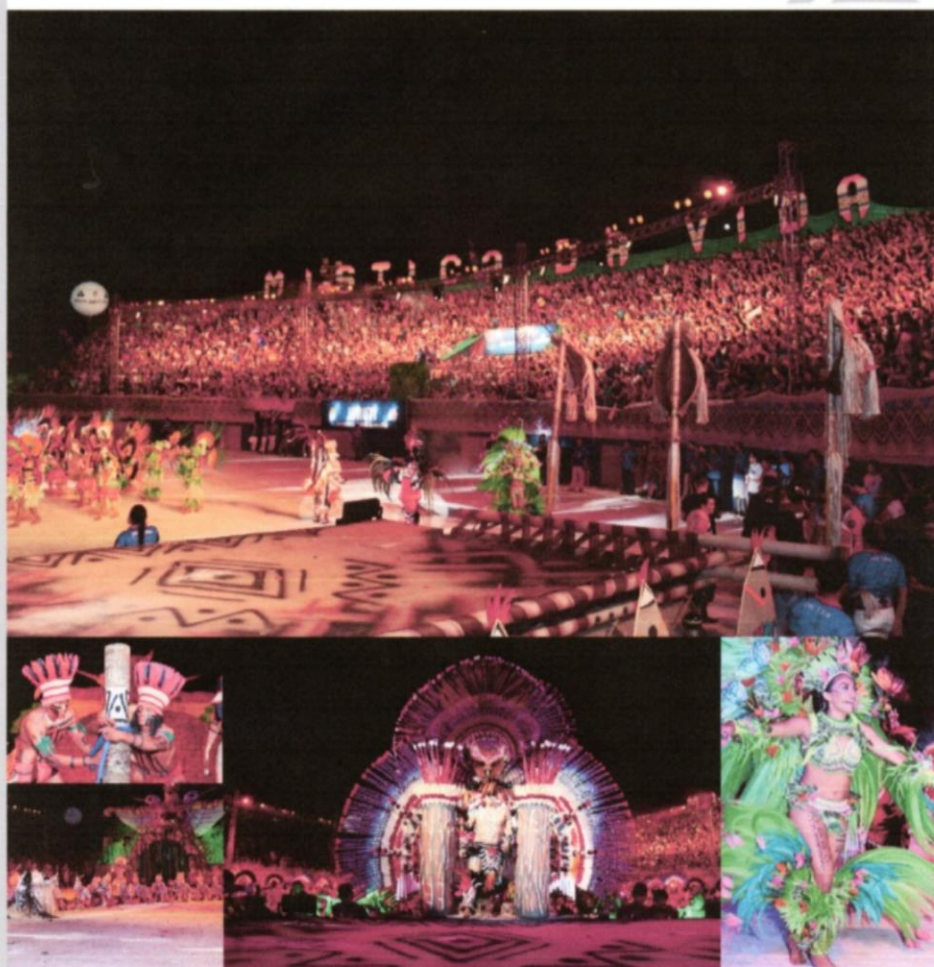
"A Tribo Muirapinima evoluiu muito a partir do ano 2.000. Houve um crescimento muito grande. O que começou apenas com uma brincadeira é hoje uma das grandes atrações do Festival", contou a professora Aurecília.

Olha Já!

A Tribo Muirapinima detém hoje 12 títulos (sendo 4 empates). Em 2018 apresentou o tema "Amazônia: dos Cacicados à Profecia das Savanas".

TÍTULOS

1998, 2000, 2001, 2002, 2003, 2005, 2006, 2009, 2011, 2012, 2013 E 2017



Colaboradores: Eviling Farias, Franciane Lima, Cristiane Cruz, Iara Ferreira e Samara Santos.

Fonte e Fotos: Coordenadoria de Comunicação da Prefeitura de Juruti

OS ATRATIVOS TURÍSTICOS DE JURUTI NO FESTIVAL



A cidade de Juruti está localizada na região oeste do Estado do Pará. É muito conhecida em virtude do Festival das Tribos Mundurucu e Muirapinima, realizado no último fim de semana de julho. O evento atrai centenas de turistas todos os anos.

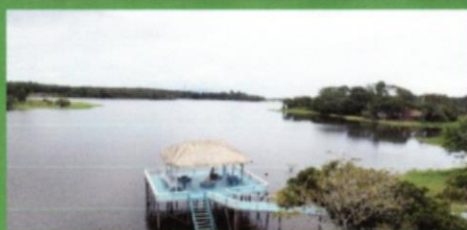
Acesso - umas das principais vias de acesso é a fluvial, saindo de Santarém e de diversas cidades do Pará e de outros estados como Parintins, no Amazonas. Pela estrada, o acesso se dá pela PA 257 (Translago) que liga o município de Santarém a Juruti. Também estão disponíveis pequenas aeronaves de segunda a sexta, porém, com poucas vagas.

"A maior parte dos turistas que vem prestigiar o Festival é das cidades da nossa região. Mas Juruti recebe também turistas do Centro-Oeste e do Nordeste do Brasil durante o evento", informou Allana Fernandes, Turismóloga da Secretaria Municipal de Cultura.

A Turismóloga informou também que muitos dos turistas que vêm para o Festival ficam em casa de parentes ou amigos. "Por conta da cidade ser pequena, assim como a rede de hotelaria, não conseguimos atender toda a demanda. Precisamos de investimentos no ramo da hotelaria e gastronomia para atender ao público", destacou Allana.

Atrativos - os principais atrativos que Juruti oferece são os balneários - o mais próximo fica a cerca de 3km (balneário da Ponte). O turista também pode aproveitar as praias na região de Juruti Velho, como as do Pompom, do Formigão, do Prudente. Na região há uma variedade de lagos nas regiões do Jará, Lago das Piranhas etc.

Festa dos Visitantes - o Festival das Tribos Indígenas começa com a Festa dos visitantes, que faz a abertura da programação. No início do Festival, segundo Marcel Gonçalves – servidor da Secretaria de Cultura – as grandes atrações da Festa dos Visitantes eram os grupos folclóricos da cidade e do meio rural, que se apresentavam ao público no primeiro dia do evento. Atualmente, a festa destaca artistas consagrados do Brasil, da região e do próprio município.



FESTRIBAL MOVIMENTA O ARTESANATO LOCAL

Olha Já!

Todos os anos, durante o Festival, Juruti recebe centenas de turistas. Muitos deles compram produtos artesanais feitos por moradores do próprio município.

O artesão Everton Amaral, de 48 anos, informou que os brincos, flores, cocares, cofrinhos para guardar moedas, pompons, presilhas e grampos para cabelos são os produtos mais vendidos durante o Festival das Tribos.

Sementes, folhas, resto de madeira e flores da região são alguns dos produtos usados pelos artesãos para confeccionar as peças, que chamam a atenção pelas cores e criatividade.

Após o Festival das Tribos as vendas diminuem bastante. Por isso, os artesãos aproveitam o período do Festival para vender seus produtos e aumentar o lucro.

"A minha família trabalha com artesanato há muitos anos. E o período do Festival das Tribos é muito importante para todos nós, pois é quando temos uma grande oportunidade para vender nossos produtos", contou a artesã Hortência Silva, de 54 anos.

Colaboradores: Laudell Balista, Andressa Pereira e Ellen Karen.



TRIBOS MIRINS
CRIANÇAS SÃO PREPARADAS PARA MENTER VIVA A TRADIÇÃO DO
FESTIVAL

Olha Já!



A programação oficial do Festival inicia com a apresentação das Tribos Munduruku e Muirapinima Mirins. As crianças, assim como os jovens e adultos, levam animação e um bonito espetáculo para o Tribódromo.

As tribos mirins são consideradas uma escola para as crianças que pretendem ingressar nas tribos adultas, responsáveis pelo espetáculo do Festival.

Tribo Muirapinima Mirim – há 20 anos revelando talentos
As crianças têm uma grande responsabilidade. São elas que vão manter viva a tradição do Festival. "Muitos dos nossos brincantes a cada ano deixam a cidade para estudar ou trabalhar. E as crianças são preparadas para ocupar essas vagas", destacou Rômulo Sousa, integrante da coordenação da Tribo Muirapinima Mirim.

As tribos mirins não disputam premiação, mas se esforçam ao máximo para fazer uma bonita apresentação. Porta-Estandarte, Índia Guerreira, Guardiã Tribal, Tuxaua, Pajé e Apresentador, são itens destaque na apresentação das crianças.

O festival é um aprendizado para a nova geração. As crianças têm um papel tão importante. Todas as pessoas que aqui chegam se surpreendem com as apresentações das nossas crianças.

"Elas são o futuro, que levarão de geração a geração os conhecimentos das Tribos e essa linda cultura que é um acontecimento tão esperado que acontece todos os anos na nossa cidade", informou Rômulo Sousa.

MARCELA MARIALVA – destaque do Boi Caprichoso é um dos talentos revelados pela Tribo Muirapinima Mirim.

NAYME LOPES – ex-porta-estandarte começou foi uma das revelações da Tribo Muirapinima Mirim.

Alisson Lima (Pajé), Raiana Marques (Guardiã Tribal), Karina Carvalho (Índia Guerreira) e Edinho Almeida (Regional Donos da Terra) são destaques hoje que iniciaram na Tribo Muirapinima Mirim.

Colaboradores: Rodrigo Nascimento, Sara Elen e Diégo Costa

TRIBOS MIRINS
CRIANÇAS SÃO PREPARADAS PARA MENTER VIVA A TRADIÇÃO DO
FESTIBAL

Olha Já!

TRIBO MUNDURUKU MIRIM

O Grupo Folclórico Munduruku Mirim iniciou sua trajetória cultural em 1993, sob a responsabilidade dos jovens Edvander Batista, Jim Jones e Adecias Batista. A primeira apresentação foi na Escola Estadual de Ensino Fundamental Américo Pereira Lima, com o tema "A Ira dos Deuses".

Nesta apresentação, os artistas demonstraram toda sua dedicação, colocando em evidência a revolta dos deuses para com seus filhos que desobedeceram às regras divinas, portanto foram dizimados pela grande fúria dos deuses.

Nesta apresentação 50 crianças atuaram tanto na tribo, como itens, figuras marcantes que dão vida às apresentações tribais como: pajé, índia guerreira, guardiã-tribal, além das alegorias que fazem parte do cenário das apresentações.

Há 26 anos, a Tribo Munduruku Mirim participa do Festibal, onde as crianças dão um show à parte, demonstrando que estão prontas para dar continuidade ao maior evento cultural do oeste do Pará;



"BRASIL: NÃO SILENCIARÁS NOSSO CANTO ANCESTRAL" SERÁ O TEMA DA TRIBO MUNDURUKU NO 25º FESTIVAL

Olha Já!



O tema foi divulgado na noite do dia 09 de março, numa programação especial no Universo Munduruku, abrindo oficialmente as atividades pré-festival, que em 2019 completa 25 anos de existência.

Integrante do Conselho de Arte da Tribo Munduruku, Yuri Matias destacou que "trouxemos essa temática por termos a missão de não chegarmos à arena do Tribódromo e apenas brincar de índio, nós temos a missão de peso de levamos o nome de uma etnia que é a da Tribo Munduruku, e com isso passamos por todas as etnias indígenas, não podemos deixar de levar em consideração o atual cenário dos povos indígenas do Brasil. Vamos apresentar o legado de toda cultura indígena como as crenças, costumes, e para dizer que estão aqui para fortalecer o direito de todas as etnias viverem em harmonia".

Com a despedida de Marcos Tavares (Tuxaua) e Júnior Balista (Apresentador), a diretoria da tribo anunciou os nomes dos novos nomes que vão defender, respectivamente, os itens 4 e 1, na Arena Cultural na grande noite da disputa.

Junielle Batista foi anunciado como novo apresentador. Na oportunidade, disse que "a emoção de defender o item número 1 da Tribo na arena é indescritível, e este ano estrearéi como apresentador, outros anos estive como narrador defendendo as cores vermelha e amarela da minha Tribo Munduruku que amo de coração".



Junielle Batista



Ronevon Silva

Ronevon Silva, novo Tuxaua, declarou que "é uma expectativa muito grande, eu passei três anos fora da Tribo, e hoje estou de volta graças ao novo presidente, e vamos com tudo, trabalhar para conquistar o bicampeonato".



Fonte e Fotos: Coordenadoria de Comunicação da Prefeitura de Juruti

ENTREVISTA COM ALEX GUEDES
Presidente da Tribo Munduruku

Olha Já!

A Associação Folclórica Tribo Munduruku levou para arena em 2018 o tema "Amazônia: Dos Cacicados à Profecia das Savanas", e foi consagrada a campeã do festival com 478,1 pontos contra 476,8 da tribo adversária - a Muirapinima. Uma equipe de estudantes da 4ª etapa da Escola Municipal Elza Albuquerque de Lima conversou com Alex Guedes, presidente da Tribo Muirapinima.

Como é o processo de escolha dos itens da Tribo Munduruku?

Antes de 2017 os itens eram escolhidos por nosso Conselho de Arte, que se reunia, apresentava as sugestões e fazia a escolha. A partir de 2017 o processo passou a ser democrático e os itens passaram a ser escolhidos por meio de concursos.

A Tribo Munduruku foi a campeã em 2018. Fale um pouco dessa emoção.

A vitória veio coroar todo um trabalho desenvolvido pela nossa tribo desde o ano de 2017, quando ocorreu o lançamento do tema - que é a história apresentada no Festrival. Essa vitória foi construída como muito esforço, união, fortalecimento, com a garra, fibra de cada jurutiense, cada torcedor vibrou, nossos itens, equipe de apoio, conselho de arte e equipe de alegorias. Nunca faltou apoio de todos e isso me entusiasmava, e a cada dia me dava força para que pudessemos concluir todo um projeto que resultou nessa vitória.

Quem são os artistas que preparam as alegorias apresentadas no Festrival?

Muitos dos nossos artistas são do nosso município, mas a gente conta também com artistas da cidade de Parintins, que atuam no Bói Caprichoso e também colaboraram nas escolas de Samba Beija-Flor e União da Tijuca.

Os desafios enfrentados pela tribo, quais são?

Os principais desafios são os financeiros. Mesmo assim, o nosso setor administrativo se empenha ao máximo para conseguir o recurso necessário para dar vida às sugestões do nosso Conselho de Arte. E o resultado todos vocês já sabem: uma bonita apresentação.



Colaboradores: Jonielison Souza, Nelson Pereira, Antonio Manoel, Fernando Lima e Roberto Santos

"LEGADO INDÍGENA" É O TEMA DA TRIBO MUIRAPINIMA NO FESTIVAL 2019

Olha Já!



A Associação Folclórica, Cultural e Recreativa Tribo Muirapinima, divulgou no dia 15 de março o tema que vai defender no XXV Festival Folclórico das Tribos Indígenas de Juruti: "Legado Indígena".

Daniel Costa, integrante do Conselho de Arte da Tribo Muirapinima, destacou que "esse tema vai trazer toda ancestralidade dos povos indígenas do Brasil, toda força e luta em defesa da vida. A Tribo Muirapinima vai destacar as almas dos guerreiros e guerreiras que foram abatidos pelo poder, mas deixaram um legado indígena de luta e resistência pela vida".

Novo Item - Com a despedida do intérprete de cantos indígenas - Silvio Araújo e do Tuxaua - Alberque Cruz, a diretoria da tribo anunciou os nomes dos novos integrantes: Rômulo Sousa (Tuxaua) e Patrick Nayron (Novo Intérprete dos Cantos Tribais).

Rômulo Sousa declarou que "há mais de 17 anos pertencem à tribo e para mim é uma grande honra poder estar representando um dos itens mais fortes da Tribo Muirapinima que é item Tuxaua, cacique da tribo. Estou muito feliz e satisfeito, eu estarei representando à altura esse item".



Rômulo Sousa



Rayana Marques – Guardiã Tribal, Josiele Ramos – Porta-Estandarte, Carina Carvalho – Índia Guerreira, Alisson Lima – Pajé,



Fonte e Fotos: Coordenadoria de Comunicação da Prefeitura de Juruti

ENTREVISTA COM SANDRA ANDRADE PEREIRA
Presidente da Tribo Muirapinima

Olha Já!

Eleita presidente da Tribo Muirapinima (2018-2019), Sandra Andrade Pereira conversou com uma equipe de estudantes da 4ª etapa da Escola Elza Albuquerque de Lima e falou sobre os desafios, a importância do Festival das Tribos e dos preparativos para a apresentação em 2019.

Quais os principais desafios enfrentados para participar do Festival?

A questão financeira ainda é uma das dificuldades enfrentadas por ambas as tribos. O festival cresceu muito nos últimos vinte anos e os recursos financeiros não conseguiram acompanhar esse crescimento. Mas estamos sempre trabalhando para conseguir o investimento necessário para garantir uma boa apresentação.

De onde vem esse recurso?

Vem dos nossos patrocinadores, como a Alcoa, o Banpará, a Prefeitura de Juruti – que é a organizadora do Festival das Tribos. Também recebemos o apoio de comerciantes locais, que nos fornecem parte do material usado nas nossas alegorias, nas nossas roupas, enfim, uma importante contribuição para o nosso espetáculo.

Fale um pouco sobre o processo de confecção das roupas usadas nas apresentações da tribo.

As nossas roupas e fantasias são confeccionadas aqui mesmo em Juruti. Usamos mão-de-obra local e uma parte vem da cidade de Parintins, que é nossa vizinha e tem muitos artistas talentosos. Após as apresentações essas roupas e essas fantasias ficam com os próprios brincantes, que se dedicam ao máximo para fazer uma bonita apresentação na arena.

Como são elaboradas as músicas usadas nas apresentações da Tribo?

A seleção é feita a partir do tema que a tribo vai defender no Tribódromo. Temos as músicas individuais – usadas nas apresentações dos nossos itens, e as músicas temáticas usadas nas demais apresentações, nos demais rituais. Os nossos folcloristas realizam as pesquisas e repassam as informações para os nossos compositores que preparam as músicas de acordo com essas pesquisas.

O que o Festival proporciona de bom para o município?

No ano passado, a nossa tribo recebeu um recurso de cerca de 400 mil reais. Cerca de 60%, 70% desse dinheiro ficou no próprio município, no pagamento da mão-de-obra local que é responsável pelo preparo das alegorias e das indumentárias usadas nas nossas apresentações, no comércio local onde foram adquiridos muitos dos produtos usados por nossos artistas. Além disso, a cidade ganha com uma boa movimentação nos hotéis, nos restaurantes, no comércio de artesanato etc.



Colaboradores: Grícia Costa, Vivia Barata e Júnior Mota

RESISTÊNCIA INDÍGENA NO CORAÇÃO DO BRASIL
FESTRIBAL 25 ANOS

Olha Já!



RESISTÊNCIA INDÍGENA NO CORAÇÃO DO BRASIL
Muirapinima x Munduruku

"Resistência indígena no coração do Brasil" será o tema do Festival das Tribos Indígena de Juruti (Festrival) que em 2019 completa 25 anos.

O ápice do evento é a disputa entre as tribos Munduruku e Muirapinima que se apresentam através da dança com muita alegoria, diferenciando uma da outra com suas cores de origem. Amarelo e vermelho da Tribo Munduruku e azul e vermelho da Tribo Muirapinima.

No período do Festrival a cidade se transforma nas cores das tribos, uma verdadeira peça de teatro a céu aberto, sobre temas ligados à cultura da região amazônica, onde as lendas, os mitos e os fatos da história são recriados e exibidos de maneira espetacular, entre fogos e surpreendentes efeitos visuais.

"O Festival das Tribos de Juruti é um evento que agrega criatividade, originalidade e autenticidade, valorizando assim a produção artesanal, o turismo, a cultura indígena, os artistas locais e regionais, dentre outros, e também em decorrência da grandeza do evento que tem uma participação quase na sua totalidade da população de Juruti", destaca Ariadne Lima, secretária de Cultura, Desporto e Turismo.

Os recursos advindos de convênios e patrocinados à duas tribos envolvidas no XXV Festival das Tribos Indígenas de Juruti são utilizados em: confecção de alegorias, indumentárias, aquisição de materiais, como as fantasias de itens individuais, pagamento do elenco musical e coreográfico, despesa com alimentação e hospedagem dos artistas, logística de transporte, combustível e infraestrutura do espaço de ensaio para receber os visitantes. Observando que, a valorização da mão-de-obra local é absorvida nos trabalhos de criação dos barracões das tribos.





EXPEDIENTE

EDITOR
UDIRLEI ANDRADE

REVISÃO

DIAGRAMAÇÃO
ROBERTO SANTOS

FOTOS
COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO
DA PREFEITURA DE JURUTI
(Alan Farias, Diego Rocha, Fábio
Santarém, Raul Moutinho e Silvágner
Grigório)

COLABORADORES
Bianca Sabrina, Vandre Filho, Taíza Lima,
Anderson Melo, Rivaldo Alves, Everton
Farias, Ederson Dias, Ronald Rocha,
Eviling Farias, Franciane Lima, Cristiane
Cruz, Iara Ferreira, Samara Santos,
Laudeli Batista, Andressa Pereira, Ellen
Karen, Grícia Costa, Vivia Barata, Júnior
Mota, Jonielison Souza, Nelson Pereira,
Antonio Manoel, Fernanda Lima e
Roberto Santos.

8ª Etapa

Avaliação

A avaliação se deu ao longo da execução desta proposta de intervenção. A cada etapa de atividade desenvolvida foi possível perceber que houve avanços, na medida em que o professor-pesquisador auxiliava os alunos na execução das atividades.

O mais importante talvez conseguimos: mostrar ao aluno o grande benefício que a leitura pode proporcionar na vida do indivíduo, dando-lhe conhecimento, informações e subsídios que podem favorecer a capacidade argumentativa de cada um. O sujeito bem informado dos seus direitos (e também dos seus deveres) saberá agir em qualquer contexto social em que esteja presente.

Nas últimas aulas, bem mais à vontade e com argumentos adquiridos por meio dos textos usados na sala de aula, os estudantes se manifestavam sempre que solicitados. Avanço percebido não só na oralidade, como também na produção escrita. Seria mentira da minha parte se dissesse que consegui superar todos os desafios encontrados na sala de aula no início do ano. Muitos alunos ainda apresentaram desvios na ortografia, concordância etc. Mas o mais importante – pelo menos para mim – percebi na produção escrita que os textos tinham um direcionamento, com coerência, mesmo apresentando alguns desvios com relação à coesão – o que na minha opinião isso pode ser resolvido com a prática da escrita – conseguem transmitir a sua mensagem, o seu ponto de vista.

Enfim, são alunos que, parte foi para a 4ª etapa e outra parte foi para o 1º ano do Ensino Médio, têm um longo caminho a percorrer. Se não perderem o ritmo que conseguiram alcançar no ano de 2018, esses estudantes vão longe.

Abaixo, algumas demonstrações do quanto foi importante o trabalho executado nas turmas da Educação de Jovens e Adultos da Escola Elza Albuquerque de Lima, voltado para ações de incentivo à leitura, à escrita e à oralidade.

Bom desde início a minha vida foi
 difícil, parei de estudar muito cedo
 eu vim pra cá com minha família
 e uma oportunidade de voltar a
 estudar não pensei duas vezes.
 aqui estou, pra falar a verdade
 eu não era bom nem na leitura
 e minha escrita era muito ruim
 agora estou decidida aí até o fim
 vou tentar agradecer ao senhor
 que me ajudou muito cheguei
 e reclamo mais agora agradeço
 muito, muito mesmo ao senhor
 Obrigado...

no ano de 2018, quando nós iniciamos
 ano letivo, eu tinha muita dificuldade
 escrever, eu o professor de português re-
 quisou a ensinar nós, depois o tempo foi
 passando, e eu já estava com um pouco de dificuldade
 os outros alunos ficaram falando: "lá? esse
 fessor nem passa assuntos de Português
 e nós e eu ficava só reclamando falando coisa
 mas, esses alunos não sabem e de nada.
 O professor e até me ele quer apanar que nós
 ia de 4ª etapa, sabendo escrever as palavras
 altas, colocando os pontos onde necessário,
 na pro final do ano, eu achei que evolui
 muito, eu agradeço ao professor Valdeci que
 sempre seja essa pessoa maravilhosa.

— Bom, eu evolui na escrita, porque eu tinha dificuldade na escrita e a leitura, já tinha mais a prática nos pontos, vírgula, e é isso a escrita por um dos pontos fundamental nesse caso agradeço meu professor por que é que ele falava por para o meu bem.

Quando eu cheguei na Escola Albuquerque eu tinha muita dificuldade em leitura e em interpretação de texto e muito falta de letra mais ao longo do tempo o meu desenvolvimento foi começando a melhorar agradeço muito o meu professor
Uclibei

Eu evoluir bastante nesses dias de aula na escola Elza Albuquerque. Aprende a escrever redações, a ler e escrever, falar algumas palavras de maneira correta aprende o vocabulário de algumas regiões do Brasil observo bastante quando os professores explicavam

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração desta dissertação de Mestrado me proporcionou uma série de reflexões acerca dos procedimentos adotados na maioria das nossas escolas quanto o assunto em questão é o ensino da leitura e da escrita na educação básica. No meu caso, a pesquisa foi aplicada em turmas da Educação de Jovens e Adultos – 3ª e 4ª etapas, e revelou quão grande é o papel do professor na formação de um leitor crítico, capaz de se comunicar efetivamente nos mais diversos contextos sociais presentes no seu dia a dia.

O uso dos gêneros textuais nas aulas de Língua Portuguesa vai ao encontro do que está proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais, com o propósito de atender às necessidades do aluno, fornecendo a eles instrumentos capazes de lhe proporcionar habilidades tanto de leitura quanto de escrita. Ao optar pelo uso dos gêneros textuais no processo ensino-aprendizagem, o professor mostra ao estudante as várias possibilidades do uso concreto da língua, o que desperta o interesse do discente, ao contrário das aulas voltadas simplesmente para o ensino da gramática normativa. O professor de Língua Portuguesa deve voltar o ensino para a realidade vivida pelo estudante, pois assim o seu aprendizado terá significância e aplicabilidade no dia a dia do indivíduo.

A proposta de intervenção que possibilitou o levantamento de informações para a elaboração desta pesquisa foi um desafio enorme, pois trabalhar com texto em sala de aula, com alunos que até então tinham pouco contato com a leitura e com a produção textual não foi nada fácil. Além disso, ao optar pelo uso de gêneros textuais no ensino da língua materna, o professor precisa ter o conhecimento necessário da estrutura e do funcionamento dos gêneros selecionados. Como mencionei anteriormente, a escolha do gênero reportagem na aplicação da proposta de intervenção desta dissertação não foi por acaso. O fato de eu ter atuado como jornalista durante mais de uma década contribuiu na escolha e no desenvolvimento das etapas de elaboração de uma reportagem

Precisamos mudar a “prática tradicional de ensino que concebe a intervenção didática como sinônimo de correção de erros ortográficos e gramaticais” (CALIL, 2000). Com medo de errar, os alunos preferem ficar calados, sem interagir na sala de

aula. Diante de um ensino que quase em nada contribui na sua formação, eles demonstram insatisfação, desinteresse.

Ao utilizar o texto nas aulas de língua materna é necessário a aplicação de uma metodologia que atenda à perspectiva interacionista e dialógica da linguagem, e não simplesmente como um mero instrumento para verificar o aprendizado do estudante no ensino das regras ortográficas e da gramática.

As atividades de produção textual na sala de aula não podem ocorrer por acaso, elas precisam de planejamento para orientar o aluno no desenvolvimento da tarefa. Ao seguir a perspectiva bakhtiniana – que aponta elementos que podem contribuir no processo da produção textual – o professor deve mostrar a finalidade, delimitar o (s) interlocutor(es), apresentar o gênero textual necessário à produção, assim como o suporte de circulação do texto. Orientações essas fundamentais para conduzir o escritor na produção textual.

O ensino da escrita na sala de aula é um processo que requer esforço tanto do professor quanto do aluno, pois depende de uma série de processos como planejamento, ato da escrita, revisão, reescrita e avaliação. Para conduzir cada um desses processos na sala de aula, o professor deve estar preparado, munido de conhecimentos que vão orientar o discente passo-a-passo na sua produção textual.

Os professores, especialmente os da educação básica, precisam compreender a importância que têm na formação de leitores, a fim de promover ações e estratégias que possibilitem o incentivo da leitura, da escrita e o desenvolvimento da oralidade. Essas estratégias, como podemos verificar, são essenciais, pois, para ler e escrever com propriedade não basta apenas o estudante codificar e decodificar os signos linguísticos. Quanto maior for o contato do aluno com a diversidade de gêneros textuais usados no meio social do qual esse aluno faz parte, melhor será o resultado.

Os alunos envolvidos na pesquisa ainda têm muito a aprender. Precisam se dedicar mais ao estudo da ortografia, da gramática, tão cobrados pela variante padrão da nossa língua portuguesa. As aulas passaram a contar com a participação dos alunos, que passaram a se interessar, por exemplo, com assuntos do seu cotidiano, muitos deles encontrados nas páginas do jornal impresso. Mas, o mais importante acredito ter repassado a eles: os benefícios que a leitura pode proporcionar ao

indivíduo; a ação libertadora da leitura; o poder que tem aquele que cultiva o hábito da leitura ao adquirir o conhecimento.

Por meio do gênero reportagem, conseguimos despertar o interesse de muitos estudantes para a importância de estarem bem informados. O jornal impresso, apresentado aos estudantes no decorrer da aplicação da proposta de intervenção, foi uma ferramenta importante neste processo, pois, os estudantes tiveram a oportunidade de ampliar o seu vocabulário, a oralidade mostrou um avanço significativo e a capacidade de argumentação também evoluiu significativamente. Tenho a convicção que com relação a esse aspecto o meu objetivo foi alcançado. E torço para que eles possam continuar praticando o hábito da leitura e da escrita no seu dia a dia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, R. **Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação**. São Paulo: Loyola, 2000.

ANTUNES, Irlandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ARAÚJO, Ana Paula. **Textos jornalísticos**. Disponível em <https://www.infoescola.com/redacao/textos-jornalisticos/>

ARRUDA, S. A. R, PETRONI, M. R. **Gêneros Discursivos: uma reflexão necessária para o ensino de leitura e escrita na Eja**. 2009. Disponível em: https://www.uces.br/ucs/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/arquivos/um_a_reflexao_necessaria_para_o_ensino_de_leitura_e_escrita_na_eja.pdf. Acesso em setembro de 2018.

AZEVEDO, Roseli Massuquetto. **O gênero notícia de jornal na sala de aula**. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/422-4.pdf>. Acesso em 20 de agosto de 2018.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: as técnicas do jornalismo**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990. v. 2.

BALTAR, Marcos. **Competência discursiva e gêneros textuais: uma experiência com o jornal de sala de aula**. Caxias do Sul, RS: Educus, 2004.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. In: Estética da criação verbal. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 261-335

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 1987.

BATISTA, A. A.,; VAL, M.G.; MARINHO, M. **Oficina de Leitura e produção de textos jornalísticos**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

BORTONI-RICARDO, S.M.; MACHADO, V.R.; CASTANHEIRA, S.F. **Formação do Professor como agente letrado**. São Paulo: Contexto, 2010.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais; Língua Portuguesa – 5ª a 8ª série.** Brasília: MEC, 1997.

BRITTO, P. **Ao revés do avesso: leitura e formação.** São Paulo: Pulo do Gato, 2015.

_____. **No lugar da leitura: biblioteca em formação.** Rio de Janeiro: Edições Brasil Literário, 2016. E-book. ISBN 978-85-69889-00-7. Disponível em: <http://www.brasilliterario.org.br/publicacoes/no-lugar-da-leitura-biblioteca-e-formacao-de-luiz-percival-leme-britto/>. Acesso em 04 de abril de 2018.

CABRAL, L. S. **Processos psicolingüísticos de leitura e a criança.** Porto Alegre: Letras de Hoje, v. 19, n. 1, pp. 7-20, 1986.

CALDAS, Lilian Kelly. **Trabalhando tipos/gêneros textuais em sala de aula: uma estratégia didática na perspectiva da mediação dialética.** IBILCE/UNESP – São José do Rio Preto. Disponível em: http://www.alb.com.br/anais16/sem03pdf/sm03ss16_09.pdf. Acesso em agosto de 2018.

CASTRILLÓN, S. **O direito de ler e de escrever.** Tr. Marcos Bagno. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

CASTRO, L. **Gêneros Literários.** [2005]. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/generos-literarios.htm>. Acesso em novembro de 2018.

CONCEIÇÃO e PRATA, R.L., J.S. **O ato de ler e a leitura: do conceito as complexidades na formação de leitores.** Revista Eletrônica da Faculdade José Augusto Veira. Ano V – nº 07, setembro 2017 – ISSN – 1983-1285. Disponível em http://fjav.com.br/revista/Downloads/edicao07/O_Ato_de_Ler_e_a_Leitura.pdf. Acesso em 05 de maio de 2018.

COSSON, R. **Círculo de Leitura e Letramento Literário.** São Paulo: Contexto, 2017.

CUNHA, D. A. O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião. In: DIONISIO, A. P.; BEZERRA, M. A. ; MACHADO, A. R. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCNEUWLY, B. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento.** In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. et al. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas: Mercado de Letras, 2004.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2006.

EVANGELISTA, Solange, JERÔNIMO, Isabel Cristiane. **A leitura como prática social: os gêneros textuais notícia e carta do leitor em sala de aula**. OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE Artigos 2014. Versão Online ISBN 978-85-8015-080-3 Cadernos PDE. GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ

FARIA, Maria Alice de Oliveira. **Como usar o jornal na sala de aula**. 10 ed., São Paulo: Contexto, 2006.

FERNANDES, M. **Descrição Objetiva e Subjetiva**. [2010]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/descricao-objetiva-e-descricao-subjetiva/>. Acesso em setembro de 2018.

Fiad, Raquel Salek. **Escrever é reescrever: caderno do professor**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2006. Disponível em: http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/files/uploads/Col.%20Alfabetização%20e%20Letramento/Col%20Alf.Let.%2011%20Escrever_Reescrever.pdf. Acesso em setembro de 2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1989.

FOUCAMBERT, J. **Modos de ser leitor: Aprendizagem e ensino da leitura no ensino fundamental**. Tr. Lúscia P. Cherem e Suzete P. Bornatto. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

GAYDECZKA, Beatriz. **A multimodalidade na reportagem impressa**. In. Estudos Lingüísticos XXXVI(3), setembro-dezembro, 2007. Disponível em: <http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2007/sistema06/87.PDF>. Acesso em outubro de 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GROSSI, Y. de S. **Mina de Morro Velho: a extração do homem, uma história de experiência operária**. São Paulo: Paz e Terra, 1981

JÚNIOR, Juvenal Zanchetta. **Por que, afinal, a leitura de jornais na escola?** Disponível em <http://alb.com.br/arquivo-morto/anais-jornal/jornal3/textos/008zanchetta.htm>

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 10. ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

KOCH, I; ELIAS, V. **Ler e Escrever: estratégias de produção textual**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2006.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. **A Técnicas de Pesquisa**. São Paulo, Atlas, 1999
Petrópolis, 1997.

LIMA, E. P. **Páginas Ampliadas**. São Paulo: Unicamp, 2003.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. **A Formação do leitor proficiente e crítico a partir de características específicas dos gêneros discursivos**. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/viewFile/3945/2595>

_____. **Práticas de leitura de gêneros discursivos: A reportagem como proposta**. In: PETRONI, Maria Rosa. *Gêneros do discurso, leitura e escrita: experiências de sala de aula*. São Carlos: Pedro & João Editores.

LORCA, G. **Gêneros Textuais**. Disponível em <http://www.spectrumgothic.com.br/literatura/generos.htm>. Acesso em: 28 de agosto de 2018.

MACHADO, A.M. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MACHADO, A. R., CRISTOVÃO, V. L. **A CONSTRUÇÃO DE MODELOS DIDÁTICOS DE GÊNEROS: APORTES E QUESTIONAMENTOS PARA O ENSINO DE GÊNEROS**. *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, Tubarão, v. 6, n. 3, p. 547-573, set./dez. 2006. Disponível em http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/construcao_modelos_didaticos_generos.pdf. Acesso em setembro de 2018.

MAIA, J. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

MARCUSCHI, L.A. **Gêneros Textuais: definição e funcionalidade**. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/133018/mod_resource/content/3/Art_Marcus_chi_G%C3%AAneros_textuais_defini%C3%A7%C3%B5es_funcionalidade.pdf. Acesso em: 27 de agosto de 2018.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Cortez, 2008.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliene, 1986.

MEIRELLES, E. **Como organizar sequências didáticas**. Nova Escola. Disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/1493/como-organizar-sequencias-didaticas>. Acesso em 12 de maio de 2018.

MENEGASSI, Renilson José. **Compreensão e interpretação no processo de leitura: noções básicas ao professor**. Maringá: Revista UNIMAR, v.17, n. 1, pp. 85-94, 1995. Disponível em: file:///C:/Users/VAIO/Downloads/Compreensao_e_interpretacao_no_processo.pdf. Acesso em 15 de agosto de 2018.

MENEGASSI, R. J; CALCIOLARI, A. C. **A leitura no vestibular: a primazia da compreensão legitimada na prova de Língua Portuguesa**. Maringá: UEM – Acta Scientiarum, 2002. Disponível em: <https://www.profala.com/arteducesp84.htm>. Acesso em setembro de 2018.

MEC - MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Pró-Letramento – Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental: Alfabetização e Linguagem**. Brasília, 2008. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6002-fasciculo-port&Itemid=30192, acesso em 10 de maio de 2018.

_____. **Elementos conceituais e metodológicos para definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento do ciclo de alfabetização (1º, 2º e 3º anos) do ensino fundamental**. Brasília, 2012. Disponível em

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=12827-texto-referencia-consulta-publica-2013-cne-pdf&category_slug=marco-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 10 de maio de 2018.

MOÇO, A. **Gêneros, como usar.** Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/7515/generos-como-usar>. Acesso em: 10 de setembro de 2018.

PADILHA, G.F; SOUZA, F. **A leitura como prática para a formação da cidadania.** Disponível em <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/02/Gabriela-Fagundes-Padilha.pdf>. Acesso em: 01 de maio de 2018.

PARCEIROS DA EDUCAÇÃO. **Manual: como fazer um jornal escola em pauta.** Disponível em: <http://www.escolaempauta.com.br/base-do-conhecimento/>. Acesso em: agosto de 2018.

PAROLI, R. M. & ALMEIDA JUNIOR, J. B. **Avaliação de programas de uso de jornal em sala de aula oferecidos aos professores por empresas jornalísticas.** Disponível em: <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT16-2236--Int.pdf>. Acesso em: 15 de setembro de 2018.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva.** Tr. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

_____. **A arte de ler ou como resistir à adversidade.** Tr. Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.

PONDÉ e YUNES, E., G. **Leitura e Leituras da Literatura Infantil.** São Paulo: FTD, 1988.

PRADO, C. D. **A aula de leitura e a constituição do sujeito leitor.** Revista de Educação do Curso de Pedagogia do Campus Avançado de Jataí da Universidade Federal de Goiás. Vol I-3. Jan/Jul 2017. Disponível em <https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/20413>. Acesso em 05 de maio de 2018.

Programa Gestão da Aprendizagem Escolar – Gestar II. **Língua Portuguesa: Caderno de Teoria e Prática 3 – TP3: gêneros e tipos textuais.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

RUIZ, E. D. **Como corrigir redações na escola: uma proposta textual-interativa.** São Paulo: Contexto, 2015.

SCHNEUWLY, Bernard e DOLZ, Joaquim: **Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino.** *Revista Brasileira de Educação*, nº 11, p. 5-15, mai/jun/jul/agos 1999.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O jornal na vida dos professores.** IN SILVA, Ezequiel Theodoro da.(org) *O jornal na vida do Professor e no Trabalho Docente.* São Paulo, 2006.

_____. **A Produção da Leitura na Escola: Pesquisa X Propostas.** São Paulo: Ática, 2010.

_____. **Leitura na escola e na biblioteca.** Campinas: Leitura Crítica, 2010.

SOLÉ, I. **Estratégias de Leitura.** 6ª ed. Porto Alegre: Penso,1998.

XANDELLY, C. Teologando: **Os três gêneros da retórica clássica.** Disponível em <https://vidadeteologo.com.br/teologando-os-tres-generos-da-retorica-classica/>. Acesso em: 28 de agosto de 2018.

ZACARIAS, I. L. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE Produções Didático-Pedagógicas. ZACARIAS, I. L. PALMA, R.C.B. **A importância da leitura para o desempenho escolar, o crescimento intelectual e a emancipação do aluno.** Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uel_ped_pdp_iraci_lapietra_zacarias.pdf. Acesso em setembro de 2018.

ZILBERMAN, Regina. **Fim do Livro, fim dos Leitores.** São Paulo, 1999.

ZACARIAS, I. L. OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE Produções Didático-Pedagógicas. ZACARIAS, I. L. PALMA, R.C.B. **A importância da leitura para o desempenho escolar, o crescimento intelectual e a emancipação do aluno.** Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uel_ped_pdp_iraci_lapietra_zacarias.pdf. Acesso em setembro de 2018.

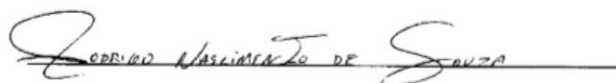
ANEXOS

Escola Municipal de Ensino Fundamental Elza Albuquerque de Lima

AUTORIZAÇÃO

Eu, Rodrigo Nascimento de Souza, portador (a) do
RG n° _____, residente à
Rua Osvaldo Meireles Cunha, nº 214, bairro
São Marcos, município de Juruti-Pará, manifesto interesse em participar
das atividades de ensino-aprendizagem (de incentivo à leitura, à escrita e à oralidade),
desenvolvidas pelo professor Udirlei Andrade da Silva, da disciplina de Língua Portuguesa, na
Escola Municipal de Ensino Fundamental Elza Albuquerque de Lima e em outros ambientes fora
do espaço escolar. Permito também a captação de imagens para a divulgação das referidas
atividades.

Juruti, 05 de Dezembro de 2018.


Assinatura

Escola Municipal de Ensino Fundamental Elza Albuquerque de Lima

AUTORIZAÇÃO

PAI/MÃE OU RESPONSÁVEL

Eu, Erondina Cardoso Costa, portador (a) do
RG nº 4050266, residente à
Rua Arnaldo Batista, nº -, bairro
Nova Vitória, município de Juruti-Pará, autorizo
Diogo Cardoso Costa a participar das atividades de
ensino-aprendizagem (de incentivo à leitura, à escrita e à oralidade), desenvolvidas pelo professor
Udirlei Andrade da Silva, da disciplina de Língua Portuguesa, na Escola Municipal de Ensino
Fundamental Elza Albuquerque de Lima e em outros ambientes fora do espaço escolar. Permito
também a captação de imagens para a divulgação das referidas atividades.

Juruti, 05 de Dezembro de 2018.

Erondina Cardoso Costa

Assinatura do/a responsável

Escola Municipal de Ensino Fundamental Elza Albuquerque de Lima

AUTORIZAÇÃO

PAI/MÃE OU RESPONSÁVEL

Eu, Raidiane da Silva Santos, portador (a) do
RG nº 1930839-6, residente à
Vivaldo José Moura Andrade, nº S/P, bairro
Novo Vitória, município de Juruti-Pará, autorizo
Felipe Santos Guimarães a participar das atividades de
ensino-aprendizagem (de incentivo à leitura, à escrita e à oralidade), desenvolvidas pelo professor
Udirlei Andrade da Silva, da disciplina de Língua Portuguesa, na Escola Municipal de Ensino
Fundamental Elza Albuquerque de Lima e em outros ambientes fora do espaço escolar. Permito
também a captação de imagens para a divulgação das referidas atividades.

Juruti, 05 de Dezembro de 2018.

Raidiane da Silva Santos

Assinatura do/a responsável

Escola Municipal de Ensino Fundamental Elza Albuquerque de Lima

AUTORIZAÇÃO

PAI/MÃE OU RESPONSÁVEL

Eu, Maria Niles da Silva, portador (a) do
RG nº 2282232-7, residente à
Palmeira Russa da Fátima, nº X, bairro
Manacará, município de Juruti-Pará, autorizo
Maria Santarém Da Silva a participar das atividades de
ensino-aprendizagem (de incentivo à leitura, à escrita e à oralidade), desenvolvidas pelo professor
Udirlei Andrade da Silva, da disciplina de Língua Portuguesa, na Escola Municipal de Ensino
Fundamental Elza Albuquerque de Lima e em outros ambientes fora do espaço escolar. Permito
também a captação de imagens para a divulgação das referidas atividades.

Juruti, 05 de Dezembro de 2018.

Maria Niles Da Silva

Assinatura do/a responsável

Escola Municipal de Ensino Fundamental Elza Albuquerque de Lima

AUTORIZAÇÃO

PAI/MÃE OU RESPONSÁVEL

Eu, Ueralucina Pereira Batista, portador (a) do
RG nº 6054300, residente à
rua João Pereira da Costa, nº -----, bairro
-----, município de Juruti-Pará, autorizo
Leandeli Batista Nascimento a participar das atividades de
ensino-aprendizagem (de incentivo à leitura, à escrita e à oralidade), desenvolvidas pelo professor
Udirlei Andrade da Silva, da disciplina de Língua Portuguesa, na Escola Municipal de Ensino
Fundamental Elza Albuquerque de Lima e em outros ambientes fora do espaço escolar. Permito
também a captação de imagens para a divulgação das referidas atividades.

Juruti, 05 de Dezembro de 2018.

Ueralucina Pereira Batista

Assinatura do/a responsável

Escola Municipal de Ensino Fundamental Elza Albuquerque de Lima

AUTORIZAÇÃO

PAI/MÃE OU RESPONSÁVEL

Eu, Desmarina Pedrigues da Silva, portador (a) do
RG nº 2669214, residente à
rua Manoel Hilicho, nº S/N, bairro
Navaleno, município de Juruti-Pará, autorizo
Paula da Silva Farias a participar das atividades de
ensino-aprendizagem (de incentivo à leitura, à escrita e à oralidade), desenvolvidas pelo professor
Udirlei Andrade da Silva, da disciplina de Língua Portuguesa, na Escola Municipal de Ensino
Fundamental Elza Albuquerque de Lima e em outros ambientes fora do espaço escolar. Permito
também a captação de imagens para a divulgação das referidas atividades.

Juruti, 05 de Dezembro de 2018.

Desmarina P. Silva

Assinatura do/a responsável

Escola Municipal de Ensino Fundamental Elza Albuquerque de Lima

AUTORIZAÇÃO

Eu, Joaquim de Deus Santos Araújo, portador (a) do
RG n° 8308744, residente à
Casa, n° 57N°, bairro
Maracaná, município de Juruti-Pará, manifesto interesse em participar
das atividades de ensino-aprendizagem (de incentivo à leitura, à escrita e à oralidade),
desenvolvidas pelo professor Udirlei Andrade da Silva, da disciplina de Língua Portuguesa, na
Escola Municipal de Ensino Fundamental Elza Albuquerque de Lima e em outros ambientes fora
do espaço escolar. Permito também a captação de imagens para a divulgação das referidas
atividades.

Juruti, 05 de Dezembro de 2018.

Zanilda Araújo

Assinatura

Escola Municipal de Ensino Fundamental Elza Albuquerque de Lima

AUTORIZAÇÃO

PAI/MÃE OU RESPONSÁVEL

Eu, Angela maria Amaral Ferreira, portador (a) do
RG nº 5283924, residente à
Trav: Tugo maruoka, nº SN, bairro
Novo vitória, município de Juruti-Pará, autorizo
Gabriel Amaral Ferreira a participar das atividades de
ensino-aprendizagem (de incentivo à leitura, à escrita e à oralidade), desenvolvidas pelo professor
Udirlei Andrade da Silva, da disciplina de Língua Portuguesa, na Escola Municipal de Ensino
Fundamental Elza Albuquerque de Lima e em outros ambientes fora do espaço escolar. Permito
também a captação de imagens para a divulgação das referidas atividades.

Juruti, 05 de Dezembro de 2018.

*Angela maria Amaral Ferreira

Assinatura do/a responsável

Inicia a 7ª edição da Festa de Abertura da Vindima em Monte Belo do Sul - Difusora

Últimas Notícias Com mandado de prisão, homem é detido após depoimento na Delegacia em Bento Banheiro de praça de




- [Home](#)
- [Notícias](#)
- [Política](#)
- [Segurança](#)
- [Turismo](#)
- [Esporte](#)
- [Cultura](#)
- [Vídeos](#)
- [Contato](#)
- [AO VIVO](#)

Q

Você está aqui > [Home](#) > [Agricultura](#) > [Inicia a 7ª edição da Festa de Abertura da Vindima em Monte Belo do Sul](#)

INICIA A 7ª EDIÇÃO DA FESTA DE ABERTURA DA VINDIMA EM MONTE BELO DO SUL

📅 25/01/2018 🗣️ Jornalismo 890



Iniciou nesta quarta-feira, 24, a 7ª edição da Festa de Abertura da Vindima em Monte Belo do Sul. Com o tema "Brindando Uva, Vinho e Pão", o evento cultural celebra o início da colheita da uva, principal atividade socioeconômica do município. A solenidade teve apresentações de valores locais, música e orquestra de Nova Prata.

As soberanas a rainha Eduarda Canossa, e as princesas Letícia Viel e Lilian Roieski, deram as boas vindas a todos e reforçaram o convite para prestigiar o evento, que ocorre até o próximo domingo, dia 28. Assim como o presidente da Festa e secretário de Cultura e Turismo Álvaro Manzoni, destacou o orgulho da retomada do evento no município.

O prefeito em exercício Jorge Benvenuti, que manifestou-se, embora o prefeito Adenir Dallé tenha em meio as férias prestigiado a abertura, salientou o significado do agricultor para a localidade.

Além do presidente da Câmara de Vereadores de Monte Belo, Onécimo Pauleti, prestigiaram o ato vereadores e prefeitos da região, representantes de entidades e a comunidade em geral.

Entre as atrações do evento estão shows diversos, exposição e distribuição de uvas, Expomonte (Feira de negócios), gastronomia, desfile de carros alegóricos e o 1º Pedal da Vindima.

As entradas custam R\$ 7,00 (com direito a uma taça de vinho personalizada e vale uva).

Clique e amplie para conferir a programação:

AO VIVO – OUÇA AGORA:



Programa do Rogério com Rogério Rockenbach

RECEITAS CULINÁRIAS



PUBLICIDADE









http://difusora890.com.br/inicia-a-7a-edicao-da-festa-de-abertura-da-vindima-em-monte-belo-do-sul/

1/7

Inicia a 7ª edição da Festa de Abertura da Vindima em Monte Belo do Sul - Difusora

PROGRAMA BÁSICO

- ✓ EXPOMONTI, exposição e distribuição de uva
- ✓ Shows diversos
- ✓ Gastronomia
- ✓ Cursos de degustação de vinhos
- ✓ Torneio de Bôchas - Modelo 48
- ✓ Atividades culturais
- ✓ Recreação infantil

Horários:
 24 e 25 a partir de 18h30min às 23h
 26 a partir de 12h às 22h
 27 a partir de 12h às 12h
 28 a partir de 12h às 20h

PROGRAMAÇÃO ARTÍSTICA

24/01 (Quarta Feia)
 18h - Abertura oficial
 - Apresentação de Vozes e Letras
 - Choro de Música e Corde
 - Fênixes Bateria 2017
 - Apresentação de Danças Municipais de Nova Pádua

25 (Quinta Feia)
A partir das 18h - Apresentação de Danças:
 - Banda Acadêmica Militar e Sinfônica Montebelo
 - Primeira Banda Sinfônica 2017
19h - Apresentação de Danças:
 - 1ª FOLHA DA VINDIMA 2018
 - 2ª Banda Sinfônica

26 (Sexta Feia)
18h30 - Torneio de Bôchas 2018 com 1600 jogadores
20h - 1ª FOLHA - apresentação com Danças:
 - BANDA DE DANÇA
 - BANDA DE DANÇA
 - BANDA DE DANÇA
21h - Apresentação de Danças:
 - TORNEIO MUNDIAL DE BÔCHAS
 - 2ª Banda Sinfônica

27 (Sábado)
18h30 - Torneio de Bôchas 2018 com 1600 jogadores
20h - 2ª FOLHA - apresentação com Danças:
 - BANDA DE DANÇA
 - BANDA DE DANÇA
21h - Apresentação de Danças:
 - TORNEIO MUNDIAL DE BÔCHAS
 - 3ª Banda Sinfônica

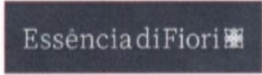
28 (Domingo)
18h - Torneio de Bôchas 2018 com 1600 jogadores
19h30 - DESFILE DE CARROS ALIADOS
21h - Show com Grupo Sinfônico
22h - Apresentação de Danças:
 - Banda Sinfônica
 - Banda Sinfônica
23h - Apresentação de Danças:
 - Banda Sinfônica
 - Banda Sinfônica

ACOMPANHE A PROGRAMAÇÃO, TORNEIO DE BÔCHAS E MONTAGEM DO TORNEIO MUNDIAL DE BÔCHAS EM SEU CELULAR
 Acompanhe a programação, o torneio de bôchas e a montagem do Torneio Mundial de Bôchas em seu celular pelo aplicativo **FEVINDIMA 2018**

ACOMPANHE A PROGRAMAÇÃO, TORNEIO DE BÔCHAS E MONTAGEM DO TORNEIO MUNDIAL DE BÔCHAS EM SEU CELULAR
 Acompanhe a programação, o torneio de bôchas e a montagem do Torneio Mundial de Bôchas em seu celular pelo aplicativo **FEVINDIMA 2018**

ACOMPANHE A PROGRAMAÇÃO, TORNEIO DE BÔCHAS E MONTAGEM DO TORNEIO MUNDIAL DE BÔCHAS EM SEU CELULAR
 Acompanhe a programação, o torneio de bôchas e a montagem do Torneio Mundial de Bôchas em seu celular pelo aplicativo **FEVINDIMA 2018**

ACOMPANHE A PROGRAMAÇÃO, TORNEIO DE BÔCHAS E MONTAGEM DO TORNEIO MUNDIAL DE BÔCHAS EM SEU CELULAR
 Acompanhe a programação, o torneio de bôchas e a montagem do Torneio Mundial de Bôchas em seu celular pelo aplicativo **FEVINDIMA 2018**



OUVINTE REPÓRTER DIFUSORA

SUGESTÕES OU DENÚNCIAS?

WhatsApp: (54) 99972-7777
 E-mail: jornalismo@difusora890.com.br

Ou venha direto na emissora!
 (em horário comercial)

Com apoio de Indústrias, Secretaria de Indústria e Comércio.

Abaixo, confira a galeria de fotos:



PREVISÃO DO TEMPO





bumba-meu-boi é destaque em passagem da tocha olímpica

016 17h47
17/01/2019 18h23

ÚLTIMA MODIFICAÇÃO

**Bumba-meu-boi é destaque em passagem da tocha olímpica**

Registrada como patrimônio imaterial brasileiro, a festa tradicional é uma das principais manifestações culturais da capital maranhense, São Luís

9.6.2016 – 19:



Há cinco anos, o bumba-meu-boi do Maranhão foi registrado pelo Instituto Histórico e Artístico Nacional (Iphan), entidade vinculada ao Ministério da Cultura (MinC), como Patrimônio Cultural do Brasil. A festa tradicional feiense é uma das principais manifestações culturais de São Luís (MA) e estará presente durante a passagem da Tocha Olímpica pela cidade, neste domingo (12).

O centenário do Bumba-meu-boi do Maracanã será um dos participantes da programação cultural olímpica na passagem da tocha pela capital maranhense. Maria José Soares, presidente do grupo, conta que a expectativa é grande e que, após um mês de dedicação exclusiva, o boi está pronto para a festa. A apresentação contará com cerca de 200 pessoas. Maria José faz parte da oitava geração a cuidar do Boi do Maracanã.

"Quando o bumba-meu-boi se tornou patrimônio cultural, trouxe benefícios porque valorizou essa manifestação cultural", destaca Maria José. "Isso faz com que a gente se dedique mais e trabalhe mais o lado sociocultural", afirma.

O bumba-meu-boi abrange não apenas a figura central do boi, mas diversas outras manifestações culturais. Entre elas, há, por exemplo, danças dramáticas, musicais e coreográficas, além de artesanatos, como os bordados do boi e a confecção de instrumentos musicais artesanais.

Profundamente enraizado no cristianismo e, em especial, no catolicismo popular, o bumba-meu-boi envolve a devoção aos santos juninos São João, São Pedro e São Marçal. Contudo, os cultos religiosos afro-brasileiros do Maranhão, como o Tambor de Mina e o Terreiro de Oxalá, também estão presentes nessa celebração, uma vez que ocorre o sincretismo entre os santos juninos e os orixás, voduns e encantados que requisitam um boi como obrigação espiritual.

A história por trás do folguedo, que extrapola a mera brincadeira, é apresentada como a morte e a ressurreição de um boi. As apresentações cômicas são feitas com grande participação do público e são entremeadas por toadas curtas contando a história sobre um boi precioso e querido pelo seu amo e pelos vaqueiros.

Tambores de crioula

Outra manifestação cultural típica do Maranhão que foi registrada pelo Iphan como Patrimônio Cultural e que também estará presente durante a passagem da tocha são os tambores de crioula do estado.

Seja ao ar livre nas praças, no interior de terreiros ou associado a outros eventos e manifestações, é realizado sem local específico ou calendário pré-fixado e praticado especialmente em louvor a São Benedito. Essa manifestação afro-brasileira ocorre na maioria dos municípios do Maranhão, envolvendo uma dança circular feminina, canto e percussão de tambores. Dela participam as tocadoras ou dançadeiras, conduzidas pelo ritmo intenso dos tambores e pelo influxo das toadas evocadas por tocadores, culminando na punga ou umbigada – gesto característico, entendido como saudação e convite.

[Saiba mais](#) sobre o Bumba-meu-boi (Fonte vídeo: Iphan)

Cecilia Coelho
Ministério da Cultura
Com informações do Iphan



O Festival Folclórico de Parintins

Por Luis Nassif - 01/07/2012

O **Festival Folclórico de Parintins** é uma festa popular realizada anualmente no último **fim de semana** de junho na cidade de **Parintins, Amazonas**.

O festival é uma apresentação a céu aberto, onde competem duas associações, o **Boi Garantido**, de cor vermelha, e o **Boi Caprichoso**, de cor azul. A apresentação ocorre no Bumbódromo (Centro Cultural e Esportivo **Amazonino Mendes**), um tipo de **estádio** com o formato de uma cabeça de boi estilizada. Durante as três noites de apresentação, os dois bois exploram as temáticas regionais como lendas, rituais indígenas e costumes dos **ribeirinhos** através de alegorias e encenações. O Festival de Parintins se tornou um dos maiores divulgadores da cultura local.

Os bois de Parintins sofrem um grande emaranhado de influências culturais. A religiosidade, os temas indígenas e amazônicos e a cultura nordestina.

O festival é realizado desde **1965**.

• Música

A música, que acompanha durante todo o tempo, é a **toada**, acompanhada por um grupo de mais de 400 ritmistas.

Os dois Bois dançam e cantam por um período de três horas, com ordem de entrada na arena alternada em cada dia. As letras das canções resgatam o passado de mitos e lendas da **floresta amazônica**. Muitas das toadas incluem também sons da floresta e canto de pássaros.

• Ritual

O ritual dos Bumbás mostra a lenda de **Pai Francisco** e **Mãe Catirina** que conseguem, com a ajuda do **Pajé**, fazer renascer o boi do patrão. Conta a lenda que Mãe Catirina, grávida, deseja comer a língua do boi mais bonito da fazenda. Para satisfazer o desejo da mulher, Pai Francisco manda matar o boi de estimação do patrão.

Pai Francisco é descoberto, tenta fugir, mas é preso. Para salvar o boi, um padre e um médico são chamados (o pajé, na tradição indígena) e o boi ressuscita. Pai Francisco e Mãe Catirina são perdoados e há uma grande comemoração.

• Tribos Indígenas

Apresentação de um agrupamento nativo da Amazônia. Considera-se: sincronia de movimentos, fidelidade às raízes, cores, expressões cênicas, formas de dançar e movimentos originais.

• A cidade Parintins

Os aspectos físicos e geográficos não traduzem totalmente o que é Parintins, a cidade dos Bumbás Caprichoso e Garantido, mas também uma cidadela simples que impõe

O Festival Folclórico de Parintins - GGN

atitude pelas diversas particularidades que possui e que encanta qualquer visitante. Hospitalidade, alegria, devoção e simplicidade são as chaves do sucesso dessa cidade.

O modo de vida do parintinense é fruto de uma cultura mágica, difícil de explicar. Sem a euforia dos dias que antecedem o grande festival folclórico, Parintins é apenas uma aldeia de gente muito simpática, que anda pelas ruas de bicicleta, que pinta as fachadas das casas da cor do boi que faz pulsar a paixão, que conversa das tardes ao anoitecer em cadeiras de embalo nos batentes das portas.

É um cotidiano simples, mas ao mesmo tempo repleto de artes. O povo de Parintins já nasce com dons especiais. São artistas que compõem, cantam, esculpi, pintam com muita habilidade e até criam novos rumos para o português, inventando um linguajar próprio. Bastam um visitante chegar que eles querem demonstrar carinho, fazendo sentir-se em casa, chamando logo de parente (o mesmo que cara ou irmão), mostrando a cidade e seus talentos com orgulho.

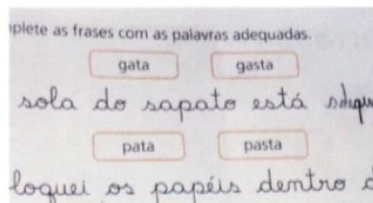
Cidade cercada de belezas naturais, Parintins, a ilha do Paraíso, se completa mesmo pelo povo que tem. Afinal, Parintins é repleta de personalidades e de mitos como seu Valdir Viana, famoso curandeiro; Dona Maria Ângela, a mulher que tem a casa e os objetos todos em vermelho em homenagem ao boi Garantido, ou até o sábio e folclorista Simão Pessoa, praticamente o engenheiro intelectual do bumba Caprichoso.

Recomendamos



Os 20 atores que são mais antipáticos com o público. Confira!

desafiomundial



[Fotos] Essas crianças deveriam ter levado um prêmio por essas respostas

desafiomundial



20 Fotos hilárias que provam que brasileiro precisa ser estudado!

desafiomundial



O segredo antirrugas da vovó que foi presa por aparentar ter 21

noticia-agora.com

ESCOLA ELZA ALBUQUERQUE
 PROFESSOR: UDIRLEI ANDRADE | LÍNGUA PORTUGUESA

GÊNEROS ILUSTRATIVOS



Fotografia

Gráfico



Infográfico

Tabela



Porcentagem da receita anual que podem ser gastos com o legislativo municipal

Faixa de habitantes	Regra anterior	Emenda n. 30	Municípios atingidos pela mudança
Até 100 mil	8%	7%	8.312
100 mil e um a 200 mil	7%	5%	174
200 mil e um a 500 mil	6%	6%	42
500 mil e um a 1 milhão		4,5%	34
1 milhão e um a 2 milhões	5%	4%	1
Acima de 2 milhões		3,5%	1
Total			8.564

JORNAL DO SENAC, Brasília, 23 set 4 de 2013, p. 3

ESCOLA ELZA ALBUQUERQUE DE LIMA
DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSOR: UDIRLEI ANDRADE

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DIÁRIA DO JORNAL

Danny Rubin, premiado autor e expert em comunicação para jovens da geração atual, e Assunta Ng, editora do jornal semanal Northwest Asian, listaram algumas razões para exemplificar a importância da leitura diária do jornal:



Fonte: www.gazetadopovo.com.br

- A leitura de notícias amplia nossa visão de mundo.
- A leitura de notícias favorece nossa criatividade.
- A leitura de notícias faz com que se aprenda algo novo a cada dia, retardando o envelhecimento.
- A leitura de notícias aprimora a linguagem e a escrita.
- A leitura de notícias dá ao leitor ferramentas para se conectar facilmente a pessoas.
- A leitura de notícias habilita o profissional a posições de liderança.
- A leitura de notícias é fonte de inspiração, conhecimento e descoberta de soluções para questões variadas.
- A leitura de notícias desenvolve a capacidade de argumentação tornando o indivíduo um comunicador à frente do seu tempo.
- A leitura de notícias forma o pensamento crítico.
- A leitura de notícias nos dá acesso ao esboço do que será história.

Fonte: Manual: Como fazer um jornal – Escola em pauta.

ESCOLA M.E.F. ELZA ALBUQUERQUE DE LIMA

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA

PROF. ESP.: UDIRLEI ANDRADE

OFICINA GÊNERO TEXTUAL – REPORTAGEM

Gênero Textual Reportagem

Você já notou que todas as atividades humanas estão relacionadas com a utilização da língua? O tempo todo estamos envolvidos em diversas situações em que a comunicação faz-se necessária, por isso, é natural que exista uma infinidade de gêneros textuais.

Os **gêneros textuais** estão a serviço das interações verbais, sejam elas orais ou escritas, e por esse motivo não podem ser considerados como estruturas textuais invariáveis. Embora dinâmicos e incontáveis, apresentam características que possibilitam sua sistematização, já que são enunciados que se assemelham temática, estilística e estruturalmente.

Entre os diversos gêneros, estão os gêneros jornalísticos, cuja função social é de grande relevância, haja vista a influência da mídia na contemporaneidade. Quando os textos do universo jornalístico são estudados a partir da visão de gênero, o entendimento das ações discursivas neles realizadas é facilitado. Para que você conheça melhor o discurso adotado pela mídia, o Brasil Escola apresenta para você algumas características do gênero textual reportagem. Vamos lá?

A reportagem:

► Os gêneros jornalísticos podem ser divididos em duas grandes categorias: os gêneros que compõem o jornalismo opinativo e os gêneros que constituem o jornalismo informativo. No jornalismo opinativo, as opiniões do autor do texto ficam explícitas; no jornalismo informativo, os textos têm como objetivo noticiar, ou seja, narrar acontecimentos. A reportagem é considerada pelos estudiosos da linguagem como um gênero “problemático”, já que não possui definição clara dentro do campo linguístico;

► Alguns estudiosos defendem que a reportagem nada mais é do que uma notícia ampliada, enquanto outros acreditam que se trata de um gênero autônomo. Entre os que defendem a primeira visão, a reportagem extrapola os limites da notícia, mas apresenta relação direta com o gênero. Para aqueles que acreditam ser a reportagem um gênero autônomo, ela não pode ser relacionada com a notícia, já que sua função não é a cobertura de um fato, ou seja, não possui caráter noticioso;

► O propósito comunicativo da reportagem é informar a respeito de um assunto, o que não significa que esse assunto esteja necessariamente relacionado com temas do momento. Para Patrick Charaudeau, teórico que estuda os discursos da mídia, a “reportagem jornalística trata de um fenômeno social ou político, tentando explicá-lo”. Esse fenômeno social sobre o qual o estudioso se refere diz respeito aos acontecimentos produzidos no espaço público e que são de interesse geral.

► A reportagem apresenta elementos que não são próprios do gênero notícia, entre eles o levantamento de dados, entrevistas com testemunhas e/ou especialistas e uma análise detalhada dos fatos. Embora preze pela objetividade, característica importante dos gêneros jornalísticos, a reportagem invariavelmente apresenta um retrato do assunto a partir de um ângulo pessoal, por isso, ao contrário da notícia, ela é assinada pelo repórter. Nesse gênero é comum encontrar também o recurso da polifonia, pois nele existem outras vozes que não a do repórter, por isso o equilíbrio entre os discursos direto e indireto. A finalidade maior da polifonia é permitir que o repórter aborde o tema de maneira global e, dessa maneira, isente-se da apresentação dos fatos.

Observe agora dois exemplos que vão ajudá-lo(a) a compreender melhor as diferenças entre reportagem e notícia. Boa leitura e bons estudos!

Reportagem:

Professores não falam de educação

TESE DE MESTRADO DEFENDIDA NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP) EXPÕE A FALTA DE VOZ DOS EDUCADORES NA MÍDIA

Por Cinthia Rodrigues

Os professores não contam para ninguém o que se passa dentro da escola – ao menos, não para jornalistas. Há cerca de 10 anos, desde que a ONG Observatório da Educação começou a acompanhar o tratamento dado pela mídia a políticas educacionais, o educador não tem voz nas reportagens sobre o tema. A cada novo índice ou política pública proposta, gestores falam, historiadores, economistas e acadêmicos opinam, mas educadores não são ouvidos.

O fenômeno, acompanhado por Fernanda Campagnucci desde 2007, quando era editora do site do Observatório da Educação, foi tema de mestrado defendido pela jornalista em 2014 na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). A dissertação “O silêncio dos professores” identifica e analisa o processo de construção desse silenciamento.

O trabalho mostra como os profissionais responsáveis por ensinar as pessoas a terem capacidades como autonomia, pensamento crítico e capacidade de reflexão sentem-se tolhidos a não falar sobre sua profissão e rotina. São figuras raras não apenas nas reportagens educacionais, mas no próprio debate sobre as medidas a tomar para que seu desempenho seja bom.

“É um silêncio construído e reiterado”, afirma Fernanda, que entrevistou dez profissionais de várias regiões da cidade de São Paulo para explicar por que não falam ou o que ocorre quando conversam com jornalistas. O estudo também ouviu jornalistas que comentam suas tentativas frustradas de entrevistas. A conclusão é de que os educadores não são silenciados propositalmente ou deixam de falar por convicção, mas por uma “impregnação na cultura institucional” que inclui fatores como condições de trabalho e autoimagem do professor.

Muitos citam que declarações à imprensa são proibidas por lei. De fato, até 2009, um resquício da ditadura, popularmente chamado de “lei da mordaca”, proibia as

entrevistas. Uma campanha do próprio observatório culminou na mudança da legislação, mas não do comportamento dos professores. "Mesmo os mais novos, quando entram, aprendem com os mais velhos que não devem falar do que acontece dentro da escola. Eles não citam exatamente o artigo, no máximo o estatuto do servidor sem ser específico", conta.

As entrevistas também mostraram que o cuidado é aprendido na prática. Dos dez professores, dois foram escolhidos por já terem falado em reportagens e um deles foi repreendido pela diretora. "Embora as secretarias de Educação afirmem que há liberdade de expressão, o trabalho para silenciar é explícito", diz Fernanda. Durante as greves estaduais, por exemplo, um comunicado dúbio reforça que não é permitido falar pelas instituições e acaba reprimindo qualquer fala. Da mesma forma, quando ocorre um caso pontual, como um episódio de violência, uma equipe de "gestão de crise" é enviada para "intermediar" o diálogo. Como resultado, nenhum professor comenta o assunto.

A desvalorização geral do educador também acaba por impactar subjetivamente o professor. "Ele vê reportagens que falam sobre educação e sabe que não é assim. Às vezes vive um conflito entre a realidade que vivencia e a que é retratada, mas acaba tão estigmatizado pela mídia, pela sociedade, até mesmo dentro da família que muda a sua autoimagem e aceita", lamenta a pesquisadora.

Outro problema é a precariedade do trabalho. A profissão tem grande número de profissionais temporários, contratados sem concurso e que são dispensados após alguns meses. Também são muitos os docentes em estágio probatório por terem sido aprovados há menos de três anos. Mesmo os que são efetivos têm pouco vínculo com a direção, pela alta rotatividade ou pela jornada que, não raro, estende-se por mais de uma escola. No Estado de São Paulo, por exemplo, 26% dos docentes lecionam em dois ou mais estabelecimentos. "Eles não se sentem seguros o suficiente, estão em um ambiente burocrático e sem vínculos fortes, por isso uma entrevista é algo tão difícil", explica a mestre.

Segundo sua pesquisa, depois de certo ponto da carreira, falar sobre o próprio trabalho passa a ser estranho para o professor que nunca tomou tal iniciativa. "A situação toda vai criando uma pré-disposição para não falar que depois se torna permanente ao longo da carreira."

O levantamento mostrou também que os casos de professores retratados em reportagens são exceções extremas, em que os educadores aparecem como heróis apesar de um contexto ruim ou como responsáveis pela má qualidade na Educação, de forma isolada. A constatação deu origem à campanha "Nem herói nem culpado, professor tem que ser valorizado", do mesmo Observatório da Educação. "Estas reportagens reforçam ainda mais a visão de que os educadores em geral não estão preparados."

Para ela, apesar de todos os setores da sociedade e especialmente os governos desempenharem um papel de protagonista no silêncio, educadores e jornalistas podem ajudar a romper o ciclo vicioso. Por parte da imprensa, Fernanda diz que é preciso enfocar a falta de liberdade de expressão. "A mídia não pode naturalizar o silenciamento dos professores nem deixando de procurá-los e nem em respostas como

'não respondeu à reportagem'. Quanto mais for enfatizada a razão dos educadores não constarem nos textos, maior a visibilidade para este problema", diz.

Ao mesmo tempo, ela acredita que o tema deve constar das formações continuadas dentro das escolas e servir de reflexão para os educadores. "Todo esforço para mostrar a realidade influencia para que haja mudanças. É um processo amplo, que envolve questões objetivas e subjetivas do educador sobre o seu papel. O primeiro passo é tomar consciência", conclui.

Disponível em: Carta na Escola. Acesso em 15/04/15.

Notícia:

PROFESSORES DE SÃO PAULO DECIDEM MANTER GREVE

Paralisação iniciada em março teve continuidade aprovada em assembleia com 20mil pessoas

Os professores estaduais de São Paulo que estão em greve desde o dia 16 de março decidiram manter a paralisação em assembleia realizada nesta sexta-feira (10). A greve já dura 28 dias e terá a continuidade votada novamente na próxima assembleia do dia 17 de abril. O encontro será realizado na avenida Paulista. A categoria também planeja uma nova manifestação para a próxima quarta-feira (15).

A passeata organizada pelos professores depois do encontro de ontem reuniu 20 mil pessoas na zona sul de São Paulo, por volta das 17h40, de acordo com a Polícia Militar. Os docentes reivindicam 75,33% de aumento salarial como necessário para a equiparação salarial com os profissionais de ensino superior completo (como determina o Plano Nacional de Educação).

Além disso, exigem a plena aplicação da jornada do piso, a reabertura de classes fechadas, o imediato desmembramento das salas superlotadas, uma nova forma de contratação de professores temporários, aumento do vale-transporte e refeição, transformação do bônus em reajuste salarial e água em todas as escolas para todos.

Disponível em: Notícias R7. Acesso em 15/04/15

Por Luana Castro
Graduada em Letras

Gostaria de fazer a referência deste texto em um trabalho escolar ou acadêmico? Veja:

PEREZ, Luana Castro Alves. "Reportagem"; *Brasil Escola*. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/redacao/a-reportagem.htm>>. Acesso em 15 de junho de 2018.

<https://brasilecola.uol.com.br/redacao/a-reportagem.htm>

ESCOLA ELZA ALBUQUERQUE DE LIMA
DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSOR: UDIRLEI ANDRADE

MENINO DE 12 ANOS É VÍTIMA DE BULLIYNG EM ILHABELA
Mãe do menor diz que procurou o Conselho Tutela e que esperava uma posição mais firme da escola.

A vítima, um menino de 12 anos, diz que estava recebendo provocações e ameaças desde o início do ano. Até que os colegas mais velhos partiram para agressões.

"A primeira vez me tacaram no lixo. A segunda me deram bolada e a terceira foi o tapão na cara", diz o aluno.

A mãe dele, que prefere não se identificar, procurou a escola. Ele esperava que a instituição tomasse providências.

"Todos os dias eu ligo pra escola, quando não é na hora do intervalo eu ligo um pouquinho antes da saída. Não estou vendo assim um resultado, uma preocupação. Pra eles é uma coisa corriqueira de criança, mas isso não é não. Isso é Bullying", diz a mãe do aluno.

A escola é particular e fica no bairro Barra Velha em Ilhabela. A entrada da equipe da TV Vanguarda não foi autorizada na escola, nem a direção quis receber a equipe. Foi realizada uma reunião entre os pais dos alunos envolvidos para entender melhor o caso. Segundo o advogado da instituição, a partir de agora serão tomadas algumas medidas necessárias.

"Se houve algum tipo de infração nós tomamos as medidas inicialmente de advertência, suspensão e até a transferência compulsória", diz o advogado da escola Silas D'Ávila Silva.

A mãe do menino agredido não concordou com a postura da escola na reunião.

"Não adianta pedir desculpas, eu quero que a coordenação da escola tenha realmente um pulso firme ali pra ver exatamente o que tá acontecendo, porque o problema não tá em uma criança. O problema tá em um grupo, em um todo e que eu acho que a coordenação da escola ta falhando nisso. Eu procurei, sim, o

Conselho Tutelar, já tomei todas as medidas cabíveis e vou continuar", diz a mãe.

A escola, também por meio do advogado, informou que ainda não considera o caso como sendo de Bullying. E que desenvolve atividades para evitar conflitos no ambiente escolar.

"Esse assunto é tratado com os alunos com palestras, filmes e um trabalho constante da própria coordenação da instituição no sentido de coibir, fiscaliza e chamar a atenção de quem estiver agindo de forma diferente", diz Silas.

O aluno disse que não conhece esses trabalhos.

"Ninguém ensinou que não podia fazer. Ninguém tratou isso, Bullying", diz o aluno.

"Foi uma bolada, um bofetão, amanhã pode ser coisa mais grave, pior né? Muito pior como a gente vê acontecendo aí"

A produção da TV Vanguarda procurou o conselho tutelar de Ilhabela. A recomendação em casos como esse é, primeiro, procurar a Diretoria de Ensino responsável pela escola envolvida. No litoral, a diretoria fica em Caraguatatuba. O Conselho Tutelar também pode ser procurado, para acompanhar o caso e orientar a vítima e os agressores psicologicamente. Em casos mais extremos, o próprio Conselho Tutelar pode registrar um Boletim de Ocorrência na polícia. Se os pais preferirem, eles mesmos podem ir até a delegacia para registrar a queixa.

Fonte: <http://bullying-ciaatoresdemar.blogspot.com/2012/04/menino-de-12-anos-e-vitima-de-bullying.html>

ESTRUTURA DA NOTÍCIA

Estrutura da Notícia

Estrutura	Definição	
<i>Antetítulo</i>	Surge antes do título e pormenoriza-o. É facultativo.	
1. Título	Encontra-se no início, destacando com letras maiores e/ou de cor diferente. Deve ser breve, atractivo e esclarecer sobre o assunto.	
<i>Subtítulo</i>	Surge depois do título e pormenoriza-o. É facultativo.	
2. Lead	Corresponde ao 1º parágrafo da notícia e deve corresponder às seguintes questões:	Quem?
		O quê?
		Onde?
		Quando?
		Como?
		Porquê?
3. Corpo da notícia	É o resto do texto que desenvolve o assunto. Tenta responder às seguintes questões:	Consequências?
		Fontes da notícia.

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/845128686295599221/>

EXERCÍCIO

Indique no lead da notícia as informações que se pede:

- O que aconteceu
- Onde aconteceu
- Quem são os envolvidos
- Quando aconteceu

Por que podemos afirmar que o garoto de 12 anos sofreu bullying?

Responda:

O texto apresenta vários depoimentos dos envolvidos no caso. Cite o nome das pessoas que deram os depoimentos presentes no texto:

- Depoente 01
- Depoente 02

Depoente 03

Depoente 04

Explique qual é a importância de se apresentar os depoimentos na notícia.

Estudamos que todo texto é produzido com uma determinada função, um determinado objetivo específico.

Qual a função dessa reportagem?

Releia: "Se houver algum tipo de infração nós tomamos as medidas inicialmente de advertência, suspensão e até a transferência compulsória".

Justifique o emprego das aspas nesse trecho.

PROGRAMAÇÃO

27 Tribodromo
Apresentação das Tribos Muirapinima e Munduruku Mirim
Tico Santa Cruz
DJ. Junior Lima

28 Tribodromo
Ensaio Técnico das Tribos
Banda Soyana
Gui Estourado

29 Arena Cultural- Praça
1ª ARA TRIBAL
Show com Bandas Locais
Tribodromo
Tribu Munduruku
Tribu Muirapinima

30 Tribodromo
Apuração do Resultado

XXIII FESTIVAL FOLCLÓRICO DAS TRIBOS INDÍGENAS DE JURUTI

FESTRIBAL 2017
A CELEBRAÇÃO INDÍGENA DA AMAZÔNIA

27, 28, 29 e 30 de Julho

Logos: LINC, Alcoa, PREFEITURA, MINISTÉRIO DA CULTURA, BRASIL

O FESTRIBAL

O Festival nasceu de uma ramificação do Festival Folclórico de Juruti onde apresentavam cordeões de passaros, quadrilhas, bumba-meu-boi e carimbó.

Em 1993, surge uma dança indígena de nome "Tribu Munduruku mesmo tendo coreografia indígena competiu este ano com o grupo folclórico Ou Vai ou Racha (que se apresentava com mesclagens de danças como carimbó, rache, quadrilhas e outros) Sendo que o resultado oficial foi empate neste ano.

Em 1994, não houve competição entre o grupo folclórico ou vai ou racha e a Associação folclórica Tribu Munduruku, as duas não se apresentaram no festival folclórico de Juruti e realizaram apresentações separadas. O grupo Folclórico Ou vai Ou racha apresentou-se na quadra da praça da república e a Associação Folclórica Tribu Munduruku na quadra da Escola Estadual Deputado Américo Pereira Lima.

Em 1995, a Professora Aurecilia da Silva Andrade ministrava a disciplina de técnicas de redação e expressão e solicitou aos alunos um trabalho sobre tribos indígenas, apresentando em forma de dança e coreografias indígenas na quadra da escola, denominada dança do fogo. A apresentação teve boa repercussão e público, neste mesmo ano no mês de julho o grupo de dança foi convidado a se apresentar no festival folclórico de Juruti denominando-se como tribu Muirapinima gerando oficialmente a primeira competição entre as tribos Munduruku e Muirapinima.

A festa retrata a cultura indígena em forma de música, artes cênicas, alegorias e danças. O modo de vida do caboclo, os rituais indígenas, o pescador e o farinhaero são algumas das inspirações do festival.

Atualmente o Festival Folclórico das Tribos Indígenas de Juruti conhecida popularmente por Festrival, é considerado um importante instrumento de fomento ao turismo na região. É um evento democrático de ampla participação popular que incentiva a expressão artística e contribui para a difusão da cultura e desenvolvimento regional, contando com elementos indígenas, da fauna local e musicalidade própria. Fortalecendo como uma das maiores manifestações culturais do Estado do Pará, pois é um evento que agrega criatividade, originalidade e autenticidade, desta forma visa a valorização da produção artesanal, o turismo, a cultura indígena, os artistas locais e regionais, dentre outros, também em decorrência da grandeza do evento que tem uma participação quase na sua totalidade da população de Juruti.

Desde 2008 o Festival Folclórico das Tribos Indígenas de Juruti é considerado Patrimônio Cultural do Pará pela Lei Estadual nº 7.112 de 19 de março e pela Lei Municipal nº 1.010 de 23 de setembro de 2011, foi declarado e reconhecido como Patrimônio Cultural do Município de Juruti.

Sua realização ocorre no último final de semana do mês de julho, onde as duas tribos Muirapinima (Azul e Vermelho) e Munduruku (Amarelo e Vermelho) são responsáveis por um verdadeiro espetáculo a céu aberto em um espaço cultural denominado Tribodromo, o qual as tribos se preparam durante o ano para fazer uma apresentação de 3 horas de duração, onde é recriado um cenário totalmente folclórico voltado a

cultura indígena, com apresentações de coreografias contemporâneas, gigantescas alegorias, indumentárias, itens individuais, músicas de composição de artistas locais e regionais, artes plásticas, designer, show pirotécnico, lendas amazônicas, musicalidade e outros aspectos culturais.

Com isso a arte da criação tem como fundamento o fortalecimento a tradição indígena, sempre valorizando a cultura local, dando oportunidades aos que buscam na arte um modo de vivência diferente promovendo a interação social, inclusão e sustentabilidade.

O XXIII Festival Folclórico das Tribos Indígenas de Juruti com o tema "Celebração Indígena da Amazônia" acontece no período de 27, 28, 29 e 30 de Julho de 2017.

TRIBU MUNDURUKU

Os Munduruku habitavam na região dos Rios Madeiras e Tapajós, devidos a várias lutas travadas com outros povos mudaram-se chegando as nossas terras por volta de 1818 acontecendo assim a fundação do Município de Juruti, praticavam a pesca, a caça, a agricultura e outras atividades, adoravam rairi seu grande deus protetor, desta forma Juruti é considerada o berço Munduruku.

O Grupo Folclórico "TRIBU MUNDURUKU" foi fundada no dia 04 de julho de 1993, liderados por Carmen Barroso, Adercias Batista e Jim Jones Batista, com objetivo de resgatar os valores do folclore local, em forma de dança indígena, cênicas e rituais. O nome dançar pelos primeiros habitantes do Município que eram os índios Munduruku.

Em sua trajetória o Grupo Folclórico Munduruku, proporciona uma viagem de mistérios e originalidade aos místicos antepassados da tribu Munduruku, sendo que todos os espetáculos são intitulados como forma de reverência, através de sua dança, rituais, tradições e sabedoria. Em 2017, apresentará o espetáculo "O Mistério dos Pajés."

TRIBU MUIRAPINIMA

A Associação Folclórica Cultural e Recreativa "TRIBU MUIRAPINIMA" apresentou-se pela primeira vez no dia 17 de junho de 1995, como atração no arraiá da Escola Estadual de Ensino Fundamental Deputado Américo Pereira Lima. A promoção do evento tinha como objetivo angariar fundos para a construção do piso das salas de aula. O Grupo Folclórico apresentou-se com o ritual denominado "O feitiçeiro".

Em julho do mesmo ano a Comissão do X Festival Folclórico de Juruti, enviou convite para que o grupo participasse do evento, o qual fez sua apresentação no dia 27 de julho de 1995, competindo pela primeira vez com a tribo adversária. Tendo como coordenadoras as professoras, Aurecilia da Silva Andrade e Sebastiana Picanço da Silva, com o apoio de pessoas interessadas e incentivando a juventude a criar e conhecer suas raízes.

Muirapinima é nome da Tribo que habitava as margens do Lago Juruti Velho e que deu origem a vila de mesma denominação. Muirapinima também é o nome de uma espécie arbórea, madeira de lei, abundante na região, cuja madeira é de

uma beleza impar, sendo este um dos motivos dos índios se autodenominarem com este nome, em homenagem a esta árvore, numa clara demonstração de amor a natureza.

Visando aprofundar a coleta de informações sobre os costumes, tradições e identificar remanescente da tribo, uma equipe deslocou-se aquela região, mantendo contato com antigos moradores da vila, e com base nos dados fornecidos pelos Senhores Manduquina, descendente da Tribu Jurupixuna e José Avelino Mateus, nascido em 26.02.1901, descendente da Tribu Arara, que chegou à região com 17 anos, o qual casou-se com uma descendente Muirapinima, montou-se a história desse povo heróico, primitivos habitantes da região do Juruti-velho.

A partir da pesquisa realizada, buscou-se apresentar uma tribo com característica de nossos antepassados, reunindo os aspectos tradicionais e culturais. Utilizando som original do povo indígena indumentárias, adereços, rituais e alegorias, procurando transmitir com fidelidade os costumes, crenças e lendas dos ancestrais amazônicos, além de aproveitamento dos recursos naturais.

O objetivo do grupo folclórico formado e denominado Tribu Muirapinima era despertar a consciência crítica, o reconhecimento da descendência de um povo bravo, guerreiro, valorizando as raízes indígenas e defendendo seus direitos.

Em 2017 desenvolverá na arena o tema "A Mística da Vida."

TÍTULOS DO FESTRIBAL

MUNDURUKU	MUIRAPINIMA			
1995	1996	1997	1998	1999
2000	2001	2002	2003	
2004	2005	2006	2007	2008
2009	2010	2011	2012	
2013	2014	2015	2016	?

2017 - 11


MINISTÉRIO DA CULTURA E PREFEITURA DE JURUTI APRESENTAM:

XXIV
FESTIVAL FOLCLÓRICO DAS
TRIBOS INDÍGENAS
DE JURUTI
26, 27 e 28 de Julho


2018
"ENSINAMENTO: O LEGADO DA CULTURA INDÍGENA."



MUIRAPINIMA X MUNDURUKU



Tribo Muirapinima





Visando aprofundar a busca de informações sobre os costumes, tradições e identificar remanescentes da tribo, uma equipe deslocou-se naquela região, mantendo contato com amigos miradores de lá, e com base nos dados fornecidos pelos senhores Manoelzinho, descendente da tribo Iurupuna e José Avelino Mateus, nascido em 24.02.1901, descendente da Tribo Arara, que chegou à região com 14 anos e qual casou-se com uma descendente Muirapinima, montou-se a história desse povo herdeiro primitivo. Habitantes da região do Açu.

A partir da pesquisa realizada, buscou-se representar uma tribo com características de nossos antepassados, reunindo os aspectos físicos e culturais, utilizando sem original do povo indígena, indumentária, adereços, máscaras e alegorias, procurando transmitir com fidelidade os costumes, crenças e tradições centrais amazônicas, além de aproveitamento dos recursos naturais.

O objetivo do grupo folclórico formado e denominado Tribo Muirapinima era despertar a consciência crítica, o reconhecimento da importância de um povo bravo, guerreiro, valorizando as raízes indígenas e defendendo seus direitos.


Em 2018 desenvolverá na arena o tema "AMAZÔNIA SATERÉ MAWÉ: "A ESSÊNCIA DA VIDA"





Títulos do Muirapinima

1998	2000	2001	2002	2003
2005	2006	2009	2011	2012
2013	2017			



HISTÓRICO DA TRIBO MUIRAPINIMA

A Associação Folclórica Cultural e Recreativa "TRIBO MUIRAPINIMA" apresentou-se pela primeira vez no dia 17 de junho de 1995, como atração no arraial da Escola Estadual de Ensino Fundamental Deputado Américo Pereira Lima. A promoção do evento tinha como objetivo angariar fundos para a construção do piso das salas de aula. O Grupo Folclórico apresentou-se com o ritual denominado "O feitiçeiro".

Em julho do mesmo ano a Comissão do X festival Folclórico de Juruti, enviou convite para que o grupo participasse do evento, o qual fez sua apresentação no dia 27 de julho de 1995, competindo pela primeira vez com a tribo adversária. Tendo como coordenadoras as professoras, Aurecilia da Sílvia Andrade e Sebastiana Picanço da Silva, com o apoio de pessoas interessadas e incentivar a juventude a criar e conhecer suas raízes.



O FESTRIBAL

O Festribal nasceu de uma ramificação do Festival Folclórico de Juruti onde apresentavam cordões de pássaros, quadrilhas, bumba-meu-boi e carimbó.

Em 1993, surge uma dança indígena de nome "Tribo Munduruku's mesmo tendo coreografia indígena competiu este ano com o grupo folclórico Ou Vai ou Racha (que se apresentava com mesclagens de danças como carimbó, xote, quadrilhas e outros) Sendo que o resultado oficial foi empate neste ano.

Em 1994, não houve competição entre o grupo folclórico ou vai ou racha e a Associação folclórica Tribo Munduruku's, sendo que as duas não se apresentaram no festival folclórico de juruti, e realizaram apresentações separadas. O grupo Folclórico Ou vai Ou racha apresentou-se na quadra da praça da republica e a Associação Folclórica Tribo Munduruku na quadra da Escola Estadual Deputado Américo Pereira Lima.

Em 1995, a Professora Aurecilia da Silva Andrade ministrava a disciplina de técnicas de Redação e expressão e solicitou aos alunos um trabalho sobre tribos indígenas. O trabalho foi apresentado em formas de danças e coreografias indígenas na quadra da escola, denominada dança do fogo. A apresentação teve boa repercussão e público, neste mesmo ano no mês de julho o grupo de dança foi convidado a se apresentar no festival folclórico de juruti denominando-se como tribo Muirapinima, gerando oficialmente a primeira competição entre as tribos Munduruku's e Muirapinima.

A festa retrata a cultura indígena em forma de música, artes cênicas, alegorias e danças. O modo de vida do caboclo, os rituais indígenas, o pescador e o farinheiro são algumas das inspirações do festival.



Atualmente o Festival Folclórico das Tribos Indígenas de Juruti conhecida popularmente por Festribal, é considerado um importante instrumento de fomento ao turismo na região. É um evento democrático de ampla participação popular que incentiva a expressão artística e contribui para a difusão da cultura e desenvolvimento regional, contando com elementos indígenas, da fauna local e musicalidade própria. Fortalecendo como uma das maiores manifestações culturais do Estado do Pará, pois é um evento que agrega criatividade, originalidade e autenticidade, desta forma visa a valorização da produção artesanal, o turismo, a cultura indígena, os artistas locais e regionais, dentre outros, também em decorrência da grandeza do evento que tem uma participação quase na sua totalidade da população de Juruti.

Desde 2008 o Festival Folclórico das Tribos Indígenas de Juruti é considerado Patrimônio Cultural do Pará pela Lei Estadual nº 7.112 de 19 de Março de 2008 e desde 2011 pela Lei Municipal nº 1.010/2011 de 23 de setembro de 2011, foi declarado e reconhecido como Patrimônio Cultural do Município de Juruti.

Sua realização ocorre no último final de semana do mês de julho, onde as duas tribos Muirapinima (Azul e Vermelho) e Munduruku's (Amarelo e Vermelho) são responsáveis por um verdadeiro espetáculo a céu aberto em um espaço cultural denominado Tribodromo, o qual as tribos se preparam durante o ano para fazer uma apresentação de 3 horas de duração, onde é recriado um cenário totalmente folclórico voltado a cultura indígena, com apresentações de coreografias contemporâneas, gigantescas alegorias, indumentárias, itens individuais, músicas de composição de artistas locais e regionais, artes plásticas, designer, show pirotécnico, lendas amazônicas, musicalidade e outros aspectos culturais.

Com isso a arte da criação tem como fundamento o fortalecimento a tradição indígena, sempre valorizando a cultura local, dando oportunidades aos que buscam na arte um modo de vivência diferente promovendo a interação social, inclusão e sustentabilidade.

O XXIV Festival Folclórico das Tribos Indígenas de Juruti com o tema ENSINAMENTOS: "O LEGADO DA CULTURA INDÍGENA" acontece no período de 26, 27, 28 e 29 de Julho de 2018.

Buse Buse II

Histórico da Tribo Munduruku's

Os Munduruku habitavam na região dos Rios Madeiras e Tapajós, devidos a várias lutas travadas com outros povos mudaram-se chegando as nossas terras por volta de 1818 acontecendo assim a fundação do Município de Juruti, praticavam a pesca, a caça, a agricultura e outras atividades, adoravam rairú seu grande deus protetor, desta forma Juruti é considerada o berço Munduruku.



Tribo MUNDURUKU



O Grupo Folclórico "TRIBO MUNDURUKU'S" foi fundada no dia 04 de julho de 1993, liderados por Carmen Barroso, Adercias Batista e Jim Jones Batista, com objetivo de resgatar os valores do folclore local, em forma de dança indígena, cênicas e rituais. O nome deu-se pelos primeiros habitantes do Município que eram os Índios Munduruku's.

Em sua trajetória o Grupo Folclórico Munduruku's, proporciona uma viagem de mistérios e originalidade aos místicos antepassados da tribo Munduruku's, sendo que todos os espetáculos são intitulados como forma de reverência, através de sua dança, rituais, tradições e sabedoria. Em 2018, apresentará o espetáculo "AMAZÔNIA DOS CASICADOS A PROFECIA DAS SAVANAS"

Títulos do Munduruku

1995	1996	1997	1998	1999
2000	2004	2006	2007	2008
2010	2012	2014	2015	2017





PREFEITURA DE
JURUTI

MINISTÉRIO DA CULTURA E PREFEITURA DE JURUTI APRESENTAM:

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



Patrocínio:



Realização:



MINISTÉRIO DA
CULTURA

**GOVERNO
FEDERAL**